



**NOME DO PROJETO: "Contos da Minha Terra"**

**AUTORA: Maria Conceição Pereira**

TRÊS MULHERES  
E  
UMA CASA

“A minha vida bem contada, faz chorar uma calçada.”

Desde pequena que eu ouvia as pessoas dizerem esta frase quando se sentiam tristes, angustiadas, muitas vezes sem saberem o que fazer da vida. Mas só enquanto estamos vivas é que nos queixamos da vida, porque os que morrem já não nos dizem nada. Assim aconteceu com o meu pai e a minha mãe, que morreram ainda novos, quando eu mais precisava deles, e aí fiquei, com vida, mas sem saber o que fazer dela e ainda tenho de encarar-me com aquele filho da peste do meu cunhado. Tremo toda por dentro só de pensar o que ele é capaz de fazer, sobretudo ao meu filho. Mas não posso mostrar fraqueza para ele não se sentir forte.

- André, vem com a mamã. Vem, amor!

- Vem com a mamã! Ai! A madame! Sua puta. Vai pr'ao Trapiche, sua louca. Havias de ter ficado lá, sua puta. Inda vieste pra aqui, ocupar a casa, com esse filhinho da puta.

- A casa também é minha. Era a casa do meu pai e da minha mãe e eu também tenho a minha parte.

- Tu tens a quinta parte e moras na casa toda!

- Os meus irmãos emprestaram-me a parte deles!

- Sua puta, sua cadela, andas por aí a vender o corpo, a fazer filhos, e ainda vens morar naquilo que é nosso!

- Meu irmão Francisco compra a parte da Maria, de vocês, é só pões o preço.

- Eu não tenho nada pra vender. Sai mas é daqui com esse filhinho da puta.

- Vem, amor, vamos pra casa.

- Sua cabra! Sua puta! Sua louca! Vai pr'ao Trapiche!

Eu tenho que ser forte. Tenho um filho pra criar. Vou tomar aquele comprimido forte, durmo bem e amanhã vou trabalhar. É pronto! Não hei-de ir de novo pr'ao internamento. Pr'ao Trapiche, como ele diz.

Minha irmã devia ser mais amiga de mim, defender-me e não lhe dar razão. Mas não. Ela também diz que tem a sua parte na casa e que eu estou a ocupar a parte dela. Meu irmão Francisco comprava o quinhão dela, mas a peste do Agostinho não quer vender, só pra me maltratar. Ele quer é destruir-me. Sempre a ofender, a me meter medo... Aquele cão! Que me desonrou! Eu nunca disse isto a ninguém, mas ainda tenho essa dor aqui dentro. Por causa daquele animal tive que ir trabalhar para aquela casa, empregada doméstica, pra sair daqui, com medo que ele me agarrasse de novo. E por causa disso as minhas dores aumentaram, as minhas tristezas e tormentos. Mas não vou pensar nisso. Tenho um filho que é a minha alegria, a única alegria que tenho na vida. Se não fosse o meu menino eu já não estava aqui.

A minha desgraça começou com aquele maldito acidente. Perdi minha mãe, meu pai no hospital muito mal e aquele peste do diabo ainda se aproveitou de mim. Apanhou-me só em casa... Mas a verdade, verdadinha, é que depois disso, tenho conseguido safar-me dele e hoje, mesmo que ele me chame louca e puta, faço-lhe frente, ou seja, não tem de mim o que quer. Quando ele viu que já não tínhamos pai nem mãe pensou que podia fazer o que quisesse. Minha irmã já estava grávida e ele queria fazer o mesmo comigo. Queria tudo por conta dele. Aquele estupor, filho da peste.

Eu andava cheia de medo dele e um dia, pus-me a pensar, fui a casa de minha madrinha e pedi-lhe que me ajudasse a encontrar trabalho. Queria trabalhar fora e ganhar o meu dinheiro.

- Mas o que é que tu queres fazer?

- Sei lá. Talvez empregada doméstica.

- E teu pai? Como é que ele está? Quando ele sair do hospital precisa de alguém que cuide dele. Tua irmã vai se casar.

- Pois, minha irmã vai se casar e eu não quero ficar sozinha em casa. Meu pai está muito mal e decerto já não volta mais pra casa.

- Bom, mesmo que teu pai não volte mais ainda tens o teu irmão.

- Ah! José diz que vai pra Inglaterra. Um amigo dele vai arranjar-lhe um contrato de trabalho. Está a ver. Se meu pai faltar e José embarcar eu fico sozinha. Maria já tem a casa dela quase pronta, portanto, casa-se de caminho.

- A Maria e o Agostinho fizeram a casa na terra de teu pai?

- Pois, eles ficaram com uma parte das terras de meu pai onde fizeram a casa.

- Então eles já têm o seu quinhão e o resto devia ser pra ti e teus irmãos.

- Isso é o que dizem os meus irmãos, mas Maria e Agostinho dizem que pagaram aquela terra a meu pai e que o resto também é deles.

- Também não é muito. A casa é pequena e uns bocadinhos de terra...

- É. Eles ficaram com a melhor terra e ainda querem a sua parte do resto. Mas eu agora não quero pensar nisso. Se eu arranjar uma casa para trabalhar, saio daqui e fico livre de brigas.

Ora, o que eu queria mesmo era sair dali, pois sentia terror em ficar só em casa, com o Agostinho por perto, sabendo que eu estava ali, sem companhia e sem saber como livrar-me dele.

E logo chegou a notícia da morte de meu pai. Enterrou-se numa maldita sexta-feira, numa tarde ensombrada, molhada e ventosa. Foi o dia mais negro da minha vida. Já tinha perdido minha mãe e agora ia-se meu pai. Chorei amargamente agarrada ao caixão, agarrada à terra, agarrada ao colchão da minha cama. Parecia que o mundo tinha escurecido, só via um buraco negro à minha volta, não tinha vontade para nada.

Passaram-se dois dias, três dias, não sei bem, minha madrinha telefonou-me, fui ter com ela, e lá fomos a casa de uma senhora que tinha posto um anúncio para uma empregada doméstica. Minha madrinha tratou de tudo com a senhora, eu voltei a casa buscar as minhas roupinhas e ainda nesse dia fui trabalhar para aquela família. Tinha um quatinho minúsculo naquele canto, mas tive de aceitar e fui me acostumando àquilo.

Tinha de arrumar a casa e fazer as limpezas como a senhora queria, cozinhar e passar a ferro a roupa daquela gente toda: marido, mulher, um filho e duas filhas. De dia cuidava da casa, do quintal e cozinhava; de noite passava a ferro, enquanto eles viam televisão, passeavam e se divertiam.

Eu trabalhava muito, mas não tinha outras preocupações. Agora tenho um filho para criar e educar. Tenho de lutar sobretudo por ele, que não tem mais ninguém e eu também não tenho mais nada que me prenda à vida. É por ele que aqui estou.

- Ana! Ana!

- Quem será? Quem é?

- Abre! Pelo amor de Deus!

- Celeste!?! Entra! O que foi isso?

- Daniel vem atrás de mim. Se ele bater, não abras a porta, pelo amor de Deus.

- Vem cá, Celeste, anda pra cozinha. Vou apagar esta luz e fazer de conta que estou a dormir. Do caminho não se vê a luz da cozinha. Mas o que foi isto?

- Se eu não fugisse ele matava-me! Parece que está louco!

- Devias ir ao hospital.

- Pelo amor de Deus! Deixa-me ficar aqui até aquele cão se acalmar.

- E os teus filhos?

- Ora, o Fernando foi pra a Inglaterra. Ele sempre me defendia, quando estava em casa não deixava o pai me bater, mas agora estou sozinha com a pequena e todos os domingos é isto. Vai bebendo na tasca e vem para casa naquele estado.

- Porque é que não vais para casa de tua mãe ao domingo, se já sabes que ele chega assim?

- Um domingo fiz isso, mas olha, ele foi para lá, fez uma desordem, minha mãe já não tem idade nem saúde para aguentar aquilo, começou a ficar agoniada e eu tive de ir para casa. Se tu visses! Fui a levar porrada da casa de minha mãe até à minha. E quando cheguei a casa ainda levei mais. Mas hoje ele ainda está pior, parece um demónio! Só lhe falta os cornos e o rabo pendurado!

- E a tua filha?

- Ao domingo, a Marta foge de casa antes que ele chegue. Está em casa de minha mãe. Ele chegou a casa, começou a partir tudo e a jogar para cima de mim, depois jogou a comida, o jantar que eu tinha guardado para ele e de seguida começou a me bater de soco e pontapé. Eu comecei a gritar e chamei a Teresa, a que mora em frente. Ele pensou que ela vinha defender-me, recuou e eu safei-me. Mas entretanto ele viu-me a descer o caminho e começou a correr atrás de mim. Só que ele não sabe se eu fui pr' ao lado da Igreja ou se vim pra este lado.

- Segura aqui o gelo no olho que eu vou espiar. Hum, vem ali um vulto... Já vem daquele lado... Talvez seja ele. É o Daniel! Veio pelo caminho de terra, parou ali perto, no cruzamento... Vai embora! Vai para o lado da vossa casa.

- Graças a Deus!

- Vou desinfetar-te isto e vai-se continuar a pôr gelo. Tu tens mas é de largar aquele bandalho!

- Mas como? Pra onde é que eu vou?

- Há-de haver alguma solução!

- E vou abandonar a minha casa? Meu pai, Deus lhe dê o céu, deu-nos aquele bocadinho de terra, fizemos a nossa casinha e temos o nosso cantinho. Se aquele maldito não bebesse tanto, podíamos ter a nossa casa num brinquinho, mas...

- De que é que serve teres uma casa num brinquinho se não podes dormir descansada lá dentro?!

- É verdade! E eu trabalhei tanto! Acartei areia, cimento, blocos. Depois acartei massa para eles levantarem as paredes. Sei lá? E agora não posso estar em casa.

- Acho que devias ir ao hospital e à polícia.

- Estás louca! Ele matava-me!

- Mas também assim não pode ser!

- Olha, deixa-me ficar aqui em qualquer cantinho e amanhã cedo ele já está melhor.

- Tu é que sabes, mas acho que não devias deixar ele te maltratar.

- O que é que eu hei-de fazer? É a minha sorte!

- Eu também ainda não sei o que fazer da minha vida, mas hei-de dar um jeito.

- Tu é que estás bem. Vives só com o teu filho, não tens nenhum desgraçado a te moer o juízo.

- Isso é o que tu dizes. Bom, mas não te preocupes comigo. Olha toma este comprimido para aliviar as dores.

- O gelo está me fazendo bem.

- Vá, toma este comprimido e deita-te ali, na minha cama. Eu durmo com o meu filho.

- Não é preciso. Vais dormir mal por minha causa.

- Deita-te aí e vê lá se dormes. Eu fico bem ali com o André. Já tomei os meus medicamentos, agora tenho de me deitar e dormir. Isso é um remédio forte, é bom para descansar e esquecer.

- Oxalá que eu durma, pra não sentir as dores do corpo e da alma.

Ainda não tinha amanhecido quando a Celeste se levantou e foi pra sua casa fazer o almoço para o marido levar para o trabalho. Eu tenho uma vida desgraçada, mas a da Celeste ainda é pior. Aturar um marido bêbedo, violento, gasta quase tudo o que ganha nas tascas, e vai para casa maltratar a mulher que cava, planta, rega, cuida dos animais, borda, põe-lhe comida e roupa lavada e ainda leva pancada e ouve as ordinarices que lhe deita na cara. É tão triste nascer mulher!

Eu também quero melhorar a minha vida, ver-me livre do estupor do Agostinho, mas estou no meu cantinho e ele não tem o direito de entrar aqui dentro como gostava. Isso é o que ele queria, mas eu agora tenho quem me esclareça sobre as leis. Tornei a falar com meus irmãos por causa desta casa, gastei um dinheirão de telefone para falar com José para Londres e com Francisco e Jesuíno para a Venezuela, mas eles não estão muito interessados em levar o assunto para o Tribunal. Francisco ainda propôs há tempos a minha irmã que comprava a parte dela, mas o peste do marido não quer vender. Claro! O estupor do Agostinho quer ter o pé de dizer que também tem uma parte nesta casa. O maldito! O meu patrão está disposto a ajudar-me no processo, mas os meus irmãos estão longe e não se dão à maçada de entrar num processo de partilhas. Mas eu estou desejosa de dar uma solução nisto. O Senhor Doutor diz que é preciso dividir os bens dos meus pais, fazer uma carta de partilhas e cada um fica a saber o que é seu. No meu entender, e assim é que é certo: Maria fica inteirada na terra onde eles fizeram a casa e o resto fica para mim e meus irmãos. Mas eu não posso fazer isto sozinha. Se meus irmãos me apoiassem, a praga do Agostinho ia ficar a chuchar no dedo, em vez de andar aí a cantar de galo. Galo-palheiro duma figa. Mas eu ainda vou conseguir ensiná-lo.

Ora, vinha eu do meu trabalho, a correr, porque tinha de tomar conta do meu menino no infantário e vejo uma mulher a chorar num canto.

- O que é que tem? Posso ajudá-la nalguma coisa?

- Ninguém me pode ajudar...

- Não chore mais. Diga-me o que tem e quem sabe se posso fazer alguma coisa por si?

- A senhora é muito bondosa, mas... O que eu tenho ninguém pode curar. Não há mais nada a fazer.

- Não fale assim.

- É assim mesmo. Vou parar de chorar, parar de falar, parar de me afligir. Vou despedir-me deste mundo, tão longe da minha terra!

- O que é isso? Há sempre um remédio para qualquer doença. Venha daí e vá me contando os seus problemas. Desabafe. Eu vou com pressa para tomar conta do meu

filho no infantário. Venha comigo e conte-me o que a aflige. Quem sabe se nós as duas não encontramos uma saída?

- Eu não tenho ninguém nesta terra e não há remédio para isto.
- Pra isto o quê?
- Eu estou grávida e os patrões puseram-me na rua.
- Estou a ver o seu problema, sei bem o que isso é. Mas vamos pensar bem e havemos de encontrar alguma saída. Venha comigo. Tem dinheiro consigo?
- Tenho algum dinheiro. Os patrões pagaram-me um mês de trabalho.
- Então vai-se fazer assim: compre o bilhete de autocarro e vai dormir hoje na minha casa. Depois a gente conversa e pensa melhor no assunto.

- André, esta senhora vai ficar na nossa casa alguns dias.
- Quem é a senhora?
- É a Dona Natacha.
- Porque é que ela não vai para casa dela?
- Eu convidei-a a ficar connosco para ela descansar. A D. Natacha está um pouco doente, vamos cuidar dela e ela vai ficar boazinha.
- A D. Natacha tem um menino?
- Não tenho, mas gostava de ter um menino lindo como o André.
- A minha mãe diz que sou lindo, mas o meu tio Agostinho chama-me nomes feios.
- O teu tio deve ter inveja de a D. Ana ter um menino lindo e inteligente como tu.

- É verdade, mãe?
- Deve ser isso, sim. Olha, vai ver os patinhos na televisão e depois vai para caminha.

- É muito bom ter um filhinho assim, não é?
- O meu filho é a minha riqueza. É tudo o que eu tenho na vida. Mas eu estou à espera que me explique melhor os seus tormentos.

- Eu estou desgraçada. O meu homem foi embora e deixou-me só. Eu aqui nunca trabalhei. Vivíamos do que ele ganhava como músico. O meu marido tocava na orquestra de câmara e ganhava o suficiente para nós os dois. Mas há dois meses que foi embora com uma lisboeta e deixou-me na miséria. Fiquei sem dinheiro, sem comida e acabei por ficar sem casa porque não podia pagar a renda.

- E onde é que foi morar?
- Antes de me porem na rua encontrei emprego. Fui trabalhar para uma casa. Como têm um senhor doente na cama, eu ficava de noite para cuidar dele e de dia fazia o trabalho da casa. Entretanto, descobri que estava grávida e comecei a passar mal. Um dia desmaiei, eles repararam e levaram-me ao médico, para ver o que é que eu tinha. Quando viram que é gravidez, procuraram outra empregada e despediram-me. Contrataram uma ucraniana como eu.

- A senhora é ucraniana? Oíço falar que estão aí muitos ucranianos, mas eu não sei de onde vêm.

- Eu sou da Ucrânia, que é um País próximo da Rússia. Mas, como vê, a minha vida não tem remédio. Não consigo trabalho porque estou grávida, não tenho casa para morar, o que é que eu hei-de fazer?

- Estas senhoras e senhores são contra o aborto, mas põem na rua uma mulher grávida, sem dó nem piedade. Bom, por enquanto pode ficar aqui, mas era bom que os vizinhos não a vissem. Pelo menos por enquanto. Eu saio logo pela manhã para o

trabalho e levo o meu filho para o infantário. A Natacha fique aqui, descanse, coma do que há em casa, o que lhe apetecer, alimente-se bem, e depois pensa-se em alguma coisa. Eu também já passei momentos negros e ainda tenho muitos problemas na minha vida, mas tenho de ser forte.

- Ainda bem que a senhora me entende! Também já deve ter sofrido muito!

- Se eu lhe contar a minha vida vamos acabar as duas a chorar. Mas fique já sabendo que sou mãe solteira, sou uma mulher doente e tenho um filho para criar.

- Mas a senhora é forte!

- A minha força vem destes frascos de comprimidos e do meu menino que é tudo pra mim. Tenho de lutar pra sobreviver, fazer crescer o meu filho e educá-lo para que seja mais feliz que a mãe. Mas eu vou ajudá-la, porque sei que quando se cai na desgraça tem de haver alguém para nos deitar a mão.

- A senhora é muito boa.

- Agora vamos dormir, descansar, que amanhã é mais um dia pra viver e pensar no dia que vem a seguir.

- A senhora professora sabe de alguém que precise de uma mulher a dias? Será que alguma colega da senhora sabe de algum trabalho?

- Não sei, mas posso perguntar. Conhece alguém à procura de trabalho?

- Sabe, encontrei ontem uma ucraniana a chorar ao pé do jardim, parecia tão atormentada... Falei com ela, perguntei-lhe o que tinha, mas ela só chorava e dizia que ninguém podia fazer nada por ela e que ia despedir-se deste mundo... Fiquei assustada, lembrei-me das aflições que já passei e olhe, levei-a comigo, conversámos, deixei-a lá em casa e prometi que ia procurar-lhe trabalho.

- E porque é que ela anda assim tão aflita?

- É que o marido dela, que também é ucraniano, agradeu-se de uma lisboeta que conheceu por aí e foi embora pra Lisboa. E ficou a desgraçada aí, sozinha, em terra alheia, sem dinheiro e sem trabalho.

- Mas ela não trabalhava?

- Pois não. O homem ganhava e dizia que dava para os dois e veja no que deu. Agora, nem homem, nem dinheiro, nem quarto pra dormir, porque não tem com que pagar.

- É. Muitas mulheres deixam-se embalar nessa conversa do macho-providência, que ganha para os dois, e não pensam que se um dia ele desaparece ficam desamparadas, sem recursos para sobreviverem. Porque o marido pode deixar a casa, como esse ucraniano, pode ter um acidente, até pode morrer e a mulher fica aí sem saber o que fazer da vida.

- Ela diz que ao princípio não sabia falar português e era difícil arranjar emprego, mas agora ela já fala bem e penso que sabe fazer trabalhos domésticos.

- Essas ucranianas costumam ser competentes, asseadas... Bom, tenho de ir para não chegar atrasada. Se eu souber de alguma coisa, aviso.

- Então Natacha, como é que foi o dia? Vejo que esteve a trabalhar!

- D. Ana, eu dormi até tarde, descansei, senti-me bem. Depois comi, arrumei a casa e fiz uma refeição para todos. Não sei se vai gostar.

- Não me diga que temos jantar feito! Deixe-me ver. Hum! Cheira bem! O que é que temos aqui?

- Descongelei esta carne e preparei à moda da minha terra. Espero que goste. E o André também.

- Bom, vamos jantar, meu filho. Pelo menos uma vez na vida temos uma empregada para nos fazer o jantar. Só que eu não posso pagar-lhe o ordenado.

- Já me deu comida e dormida e eu gostaria de agradecer-lhe de alguma maneira.

- Hum, mas que cheirinho! E que gostoso! A Natacha é uma grande cozinheira!

- A minha profissão não é cozinheira, mas gosto de cozinhar.

- Então, o que fazia lá na sua Ucrânia?

- Eu era monitora na área dos têxteis.

- O que é isso?

- Ensina a trabalhar com tecidos, com fios, fazer tecelagens, costura...

- Ah! Sabe fazer costura?

- Sei. A D. Ana tem ali uma máquina de costura. Também sabe costurar?

- Não sei. A máquina era da minha avó, a mãe de meu pai e há muitos anos que não tem uso nenhum. Não sei se ainda serve para alguma coisa.

- Se comprar óleo, eu posso limpá-la e vejo se funciona.

- Eu tenho ali umas calças e um vestido que a senhora me deu, a minha patroa, mas precisam de arranjos. Talvez a Natacha me possa fazer isso.

- Com todo o gosto!

- Está a ver, trabalho há sempre. Dinheiro é que nem sempre se consegue, mas com tempo e paciência havemos de conseguir. Vamos lutar as duas para sobreviver.

- A Dona Ana...

- Ah! Eu chamo-lhe Natacha e deve chamar-me Ana. Está bem?

- Está bem. A Ana tem experiência. A sua vida tem sido muito difícil. Não tem família?

- Os meus irmãos estão embarcados e tenho ali ao lado uma irmã e um peste dum cunhado que me insulta o tempo todo para me desmoralizar, me destruir, mas eu tenho de ser forte pra sobreviver e pensar no meu filho.

- Mas porque é que ele a trata assim?

- Ele odeia-me.

- Sim?

- Eu vou contar-lhe uma coisa que nunca contei a ninguém. Ele andava para casar com a minha irmã, minha mãe tinha morrido num maldito acidente, meu pai ficou ferido e estava no hospital. Um dia ele chegou aqui, eu estava só, agarrou-se a mim, tapou-me a boca, fez o que quis e deixou-me ali, a sangrar, cheia de medo e de vergonha. Antes de ir embora ainda disse: “Hás-de ser minha quantas vezes eu quiser! E se dizes alguma coisa a alguém, mato-te.” Fiquei aterrorizada. Andei a esconder-me dele, não ia para casa enquanto minha irmã ou meu irmão José não chegassem a casa e lá me fui livrando daquele desgraçado. Entretanto, fui trabalhar como empregada doméstica.

- Então ele é o pai do André?

- Não! Felizmente não é ele o pai. Deve ser por isso que ele me odeia tanto. Chama-me puta, diz que ando a vender o corpo, como se eu fosse uma prostituta. Ele queria que eu me entregasse a ele, mas até agora consegui livrar-me daquele filho da peste. À primeira ele apanhou-me, à falsa fé, mas nunca mais me pegou desprevenida.

- Ana, a senhora ucraniana ainda está em sua casa?

- Está, sim, senhora.



- Olhe, uma colega minha precisa de uma empregada para trabalhar na casa da mãe. Se quiser lá ir amanhã, antes de vir para cá, passe por lá com a sua amiga. Tenho aqui o endereço.

- Mas eu vou atrasar-me...

- Pode chegar um bocadinho mais tarde porque amanhã vou para a escola pelas onze horas.

- Muito obrigada! A Natacha vai ficar tão contente! Aquela mulher sabe fazer de tudo. Se a senhora professora visse! Sabe cozinhar, cuidar da casa e sabe de costura! Pegou numa máquina de costura velha que era de minha avó, limpou-a e ficou num brinquinho. Parece uma máquina nova. Já consertou o vestido que a senhora me deu, ficou-me mesmo a calhar. E meteu um fecho numas calças do André. Se a senhora tiver trabalhos de costura ela pode fazer na minha casa.

- Mas isso é uma ideia brilhante! É possível ganhar algum dinheiro em costura. Eu também tenho umas calças que precisam de fecho...

- É o que eu digo. Trabalho há sempre.

- Natacha, trago novidades. A minha patroa soube que a mãe duma colega dela precisa de uma pessoa para trabalhar em casa. Amanhã passamos lá e, se fizerem acordo, vais trabalhar para lá.

- Ah! A Ana é um anjo que apareceu na minha vida!

- Eu sei o que é estar só, caída na desgraça, e quanto vale ter alguém que nos apoie. A minha patroa é que é o anjo da minha vida. Aquela senhora tem feito tudo o que pode para me ajudar. Ela é professora, sabe das coisas, o marido é advogado e ajuda nos assuntos da lei. Há muita gente que só vive pra fazer mal aos outros, mas também há gente desta. Se não fosse a senhora professora e o senhor doutor eu já tinha passado desta pra melhor. E eu tenho de olhar pelo meu filho.

- Então, Ana, foram a casa da Sr<sup>a</sup> D. Ângela?

- Fomos, senhora professora.

- E...?

- Ela vai começar a trabalhar lá amanhã. A senhora está velhinha, um pouco trôpega, e a família quer que ela fique lá de dia e de noite pra cuidar dela e lhe fazer companhia.

- Ah! Tem casa e trabalho.

- Mas eu estava presente e consegui que ela descanse ao domingo. Ao sábado à noite vai dormir pra minha casa e volta na segunda de manhã. As filhas e os filhos podem cuidar da mãe ao domingo.

- Bom, por agora, a sua amiga está empregada e tem onde dormir.

- Eu por mim não me importo que ela durma na minha casa, mas o horário de trabalho dela é assim, o salário não é mau e vão inscrevê-la na Segurança Social. Eu estava presente e insisti nisso.

- Naturalmente. Quem tem empregadas tem de pagar a Segurança Social. Isso é da lei e dá protecção a quem trabalha.

- A senhora entende assim, mas há muita gente que não quer pagar a Segurança Social aos trabalhadores.

- Mas os trabalhadores têm direitos e não devem consentir que não sejam respeitados.

- Ah! As pessoas nem sempre se preocupam com isso.

- Eu sei, mas quando chegam os momentos difíceis é que são elas. O meu marido conta-me algumas coisas. Andam muitas vezes a mendigar apoios, subsídios, querem os mesmos direitos dos que descontaram e isso não pode ser. Se ninguém descontar, não há dinheiro para apoiar ninguém, nem na doença nem na velhice.

- Ainda bem que há pessoas como a senhora e o senhor doutor que pensam nos outros. Mas nem todas as pessoas são assim.

A Natacha foi para casa da D. Ângela, mas é claro que não disse que estava grávida pra ficar com o emprego. Precisava trabalhar, ganhar o seu dinheiro, ter Segurança Social e um documento do emprego para o Serviço de Emigração. Por enquanto, a vida dela não está mal.

Mas o trabalho não é muito fácil, apesar de ser uma senhora sozinha. Tem uma casa grande para arrumar e limpar, um quintal grande com um jardim e vasos de plantas. Tudo isto dá algum trabalho, mas o pior é aturar as birras de uma senhora idosa, convencida e com manias de autoridade. Anda sempre atrás dela, implica com isto e aquilo, que ali não está bem limpo, que aquele bibelot não é daquele móvel, que não quer aquela comida insossa, que estas plantas precisam de mais água, aquelas de mais terra, enfim, esquisitices da idade e do estatuto social.

A Natacha tem de levar tudo com muita paciência, fazer-lhe as vontades sem mostrar desagrado, enfim, é preciso “albardar o burrinho à vontade do dono”. Mas passa a semana ansiosa que chegue o sábado para se libertar um pouco. Aqui podemos conversar à vontade, ela ajuda-me nas tarefas do fim de semana e ainda faz alguns trabalhos de costura. Tudo isto está muito longe do tempo em que ela ia ouvir os concertos ou frequentava outros espectáculos com o marido. A vida agora é muito trabalhosa, rotineira e até triste. Para ela.

Para mim, foi o início de uma vida nova. Tenho uma amiga que me fala de outras vidas, de outras terras e vivências que eu nem sequer sabia que existiam. Sabe-me bem conversar com ela, contar-lhe como foi a minha semana, ouvir as novidades dela, as peripécias com a D. Ângela, enfim, é saboroso ter com quem partilhar uma semana de vida, dividir solidariedade, sentir que, apesar da minha pobre e triste vida ainda posso ajudar alguém.

Um dia, a minha patroa mostrou-me uma revista com fatos de carnaval e perguntou-me se a Natacha estaria disposta a fazer um fatinho de palhaço para a neta dela.

Levei a revista para casa e no fim de semana estivemos a observar. Eu fiquei encantada com aqueles modelos e pensei que um fatinho daqueles ficava bonito no meu André, para ele levar à festa de Carnaval da escola. Mas não disse nada, porque não posso fazer despesas daquelas. Eu trabalho, ganho um dinheirinho, a Natacha também participa com algum dinheiro, mas é preciso pensar no dia de amanhã.

Entretanto, a minha patroa comprou os tecidos e aviamentos e a Natacha pôs-se a trabalhar e em dois fins de semana fez um fatinho de palhaço lindíssimo. Eu cada vez tinha mais pena que o meu menino não tivesse uma roupa daquelas, mas não disse nada.

Estávamos na véspera do Carnaval nas escolas, e, na quinta-feira, a Natacha chega à noite a minha casa e disse:

- Ana, abre esse saco e vê se gostas do fato que eu fiz para o André.

Desembrulhei o pacote e fiquei deslumbrada. Tirei o fato para fora, lindo, parecia que tinha saído dum quadro que eu vi na casa duma senhora.

- É um Pierrot. Amanhã de manhã eu visto-o ao André e pinto-lhe a cara. A Ana tem feito tanto para me ajudar e eu também tenho de fazer alguma coisa para agradecer e colaborar. Eu vi a sua cara de tristeza porque não podia gastar dinheiro num fato de Carnaval para o seu filho e decidi fazer-lhe uma surpresa. Acredite que eu estou muito feliz por poder dar-lhe esta alegria, pela Ana e pelo André.

No dia seguinte, o meu filho foi pra a escola vestido de Pierrot, com aquela lágrima a cair na cara pintada. Eu até chorei de emoção. E o meu André, pela primeira vez, chegou ao infantário vestido de Carnaval como qualquer menino, apesar de ser pobre e filho de mãe solteira.

A minha patroa também gostou muito do fato de palhaço da neta dela e daí em diante a Natacha ganhou fama de “ucraniana de mãos de fada”.

Aquele domingo tinha passado rapidamente. Eu cuidei dos meus afazeres e a Natacha esteve a costurar as primeiras roupinhas para o bebé que estava a crescer aos poucos na barriga da mãe. Pela tarde, levantou-se uma brisa fresca, o nevoeiro começou a descer a montanha e ao fim do dia começou a cair uma chuvinha fina.

Pus o jantar na mesa, a Natacha arrumou a costura e começámos a comer em paz e sossego. De repente, alguém bateu à porta:

- Está alguém a bater. Quem será? Celeste! Ai Meu Deus! Entra!

- Ai como a senhora está!

- Fecha a porta depressa que o diabo vem aí!

- Vai pra cozinha que eu vou espiar. Cuida dela, Natacha. Olha, o maldito vem aí!

- Abre a porta, sua cabra. Sai pra a rua, sua abra. Eu sei que estás aí!

- Ai que desgraça!

- Está? É da polícia? Venha depressa aqui! Por favor! Está aqui um vizinho bêbedo e quer rebentar-me a porta. Atirou agora uma pedra e partiu-me um vidro da janela. Ah! Ele veio atrás da mulher que fugiu para aqui. Já lhe deu uma pancadaria, ela está ferida e não sei o que mais vai acontecer. Tem de nos acudir.

- Sai daí, sua puta.

- Valha-me Deus! Ele vai rebentar-me a casa toda... Natacha, ajuda-me aqui. Vamos meter este móvel atrás da porta.

- Abre-me essa porta, se não isto vai tudo pelo ar. Vocês são todas iguais. Andam por aí a f... e depois encostam-se uma às outras. Mas comigo isso não resulta. Voltas direitinha pra casa e há-de ser como eu quiser. Pensas o quê? Que vai ser à tua moda, sua C... Vens ou não vens? Se não abrem a porta dou cabo de vocês todas, arraso com este bordel.

- Tens razão, Daniel, isso é mesmo um bordel. Agora já tem também uma cabra estrangeira.

- Estás a ver, Agostinho, ao que um homem chega. Ter de vir atrás da mulher pra levá-la pra casa! Vocês querem mais uma para ajudar à festa? Pum! Pum! Pum! Suas putas!

- Daniel, vem aí um carro da polícia!

- O que é que se passa aqui?

- Eu vim chamar a minha mulher. Um homem já não tem direito sobre a mulher ou quê?

- Mas porque é que ela está aqui?

- Ó senhor guarda, o Daniel não quer que a mulher se meta aí nesse bordel com as outras putas.

- O que é que o senhor tem a ver com isto? O que é que viu?

- Eu não vi nada. Só vi a mulher do Daniel entrar aí.

- E quem é que partiu a janela?

- Isso não sei. Quando a gente chegou já estava partida.

- A gente depois vê isso. Eu tomo conta deste aqui, e tu vais lá dentro ver o que se passa.

- Foi a senhora que chamou?

- Foi sim, senhor guarda. Esta mulher chegou aqui neste estado, socorria-a e o marido veio aí fazer esse desatino! Ficámos cheias de medo!

- Bom, vou tomar nota da ocorrência e depois mando chamar uma ambulância para levar a senhora ao hospital.

- E o Daniel?

- O homem que está aí a fazer desacatos? Esse vai connosco à esquadra.

- Bendito seja Deus! Eu pensei que não escapava desta, mas sempre há pessoas de bem neste mundo.

- Boa noite.

- Boa noite, senhor guarda.

- Sim, senhora professora! Aqui é a Ana. Desculpe incomodá-la, mas é que estamos aqui numa grande aflição. A Celeste, aquela minha vizinha que tem o marido violento, veio pedir-me socorro. Ela está muito maltratada e eu vou levá-la ao hospital.

- Sim, eu não sei bem. Ela tem sangue na cara e na cabeça e queixa-se com dores nas costas e num braço.

- A polícia veio aqui e levou o raio do homem, se não ele rebentava-me a casa. Queria entrar à força e ainda me partiu um vidro da janela. Mas eu não sei o que se há-de fazer.

- Está bem. Ela vai ao hospital, traz o papel do médico e depois o Senhor Doutor ajuda com o processo.

- Muito obrigada, senhora professora e desculpe o incómodo. Boa noite.

- Estás a ver, João, não é que o polícia levou o Daniel!

- Parece que o Daniel desta vez está tramado!

- Por causa daquelas putas que chamaram a polícia.

- Está calado, Agostinho. A mulher vinha com sangue a escorrer!

- Eu cá não vi nada.

- Não é preciso tu veres. Os polícias já viram a mulher e o Daniel vai ser chamado a contas. Vai passar a noite na esquadra e amanhã há-de ir ao Tribunal.

- Mas isso é assim?

- Não! Olha o Manuel Joaquim! Ainda está preso!

- Por causa daquelas putas...

- Deixa as mulheres em paz. Se não fosse assim era de outra maneira. Ou o Daniel pára com essa violência ou alguém tem de o mandar parar, nem que seja a polícia ou o juiz.

- Bom, parece que os tempos estão a mudar! Vamos mas é para casa antes que nos venham perguntar alguma coisa.

- Boa noite. Agostinho, vê lá se não te metes em alhadas. Deixa as mulheres em paz.

- Ah! Senhora Professora, isto é que foi uma noite!
- E a sua amiga, como está?
- A Celeste ficou no hospital, Senhor Doutor. Tem costelas partidas e ficou em observações por causa da cabeça. Ela tem ferimentos na cabeça e pode ter um traumatismo craniano. Foi o que me disseram no hospital.
- Isso são coisas muito graves e o agressor tem de ser chamado à Justiça. A vítima tem de participar. Se ela não levantar processo judicial contra o marido, outra pessoa pode fazê-lo. A violência doméstica agora é crime público. Além disso, ele foi fazer desacatos para a sua casa.
- Se o Senhor Doutor visse! Ele queria rebentar a minha porta! Nós até pusemos uma arca atrás da porta.
- E partiu-lhe um vidro da janela, não foi assim?
- Pois foi. Se a polícia não nos acudisse, não sei o que seria de nós!
- A Ana deve mover-lhe um processo por causa da violência que ele exerceu na sua casa e a sua vizinha apresenta outro processo por causa dos maus tratos. Ela pode relatar ao Tribunal todos os maus tratos sofridos durante os últimos tempos.
- Eu sou testemunha do que aconteceu agora e já há tempos ela foi pedir-me apoio, num dia à noite, com a cara feita num bolo. Estive mais de duas horas a desinfetar-lhe as feridas e a pôr-lhe gelo na cara.
- Essas informações têm de chegar ao Tribunal e ele tem de ser chamado a contas. Essa violência não pode continuar. Logo que a sua amiga saia do hospital tratamos dos processos. Eu posso dar-lhe todo o apoio jurídico necessário.
- Muito obrigada, senhor doutor. Mais uma vez o senhor doutor é o meu anjo da guarda e agora também daquela pobre coitada que não tem mais ninguém que lhe possa valer.

Depois desta conversa com o senhor doutor, cresceu-me uma fé aqui dentro e eu disse a mim mesma: “Destá vez vai-se enfrentar os diabos pelos cornos. Vai-se começar por meter o Daniel no Tribunal e a seguir há-de chegar a vez do Agostinho. Hei-de meter estes diabos na linha com o apoio do Senhor Doutor. Quem tem um anjo da guarda assim não deve sentir medo, nem duma dúzia de diabos!”

Há uma semana que andamos a tratar dos processos. Já apresentei queixa contra o Daniel por “invasão e violência em propriedade privada” e a Celeste vai meter o processo dela por “violência doméstica do marido contra ela”.

O Daniel anda mansinho. Desde que foi levado pela polícia e foi à presença do Juiz ficou calminho, mas a Celeste ainda está cheia de medo dele. Ela esteve três dias no hospital e quando teve alta telefonou-me. Fui buscá-la, levei-a para a minha casa e depois telefonei à mãe dela. A senhora também está amedrontada e a neta, a Marta, anda aterrorizada. É uma miúda já marcada por aquela violência contra ela e a mãe. Conversámos e chegámos à conclusão que é melhor a Celeste ficar na minha casa, por enquanto. O Daniel anda calado, parece calmo, mas, de repente, quem sabe o que uma fera daquelas pode fazer? A mãe dela e a filha vão a minha casa levar de comer à Celeste, fazem-lhe alguma companhia durante o dia e à noite eu vou para casa e ela já se sente mais confortada. Já recomeçou a bordar a toalha que deve estar pronta dentro de duas semanas. Ela diz que as costelas já lhe doem menos e que agora tem mais tempo para bordar.

O Agostinho também se encolheu mais um bocadinho. Às vezes ainda me aparece pela frente, mas não ousa insultar-me. Penso que ele já está a pôr as barbas de molho, antes que o fogo o ameace.

- Ana, como está a Celeste?
- Está melhor, Natacha. Vai lá dentro vê-la.
- Ah! Mas a senhora já está melhor! E já está a bordar!
- Já estou melhor, mas ainda me dói o braço esquerdo, que ficou mais magoado e aqui as costas. Mas já respiro melhor.
- E já pode bordar?
- O braço direito está bom e já consigo bordar alguma coisa. Como é que eu ia passar aqui os dias sem fazer nada? E esta toalha tem de ser entregue daqui a duas semanas.
- Deixe ver. Mas que lindo! É um desenho lindo e um trabalho muito bem feito. O bordado madeira é muito perfeito, cheio, vistoso. Tem uma qualidade espantosa.
- A Natacha sabe bordar?
- Eu sei fazer bordados da nossa terra, que são diferentes destes. Mas não são trabalhos assim tão perfeitos.

- Senhora professora, agora temos outro problema.
- Qual?
- Olhe, a Sra. D. Ângela está aborrecida com a Natacha.
- Mas então porquê?
- Ora, a verdade é que a Natacha estava grávida e por isso os outros patrões a mandaram embora. Quando fomos falar com a filha da D. Ângela não lhe falámos da gravidez. Não se notava nada, ela foi fazendo o trabalho o melhor que podia, mas agora a barriga começou a crescer e a senhora, quando reparou, ficou furiosa. Diz que não quer uma mulher grávida em casa, que ela deve andar por aí na má vida, enfim, essas coisas. Parece que já telefonou às filhas a contar o assunto.
- Isso é uma situação difícil. Se ela não disse que estava grávida, a entidade patronal pode despedi-la por justa causa.
- Mas se ela contasse a situação em que estava não lhe davam trabalho.
- Quem sabe? Não sabemos o que teria acontecido.
- Ah! Mas ela já estava com medo, já tinha sido despedida e precisava ganhar a vida e legalizar a situação. Sem trabalho não podia legalizar-se nos Serviços de Imigração.
- Isso é verdade! Mas estamos numa encruzilhada! Talvez fosse bom contactar uma organização não governamental, dessas que defendem os imigrantes, as mulheres... É verdade! Eu conheço uma Associação de Mulheres que talvez lhe possa dar algum apoio. É preciso começar a precaver-se. Procurar apoios e alternativas para sair desta situação difícil.

- Ó Judite, queria falar contigo!
- Diz, Liliana.
- Sabes que aquela ucraniana que foi trabalhar para casa da minha mãe está grávida?
- Ah sim?
- A minha mãe está furiosa.
- Mas então porquê?

- Tu já viste? Uma empregada grávida!
- Mas então? Não achas normal uma mulher grávida? Ela não é macho, pois não?
- Tu também, sempre com as tuas manias de feminista.
- Mas o que é que tu querias que a mulher fizesse? Ficou grávida e depois? Se ela tinha marido, é uma coisa que podia acontecer. Tu também ficaste grávida do teu filho num momento difícil, não estava planeado, mas aconteceu.
- Está bem, mas eu não estava na situação dela. Uma fulana em terra alheia, sem uma situação devidamente regularizada e deixa uma gravidez funcionar...
- Olha lá, mas tu não votaste contra a despenalização do aborto?
- Isso não tem nada a ver com isto.
- Tem sim senhora. Se ela engravidou numa hora inconveniente, só tinha dois caminhos: ou deixar seguir a gravidez ou abortar. Tu conheces outras alternativas?
- Eu votei contra porque não sou capaz de fazer um aborto. Mas a minha situação é diferente da dela.
- Mas o que tu fizeste foi impor às outras mulheres a tua vontade. Se a lei da despenalização fosse aprovada, ninguém te obrigaria a abortar, mas tu e todos e todas que votaram contra impediram muitas outras mulheres de agirem segundo a sua vontade. Agora, não temos um serviço legal para esse efeito, só se fazem abortos clandestinamente, a preço de ouro, e pessoas como a Natacha, mesmo que o queiram, não têm como fazê-lo.
- Judite, deixa-te de sermões que não resolvem nada. A verdade é que eu tenho mais um problema para resolver. A minha mãe tinha companhia, tinha a casa arrumada, tinha as roupas sempre em condições, tinha quem a ajudasse a tomar banho e agora, voltamos à estaca zero.
- Ó Liliانا, não vou dar-te mais lições de moral, mas eu acho que o teu problema é fácil de resolver. Ou a tua mãe aceita a empregada que tem, mesmo grávida, enquanto puder trabalhar, uma vez que tem feito bem o trabalho e é uma boa companhia, ou... despedem-na e procuram outra empregada. Para a ucraniana é que o problema não é tão fácil de resolver.
- Tu sabes a minha mãe como é. Agora embirrou, quer aquela mulher fora de casa, e pronto. E nós temos de tomar conta dela.
- Pois é. Mas vocês são quatro ou cinco filhos. Dividam as tarefas ou procurem rapidamente outra empregada.
- Eu sei. Mas não é fácil. Não é toda a gente que quer dormir fora de casa. Dizem que não vão trabalhar de dia e de noite. E a minha mãe agora diz que não quer mais nenhuma estrangeira. Não sei onde vamos encontrar uma empregada a tempo inteiro.

No fim do mês passado, a Natacha deixou a casa da D. Ângela. Estamos três mulheres nesta casa, com muito pouco dinheiro e com responsabilidades enquanto mães. Eu tenho o meu filho e o meu trabalho, mas o meu salário é pequeno; a Celeste recebeu algum dinheiro da toalha que bordou e gastou com a filha que está na escola e a avó não pode sustentá-la porque sobrevive com a sua pensão de bordadeira; e a Natacha tem muito pouco dinheiro, está no desemprego e espera um filho para daqui a dois meses.

A nossa situação está péssima e precisamos encontrar um rumo para as nossas vidas. Já reunimos com a Associação de Mulheres, que também não tem dinheiro, mas surgiram ideias interessantes. Vamos a ver se conseguimos concretizar alguma coisa.

Para começar, a Celeste vai trabalhar três dias por semana numa casa, o que é pouco, mas nos outros dias tem de bordar para manter o vínculo de bordadeira na Segurança Social e garantir o abono de família para a filha. A Natacha está disponível para fazer costura, se tiver encomendas.

Por outro lado, temos o problema desta casa, que não é minha. O Agostinho anda por aí a dizer que vai expulsar-nos daqui. A mim ele não pode fazer isso, porque sou herdeira, mas as minhas amigas estão com medo.

Já insisti com os meus irmãos para fazermos a carta de partilhas e desta vez parece que é a sério. Já combinámos que eles mandam a procuração para o Senhor Doutor tratar do assunto. Estou confiante que me vou ver livre daquele estupor. Tentei falar com a minha irmã, ela anda com os ouvidos cheios do que o marido diz, mas meu irmão Francisco vai telefonar para ela e esclarecer o assunto. Eles já têm a terra onde fizeram a casa e não têm direito a mais nada. Logo que venham as procurações o Senhor Doutor trata disso. E também vão mandar algum dinheiro para as despesas, porque eu não tenho. Meus irmãos vão assumir os gastos necessários com as partilhas para me ajudarem.

Fomos novamente à Associação e estivemos a analisar a situação da Natacha. A Associação vai declará-la como empregada de limpeza, com vinte horas de trabalho por semana, para que ela continue a ter vínculo à Segurança Social, mas não tem dinheiro para assumir estas despesas. É a Natacha que tem de assumir. Ela já tem alguns trabalhos de costura para começar a ganhar. A minha patroa também procurou apoios, roupinhas de bebé e trabalhos de costura para a Natacha fazer.

Mas aqui no sítio há muita maldade contra nós. Que é uma baixeza meter uma desavergonhada duma ucraniana em casa, grávida, de barriga no ar, sem respeito nenhum. Que ela diz que é do marido, mas isso é conversa, ela é que deve andar por aí na vadição, com um e com outro e depois eu ainda a meto dentro de casa. Depois a Celeste devia ir para casa dela, que não tem jeito nenhum deixar o marido lá, sozinho, coitado, não tem quem lhe faça nada, leva a roupa para a mãe lavar, come mal por aí nas tascas, anda num desgraçado. É verdade que ele às vezes bebia um copo, mas também, qual é o homem que não bebe um copo a mais?

A Celeste sofre com estas conversas e se não fôssemos nós a ajudá-la a pensar e dar-lhe todo o apoio, ela já tinha ido para casa. Só espero que o Juiz despache o processo rapidamente e obrigue o bandalho do Daniel a pagar pelo que fez e a contribuir com a pensão de alimentos para a filha, como diz o senhor Doutor.

Mesmo com todas as dificuldades que temos de enfrentar não vamos desistir, porque estamos unidas, porque nos apoiamos umas às outras, porque estamos a receber alguns apoios, excepto da Secretaria de Assuntos Sociais, que negou o RMG à Celeste, com o argumento que ela tem marido, mesmo sabendo que ele não lhe dá nada. Mas nós vamos vencer, mesmo sem ajudas do Governo.

- Senhor Doutor, eu recebi uma intimação para me apresentar no Tribunal daqui a oito dias, não sei o que há-de ser.

- Deve ser para prestar declarações, esclarecimentos. Mas eu vou procurar saber do andamento do processo.

- A Natacha e a Celeste também receberam intimação.

- Ah! Pois! Então é por causa de um dos processos contra o Daniel. Ou se trata do processo da Ana contra o Daniel, ou do outro processo que a Celeste apresentou. Eu entretanto vou procurar informações e depois conversa-se. Antes de irem ao Tribunal temos de conversar para se prepararem devidamente e não cometerem erros.



- Eu às vezes fico com medo.
- Não há problema nenhum. É só dizer a verdade e cingir-se ao essencial, isto é, dizer tudo o que é preciso e nada mais.
- Vai ser preciso preparar bem a Celeste, porque ela fica muito nervosa. E a Natacha também se aflige pelo facto de ser estrangeira.
- Ela é estrangeira, mas tem a situação legalizada. É pena que aquele seu vizinho não queira ser testemunha, é uma covardia ou então está de acordo com a violência.
- O João é boa pessoa, não é violento, mas sabe como é, não quer meter-se no assunto, que o Daniel nunca lhe fez mal, é um vizinho, essas desculpas... Os homens gostam de defender-se uns aos outros.
- Mas isso é colaborar com a violência! Se ele é amigo do Daniel deve ajudá-lo a reconhecer que está a proceder mal e que não pode continuar a maltratar a família!
- O Senhor Doutor fala bem, mas poucas pessoas são assim. Basta ouvir as conversas que se fazem lá pelo sítio. E são os homens quase todos e muitas mulheres também. Passam a vida a dizer mal de nós as três, sobretudo nas tascas.
- Essas pessoas não pensam no que dizem. Como é costume as mulheres obedecerem aos maridos debaixo de chicote, ficam espantados por vocês se imporem contra essas tradições violentas e machistas.
- É verdade, Senhor Doutor. Os homens ficam com medo que as mulheres deles façam a mesma coisa que nós e muitas delas estão invejosas porque não são capazes de resolverem os problemas que têm com os homens delas.
- Vocês estão a dar um exemplo de como se mudam as situações e há uns que aprovam, outros ficam com medo e outras ficam invejosas. Mas muitas mulheres ainda vão seguir o vosso exemplo. É uma questão de tempo.

Já fomos prestar declarações ao Tribunal. A Celeste estava nervosa, mas parece que se saiu bem. O Senhor Doutor acompanhou-nos e deu-nos todo o apoio. A Natacha é uma mulher despachada e já fala bem português, de modo que não teve problema nenhum. Eu expliquei bem o que aconteceu naquela noite, mas a Senhora Juíza queria saber da violência dele contra a minha casa e a minha família. Parece que esse processo vai sair primeiro. O advogado do Daniel já propôs ao Senhor Doutor para chegarmos a um acordo: ele paga os prejuízos e eu retiro a queixa para não ir a julgamento. Neste processo talvez se chegue a acordo, desde que ele pague os prejuízos, as despesas do processo e ainda uma indemnização por tudo o que nos fez passar. O Senhor Doutor está a negociar com o advogado dele. Mas o outro processo tem de ir a julgamento, ele tem de pagar pelo que fez à Celeste. A Associação de Mulheres está a dar-nos todo o apoio para que seja um julgamento exemplar.

O advogado do Daniel anda a tentar que o Senhor Doutor convença a Celeste a desistir, mas isso não pode acontecer. Ela sabe que se desistir agora ele vai sentir-se vitorioso e volta a fazer as mesmas coisas. Ainda é capaz de fazer pior para se vingar dela. Ele nunca pensou que a Celeste o metesse em Tribunal, depois destes anos todos a maltratá-la sem lhe acontecer mal nenhum. Depois das tareias ainda justificava: é porque tu me queres pôr os cornos, é porque não cuidas da vida como deve ser, é porque andas por aí ouvir os conselhos desta e daquela... Mas desta vez ele vai sentar o cu no banquinho do Tribunal e vai explicar direitinho porque é que tem feito tanta maldade.

- Ana, a gente tem de conversar. Como é que se vai fazer com as partilhas. Já está marcado para a semana que vem e temos de acertar as coisas.

- Tu tens a terra onde fizeste a casa, que é um bom bocado de terra, sabes bem que não te cabe mais nada.

- Mas Agostinho não está de acordo com isso. A casa é o maior valor e não vai ficar toda para ti.

- A casa fica para mim, para Francisco, José e Jesuíno. Nós somos quatro.

- Ora, eles não estão aqui, não precisam do quinhão deles. Devíamos dividir para nós as duas.

- Onde é que já viu uma coisa dessas! Somos todos irmãos, somos todos herdeiros do pai e da mãe.

- Mas é que Agostinho não está de acordo com a divisão. Ele diz que não assina nada.

- Ora se ele vai assinar! E é se ele quiser ficar com a casa de vocês segura! A casa está feita em cima da terra que é de nós todos. Ele não quer registar a terra em vosso nome para ter o registo da casa seguro?

- O pai já nos tinha dado aquele terreno, já era nosso.

- Tens um documento escrito? Não tens.

- Mas tu sabes que foi assim.

- O que eu sei é que vocês já têm a vossa herança e o resto é pra'os outros herdeiros. Ou será que o Agostinho é mais herdeiro que os outros? Fala com o teu advogado e vê o que ele te vai dizer. Não fiques só no que diz a peste do Agostinho.

- Tu também, estás sempre com três pedras na mão contra o meu marido.

- Tu sabes bem o que ele me tem feito sofrer e ainda o defendes? Até parece que não sou tua irmã. Não faz mal. Desta vez ele não vai ficar a rir-se de mim.

- O que tu tens é inveja de mim. Não tens marido, andas aí só, com um filho atrás de ti, sem eira nem beira...

- É melhor ficares calada antes de falares dos outros. Eu sou pobre, sou mãe solteira, mas é melhor do que ter um macho como o Agostinho. Vai-te embora, diz ao maridinho que eu não tenho medo dele e aquilo que os nossos pais deixaram é para dividir pelos herdeiros, que são os filhos. Ele devia estar calado e esperar pelos bens que o pai dele lhe vai deixar. Desgraçado!

Os pais dele não têm um palmo de terra, e ele quer agarrar tudo o que é nosso. É pouco, mas é nosso. Eles já têm a parte deles. Desta vez mandou minha irmã falar comigo, a ver se conseguia virar-me o juízo. Mas eu sei muito bem como vamos resolver tudo isto. O Senhor Doutor explicou-me tudo. Foi tudo avaliado e eles ainda ficam com mais valor, porque ficam com o melhor bocado de terra. Portanto, ou eles assinam ou a casa deles não fica segura porque está em cima de terra que não está em nome deles. Ora se ele vai assinar! E não vai pôr mais os pés em cima da outra terra, como tem feito até agora. Meus irmãos querem que seja eu a administrar. Eu não tenho vagar de cuidar da terra, mas posso arrendar. Já tenho uma pessoa à espera para cuidar da terra que há-de ser pra mim e meus irmãos e ele que lá se avenha com os bens dele.

## O JULGAMENTO

- Porque é que esta gente está toda aqui?

- Estamos a chamar a atenção para o julgamento.

- Ah! O julgamento!

- Vai ser julgado um marido violento que vai responder em Tribunal pelo que fez à mulher.

- Está bem, mas por que estão todas aqui?

- Nós estamos a dar o nosso apoio à vítima.
  - A nossa solidariedade.
  - Mas porque não estão lá dentro?
  - Está um grupo lá dentro e nós estamos aqui fora.
  - Então são muitas?
  - Neste momento já somos cinquenta e duas mulheres e talvez ainda venham mais. É preciso que as mulheres se unam para defenderem os seus direitos.
  - Quer dar um depoimento para a Rádio Difusão Portuguesa?
  - É melhor que seja a Presidente da Associação. Ela está ali.
  - Senhora Presidente, quer dar um depoimento aqui para a nossa rádio?
  - Sim, senhora. Nós estamos aqui com esta faixa, como pode ver: “Mulheres de todo o Mundo, uni-vos”.
  - Bom, há um slogan parecido com este, de Karl Marx, mas é dirigido aos proletários.
  - É verdade, mas as mulheres são as mais pobres entre os pobres, as mais proletárias entre os proletários.
  - Mas também há mulheres ricas.
  - Pois, há mulheres ricas, com vida boa, mulheres que vivem de perna trocada, a gastar o que as outras e os outros trabalham. São mulheres exploradoras e opressoras, mas nós estamos a chamar a atenção das mulheres exploradas, oprimidas, violadas, maltratadas e violentadas, até dentro das suas casas.
  - Este julgamento tem a ver com isso?
  - Pois tem. O homem que vai ser julgado hoje neste Tribunal maltratou a mulher durante muitos anos, impediu-a de viver livre e feliz como qualquer ser humano tem direito e serviu-se dela para ter comida pronta, roupa lavada, cama feita e alguém com quem fazer sexo. Ora, uma mulher também tem direitos como o homem e não existe apenas para servir o marido e levar pancada à noite. E mais, esta mulher também trabalhou para fazerem casa numa terra que o pai lhe deu e agora está a viver numa casa por favor, porque teve de fugir para ele não a matar. É preciso acabar com situações como esta.
  - Acha que há muitas mulheres vítimas de violência na nossa terra?
  - Há muitas outras vítimas de violência doméstica e não só e era bom que saíssem à procura dos seus direitos. A nossa associação está pronta a lhes dar o apoio que precisarem. E esta União pode ultrapassar fronteiras e resolver muitos problemas.
- Mulheres de todo o Mundo, uni-vos.**
- Atenção, senhores radio-ouvintes, a RDP está junto do Tribunal ouvindo um grupo de Mulheres que se manifesta aqui à entrada, uma vez que vai haver o julgamento de um homem que é acusado de maltratar a mulher. Como podem constatar pelo depoimento da Presidente da Associação que organizou esta manifestação, elas estão a prestar solidariedade à mulher que ousou processar o marido e estão ainda a chamar a atenção das outras mulheres que sofrem repressões e maus tratos para que se unam e tentem procurar apoios para resolverem os seus problemas. Elas apelam à **UNIÃO** das mulheres discriminadas e maltratadas para poderem alterar a situação. Mais tarde voltarei com notícias do julgamento que vai iniciar-se daqui a pouco.
- Pum! Pum! Pum!
  - Senhor Daniel, está presente neste Tribunal para responder às acusações apresentadas pela sua mulher e que passo a descrever:

- Maus tratos físicos, de forma continuada, durante os vinte anos do vosso casamento;
  - Maus tratos psicológicos através de ameaças e repressões;
  - Acusações de falta de fidelidade conjugal, afirmando que a vítima tinha relações amorosas com outros homens.
  - Proibições de sair de casa, de visitar familiares, de receber correspondência e até de vestir determinadas peças de roupa.
- O que é que o réu tem a dizer sobre estas acusações?
- O meu advogado vai falar por mim.
- Está bem, mas primeiro vão falar as testemunhas. Que entre a primeira testemunha. Dona Ana, o que tem a dizer sobre este caso que está em julgamento?
- Senhor Doutor Juiz, eu sabia que o Daniel maltratava a Celeste.
- Como é que sabia?
- A Celeste já me tinha contado, quando a gente ia à missa. Ela ia pra a igreja na companhia do marido e dos filhos, mas ele geralmente ficava na tasca e ela voltava pra casa. De modo que na volta dava pra a gente conversar e ela às vezes queixava-se.
- Mas a senhora viu o Senhor Daniel bater na D. Celeste?
- Não Senhor, porque ele maltratava-a dentro de casa, sem testemunhas. E uma noite ela já tinha ido bater à minha porta, muito maltratada, com a cara amachucada, e pediu para entrar e se esconder porque o Daniel vinha atrás, tentando apanhá-la. Ela entrou para dentro da minha casa e eu fiquei a espiar pela janela, de luz apagada, e daí a pouco o Daniel apareceu, olhou para todos os lados e não sabia onde a Celeste se tinha escondido e voltou para casa dele. Eu pus-lhe gelo na cara e água oxigenada, depois dei-lhe um comprimido para ela dormir. De manhã cedo a Celeste levantou-se e voltou para casa fazer o almoço para o Daniel levar para o trabalho.
- Então ficou tudo bem?
- Eu penso que não estava nada bem, mas a Celeste ia suportando aquela vida porque tinha medo do Daniel e pensava que não havia solução para a sua vida.
- E o que é que se passou no dia...?
- Ora, nesse dia, a Celeste bateu à minha porta, com sangue pela cara abaixo e o Daniel atrás dela, a berrar como um demónio. Ela entrou e eu fechei a porta, mas ele começou a bater com tanta força, parecia que ia rebentar tudo. Chamei a Natacha, pusemos uma arca atrás da porta, entretanto oiço umas pedradas na janela. Fiquei assustada, telefonei para a polícia e daí a vinte minutos chegaram os guardas.
- E depois?
- Só depois de chegar o carro da polícia é que o Daniel se acalmou. Mas, entretanto, um guarda bateu à minha porta e quis saber o que tinha acontecido. Eu expliquei-lhe e levei-o a ver o estado da Celeste. Então os guardas levaram o Daniel e depois mandaram uma ambulância pra levar a Celeste ao Hospital.
- O advogado de defesa quer fazer alguma pergunta à testemunha?
- Sim, Meritíssimo Juiz. Como é que a senhora Ana pode afirmar que o senhor Daniel maltratou a D. Celeste se não presenciou os acontecimentos?
- Olhe, senhor doutor, eu não vi, mas sei que foi o Daniel. E se o senhor doutor não tem a certeza pergunte à Celeste que ela vai esclarecê-lo. Só pelo modo como ele chegou a minha casa, os palavrões que disse, atirou pedras à minha janela porque a Celeste estava na minha casa, via-se logo que é um homem violento.
- Mas não basta fazer afirmações, é preciso observar, testemunhar.
- Então quem maltratou a Celeste? E porque é que ele foi atrás dela?
- Isso não explica nada.
- O advogado de acusação quer colocar perguntas à testemunha?

- Sim. Meritíssimo Juiz.
- D. Ana, o que disse o senhor Daniel quando chegou à sua casa?
- Senhor doutor, eu não sou capaz de pronunciar os palavrões do Daniel, mas ele dizia que a Celeste tinha de voltar para casa, que era uma puta como nós, que não ia ficar naquele bordel (referia-se à minha casa) e que quando ela chegasse a casa ainda ia “comer” mais. Que mulher tem de estar em casa e não andar aí como essas putas, a pôr os cornos no marido. Ela hoje vai aprender, dizia ele.
- Então continuava a portar-se de forma violenta e ameaçava continuar a maltratá-la?
- Sim, senhor.
- Estou esclarecido, Meritíssimo Juiz.
- A segunda testemunha. D. Natacha, o que tem a dizer sobre este caso?
- Eu não conhecia estas pessoas e fiquei assustada. A Celeste estava ferida, com sangue a escorrer e bateu na porta a pedir socorro. Logo atrás vinha o senhor Daniel, a gritar como louco, dizendo palavras que eu nem conhecia, mas vi que ele queria fazer mal. Segurámos a porta o melhor que pudemos para ele não entrar e ele atirou pedras para a janela e partiu um vidro. Eu queria fazer alguma coisa pela Celeste, mas ao mesmo tempo sentia-me paralisada. Entrei em pânico. Só a Ana conseguiu raciocinar e telefonou à polícia. Depois ela foi ao hospital com a Celeste e eu fiquei em casa. Eu estou grávida e era preciso alguém para fazer companhia ao André, o menino da Ana.
- O advogado de defesa pode interrogar a testemunha.
- D. Natacha, a senhora não é madeirense nem tão pouco portuguesa.
- Eu sou ucraniana, mas tenho a minha situação regularizada como imigrante.
- Mas então a D. Ana é sua patroa?
- Não senhor. Eu trabalho como modista e sou hóspede da Ana, que fez o favor de me receber na casa dela.
- Mas eu sei que a casa onde moram nem sequer é da D. Ana.
- Protesto, Meritíssimo Juiz. O advogado de defesa está a querer intimidar a testemunha da minha cliente.
- O protesto está aceite. O senhor advogado de defesa deve cingir-se ao factos e não à vida particular da testemunha.
- Não tenho mais questões a colocar.
- O advogado de acusação pode interrogar a testemunha.
- D. Natacha, o senhor Daniel proferiu ameaças a alguém enquanto esteve junto da casa da D. Ana?
- Sim, senhor doutor. Ele ameaçou-nos a todas, que ia dar cabo de nós (putas) e da Celeste também, que é uma igual a nós.
- E ele referiu-se aos maus tratos que teria infligido à D. Celeste?
- Ele disse mais de uma vez “ tu já comeste e ainda vais comer mais. Agora andas aí com essas cabras, mas vais para casa nem que seja pelos cabelos. Hoje tu vais me pagar, sua puta, sua cabra”. Parece que ainda estou ouvindo aquelas palavras!
- Bom, falaram as testemunhas, agora pode falar o advogado de defesa.
- Meritíssimo Juiz, Exmo. Tribunal, público aqui presente, o réu aqui acusado teve a infelicidade de sair de casa, de noite, à procura da mulher. Qualquer marido ficaria exaltado ao ver a mulher entrar na casa de duas mulheres de comportamentos pouco recomendáveis: uma mãe solteira e uma mulher grávida e sem marido.
- Protesto. O meu colega está a intrometer-se na vida pessoal das testemunhas.
- Protesto aceite. Não tem o direito de divagar nem de emitir juízos de valor sobre a vida das testemunhas.

- Ora bem, o senhor Daniel é acusado de maltratar a mulher. Mas ninguém testemunhou essa acção. De modo que, não havendo provas, peço absolvição para o meu cliente.

- Tem a palavra o advogado de acusação.

- Meritíssimo Juiz, Exmos senhores e senhoras presentes neste Tribunal, a D. Celeste processou o marido por violência doméstica, de forma continuada, durante vinte anos, como consta nos autos do processo. É claro que não há testemunhas oculares dos espancamentos nem outras sevícias, porque esses actos foram praticados dentro de casa, no foro íntimo da família, mas não significa que não tivessem acontecido. Durante muitos anos, as vítimas de violência doméstica sofreram sozinhas, porque não havia testemunhas, e mesmo se as houvesse geralmente não queriam depor, com o argumento de que “entre marido e mulher ninguém mete a colher”. Mas já ultrapassámos essa situação, e já é possível julgar e punir os autores de violência doméstica, segundo a legislação que veio a ser melhorada, e porque a sociedade tomou consciência que era necessário intervir no domínio privado, em casos de violência.

Segundo as testemunhas, a D. Celeste fugiu de casa ferida e foi perseguida pelo marido até a casa da D. Ana. Portanto, a defesa não pode esconder estes factos. Depois, há o relatório do hospital que refere que a vítima chegou lá nessa noite com hematomas por todo o corpo, uma ferida na cabeça e duas costelas partidas. Ficou internada durante quatro dias por causa dos hematomas que tinha na cabeça, havendo suspeita de fractura de crânio.

Temos, portanto, uma agressão muito grave, que podia ter levado à morte da vítima e ainda outros atentados anteriores, como aquele que foi descrito pela D. Ana, na noite em que ela lhe pediu socorro e lá passou a noite, porque o marido já a tinha maltratado e estava muito exaltado. E há ainda outras sevícias contra a D. Celeste, como proibi-la de sair de casa ou acusá-la de traição conjugal, com o intuito de humilhá-la e agredi-la psicologicamente.

Todos estes actos que atrás referi e ainda outros que constam dos autos do processo são crimes contra a integridade física e psicológica da vítima e por isso ao réu deve ser imputada a pena máxima prevista por lei para estes crimes.

- O julgamento está interrompido neste momento para o Tribunal tomar a decisão final sobre este processo. Voltamos a esta sala daqui a duas horas.

- A RDP tem estado a acompanhar o julgamento do senhor Daniel, acusado de maltratar a mulher, a senhora Dona Celeste, mas neste momento a sessão foi suspensa para o Tribunal decidir a sentença a aplicar ao réu.

- Vou tentar entrevistar algumas pessoas aqui presentes, pois como já vos disse está a decorrer aqui uma manifestação organizada por uma Associação de Mulheres, no sentido de prestar solidariedade à vítima, mas também estão outras pessoas, homens, inclusivamente. O senhor está a acompanhar este julgamento, qual é a sua opinião sobre o mesmo?

- Eu? Eu não tenho nada a ver com este assunto.

- Mas o senhor estava dentro da sala do julgamento.

- Pois estava, eu moro lá perto da casa deles e quero ver no que isto vai dar.

- Mas o senhor conhecia o modo de vida deste casal? Sabia que o réu batia na esposa?

- Ah! Isso são coisas dessas desavergonhadas, a Ana e mais a outra estrangeira. Isso, não prestam para nada.

- Mas então porquê?

- Olhe, uma é minha cunhada e já tem um filho grande, que nunca ninguém soube quem é o pai. A outra, foi para lá já grávida, não tem marido, a senhora já está a ver com quem a Celeste se meteu.

- Mas há um relatório médico dizendo que a vítima foi ferida para o hospital.

- Ora, caiu para lá e diz que foi o marido que lhe bateu.

- O senhor tem a certeza do que está a dizer?

- O que eu sei é que este mundo está perdido. As mulheres querem mandar nos homens e a justiça ainda está aí para ouvir estas desavergonhadas. Antes, as mulheres obedeciam, cuidavam dos filhos e da vida da família e não havia esta pouca vergonha. Já viu o que vai aí de mulheres, a gritar, a se mostrar, sem vergonha nenhuma, em vez de estarem em casa a cuidar do marido e dos filhos?! Se tivessem marido de pêlo na venta não andavam aí nessa pouca vergonha. Desde que as mulheres foram trabalhar para ganharem dinheiro como os homens, nunca mais deu nada certo.

- Então o senhor é contra que as mulheres trabalhem fora de casa?

- Olhe, o resultado está aí à vista.

- Eu também trabalho, sou jornalista, o senhor acha mal?

- Mal... não é bem isso... mas se há homens para trabalhar, era melhor as mulheres ficarem em casa a cuidar da vida.

- A senhora está apoiar a mulher que processou o marido?

- Pois claro! Temos de nos apoiar umas às outras.

- Mas há quem ache mal que uma mulher leve o marido a Tribunal.

- Nós sabemos isso. Mas se não nos revoltarmos contra a violência, nunca mais saímos desta mentalidade medieval, do tempo em que os maridos exigiam o cinto de castidade enquanto andavam fora de casa.

- Pensa que em Portugal ainda estamos muito atrasadas no capítulo dos direitos das mulheres?

- Os direitos já existem na lei, felizmente, mas é preciso conquistá-los para nós, na vida diária, em casa, na sociedade e no trabalho.

- Há quem diga que os males sociais de hoje decorrem do facto de cada vez mais mulheres saírem de casa para trabalhar. O que tem a dizer sobre isto?

- As forças retrógradas do País, com poder na sociedade e na política, sentem-se desconfortáveis pelo facto de muitas mulheres terem adquirido um estatuto profissional, ganharem o seu dinheiro, sem dependerem exclusivamente dos maridos ou outros familiares. E isto dá muita força a qualquer mulher, dá-lhe mais liberdade e é o caminho para a igualdade. As mulheres sempre trabalharam, a cuidar da casa, dos filhos, marido, animais, agricultura e noutros afazeres da família, mas sem estatuto e sem dinheiro. Hoje as coisas mudaram e as mulheres, que também levam dinheiro para casa, ombreiam com os companheiros e podem dizer-lhes, cara a cara, “eu também trabalho para sustentar esta casa”. Mas ainda falta muito caminho a percorrer. Nem todas as mulheres conquistaram o direito ao trabalho e mesmo as que o conseguiram, algumas ainda são escravas. O trabalho só redime alguém se for exercido em liberdade e em igualdade de direitos e deveres.

- O que espera deste julgamento? Acha que o réu vai ser condenado?

- Ele tem de ser condenado porque está provado que maltratou a mulher e isso é crime. Mas, independentemente da sentença, só o facto de a mulher o trazer a Tribunal, sentá-lo no banco dos réus, já é uma vitória. Aquele malandro nunca tinha pensado que um dia havia de passar por esta situação. Ao mesmo tempo, é um exemplo para outras mulheres e “mau agoiro” para os machistas violentos.

- Pensa que, através deste julgamento, se consegue mudar comportamentos?

- Não podemos afirmar isso em termos absolutos, mas é um passo para a libertação de muitas mulheres e para a igualdade entre os seres humanos.

Senhores radiouvintes, por agora ficamos com estes depoimentos: de um homem que se rebela contra a ousadia das mulheres, que até processam os maridos e de uma mulher que apoia a vítima e preconiza uma nova vivência entre homens e mulheres, baseada na liberdade e na igualdade.

- Pum! Pum! Pum!

- O Tribunal reuniu, analisou os factos descritos nos autos, os depoimentos das testemunhas, o relatório médico e ainda a confissão do réu quando foi chamado a depor e concluiu:

- Que não restam dúvidas que o réu agrediu a vítima, física e psicologicamente.

-Que estes maus tratos foram exercidos de forma continuada, durante vários anos.

-Que na noite de 23 de Fevereiro de 2003 a vítima foi barbaramente espancada, fugiu de casa e foi perseguida pelo réu, seu marido.

- Que foi protegida pelas testemunhas aqui presentes, D. Ana e D. Natacha e mais tarde por dois agentes da PSP que foram chamados ao local, prenderam o agressor e providenciaram uma ambulância para transportar a vítima para o hospital.

Estes actos são crimes previstos na lei, pois nenhum dos cônjuges, marido ou mulher, pode maltratar o parceiro e, quando acontece, como neste caso, estamos perante transgressões à lei e à boa harmonia da família.

Por terem sido provados os crimes aqui descritos, o réu é condenado a quatro anos de cadeia, que podem ser pagos em dinheiro, mais uma indemnização à vítima. Terá ainda de pagar os custos do processo.

O réu tem trinta dias para satisfazer estes pagamentos ao Tribunal, findos os quais, se não o fizer, será encarcerado para cumprir a pena na cadeia.

A sessão está encerrada.

- Vitória! Vitória! Vitória!

- A Celeste ganhou!

- Vitória! Vitória! Vitória!

- D. Celeste, diga aqui para a rádio o que sente neste momento.

- Eu não sou capaz.

- Fala, Celeste, diz o que estás a sentir.

- Eu nunca pensei chegar a um dia destes. Passei anos e anos cheia de medo, sem licença de sair de casa, só para ir à missa ou ao Centro de Saúde. Até para ver a minha mãe era sem ele saber e depois ainda levava porrada. E dizer que fui capaz de levá-lo à frente do juiz...

- Já não tem medo do seu marido?

- Agora não. Perdi o medo quando saí do hospital, viva e curada das mazelas que ele me fez. De vez em quando ainda fraquejava, mas, com a ajuda das minhas amigas, do senhor doutor e das mulheres da associação consegui chegar aqui e sinto-me orgulhosa por isso.

- Acha que sem o apoio dessas pessoas não teria vencido esta batalha?

- Não era possível. Para sair duma situação como a que eu vivia tem de haver ajudas, amizades, apoios. Uma mulher sozinha não consegue. A minha salvação foram as minhas amigas, sobretudo a Ana, que procurou as pessoas que me ajudaram.



- Senhor Doutor, como advogado, já tinha defendido outras vítimas de violência doméstica?

- Eu já trabalhei com outras pessoas vítimas de violência doméstica, mas este é o primeiro que chegou ao julgamento final.

- Está satisfeito com este desfecho?

- Acho que se fez justiça a esta pobre mulher, que sofreu sevícias do marido durante tantos anos. Está na hora de outras mulheres seguirem o exemplo desta e se libertarem dos grilhões de casamentos que apenas servem para aprisionar, sacrificar e dar continuidade à mentalidade retrógrada de que o homem é dono da mulher e pode fazer dela o que quiser.

- Muito obrigada.

- Senhor Doutor, como advogado de defesa do condenado, acha que a sentença foi justa?

- Não é aceitável que o Tribunal aplique uma pena tão pesada a este pobre homem.

- O que pensa fazer agora? O Juiz decidiu.

- Vou conversar com o meu cliente e talvez ele queira recorrer da sentença.

- Mas em que se vai basear para apelar da sentença?

- Bom, não temos testemunhas oculares dos acontecimentos...

- Acredita que o seu cliente está inocente?

- No Tribunal, o que interessa é provar ou não os factos e as provas são pouco convincentes.

- É possível reverter a sentença com um recurso?

- Decerto que sim.

- Senhor Daniel, o senhor acaba de ser condenado pelo Tribunal em quatro anos de cadeia. Como está a sentir o peso desta sentença?

- Este mundo está virado de pernas pr'ao ar. Estão todos contra mim e eu sou um homem sério. Eu só queria o bem da minha família. E veja lá o que me aconteceu: a mulher fugiu de casa, a filha foi viver com a avó e eu fiquei sozinho, sem ninguém pra cuidar da vida de casa e ainda querem meter-me na cadeia. Este mundo está perdido, está por conta de comunistas que fazem leis destas, de mulheres de bordel e advogados e juízes que as defendem.

- Sente-se injustiçado?

- O quê? Justiça? Quero lá saber de mais justiça. Nunca mais quero pôr os pés aqui, nesta casa de perdição, onde as putas são abençoadas e as pessoas de bem, como eu, são condenadas.

- Minhas amigas, mulheres presentes e ausentes, a nossa UNIÃO deu os seus frutos. Se não houvesse esta solidariedade, esta compreensão de que uma mulher sozinha tem muita dificuldade de vencer, se não fosse esta vontade colectiva, a Celeste nunca tinha saído de casa, nunca tinha levado o marido ao Tribunal e nunca teria alegria de sentir o sabor da liberdade. Ela hoje é uma mulher liberta de um casamento que há muito deveria ter chegado ao fim.

- Viemos esta manhã para este Tribunal determinadas a fazer valer os direitos da nossa amiga e conseguimos ver os nossos desejos satisfeitos. Fez-se justiça e agora estamos a cantar vitória, estamos a abraçar esta vítima de violência que se libertou de vinte anos de sofrimento.

- Mas estamos também a chamar a atenção de outras mulheres que precisam de cortar amarras. Não tenham medo! Saiam! Procurem os apoios necessários, porque há remédio para todos os males. A nossa Associação está pronta para receber todas as que

precisam. E há outras Associações como a nossa por esse mundo fora. E há um Movimento que se chama Marcha Mundial de Mulheres que luta, fundamentalmente, contra a violência e a pobreza das mulheres. Além da liberdade, é preciso conquistar a igualdade de direitos, a igualdade nos salários, na educação e o direito ao corpo. Se as mulheres conquistarem os direitos que o Movimento se propõe, haverá uma verdadeira revolução no Planeta Terra e os seres humanos viverão em harmonia e fraternidade. Levem esta mensagem para as vossas casas, para a vossa cidade e não se esqueçam de lutar todos os dias, para que os direitos humanos das mulheres e dos homens sejam uma realidade no Século XXI.

### **MULHERES DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!**

- Vitória! Vitória! Vitória!
- Calem-se Já chega de barafunda.
- Ó Celeste! Até parece que não estás contente!
- Ana, eu hoje ganhei, mas...
- Mas, o quê?
- Tenho medo que tudo continue na mesma.
- Não é possível, Celeste.
- Natacha, sabes quantos anos a Ana esperou para resolver o problema desta casa?
- Foram sete anos. E a casa ainda não é minha. É uma casa de vários herdeiros. Eu consegui livrar-me da peste do Agostinho e a casa agora está em meu nome e de meus irmãos que estão embarcados. Antes estava em nome dos meus pais e a minha irmã e o Agostinho também eram herdeiros. Esse era o grande problema. Mas não sei o que os meus irmãos poderão resolver de hoje pra amanhã. Se um deles decide que quer vender a sua parte, o que é que eu hei-de fazer?
- Estás a ver, Natacha. Vencer as coisas na justiça é muito difícil.
- Mas tu venceste e o Daniel perdeu.
- É verdade, mas eu sei lá se ele vai cumprir a pena. Ainda podem dar alguma volta no Tribunal.
- Também não vale a pena pensar o pior. Hoje o Daniel levou no focinho e vai pagar. Ora se vai!
- Eu não tenho tanta certeza. Onde é que ele vai buscar tanto dinheiro? Já pensaste, Ana?
- O Daniel é que tem de pensar nisso! Ora! Ele foi julgado e tem uma pena para cumprir. Ou vai para a cadeia ou arranja o dinheiro.
- Eu não sei. O advogado dele é muito esperto e pode continuar a dar voltas àquele processo.
- Em Portugal acontece isso? Uma pessoa é condenada e não cumpre a pena?
- Em Portugal acontece muita coisa espantosa, escandalosa. No teu país não acontece?
- Também acontecem desgraças e injustiças, mas não conheço nenhum condenado que não cumprisse a pena. De toda a maneira, nós hoje vamos festejar porque a Celeste ganhou o processo.
- Viva a Celeste!
- Viva a Justiça!
- Viva a Liberdade!

- Senhor Doutor, acha que o Daniel não vai pagar o que o Juiz mandou?
- Tem de cumprir. A não ser que haja recurso da sentença e que ele venha a ser absolvido. Mas não me parece. Os Tribunais começam a ser mais severos com os agressores, nos casos de violência doméstica.
- Mas porquê só agora? Antes não eram exigentes?
- Porque a sociedade, sobretudo as mulheres e as suas organizações têm vindo a denunciar e a pressionar o poder legislativo e o poder judicial. Hoje há mais consciência da situação e as leis foram melhoradas. A violência doméstica passou a ser crime público, as polícias e outras entidades recebem alguma formação nesta área e, se não for feita justiça, aparece muita gente a protestar.
- O Senhor Doutor acha mesmo que o Daniel vai cumprir a pena?
- Tem de cumprir, a não ser que o advogado dele recorra da sentença.
- E pode ganhar?
- Não me parece. Foi tudo feito da melhor maneira, tudo provado, os crimes são muito graves e o Daniel não negou o que tinha feito.
- Então não vale a pena ele recorrer da sentença?
- Às vezes é uma maneira de ganhar tempo. Se houver recurso, o processo pára e espera-se que venha o despacho.
- O Senhor Doutor acha que vai acontecer isso?
- Não sei, mas parece-me que o Daniel não tem dinheiro para sustentar o recurso. Vai gastar em papeladas, pagar ao advogado e ao Tribunal. Seria uma despesa grande.
- E se ele não recorrer?
- Daqui a um mês tem de arranjar dinheiro para começar a pagar ao Tribunal e à Celeste.
- A Celeste não acredita que ele lhe pague aquele dinheiro.
- O casal tem bens?
- Eles têm uma casa e algumas terras.
- Talvez possam negociar os bens. Em vez de pagar a pena com dinheiro, passar para a Celeste os bens do casal.
- Ah! Isso era interessante!
- Mas eles ainda estão casados. Seria bom começar pelo divórcio e pela divisão dos bens.
- Pois é. O Senhor Doutor acha que ele lhe dá o divórcio?
- Se for negociado, uma vez que ele precisa pagar a pena que o Tribunal aplicou... Quem sabe?
- Obrigada, Senhor Doutor. Vou falar com a Celeste.
  
- Celeste, eu hoje estive a falar com o Senhor Doutor sobre ti e o Daniel e talvez haja uma solução pouco difícil.
- Meter o Daniel na cadeia.
- Se ele não tiver dinheiro para cumprir a sentença vai parar à cadeia.
- Ó mãe, eu não quero ver o pai na cadeia.
- Eu sei, filha. Eu também não ganho nada com isso, mas o que se há-de fazer?
- Vocês ainda desculpam as maldades daquele traste?!
- A D. Natacha alguma vez viu o seu pai no tribunal e na cadeia?
- Não, não vi. Mas também nunca vi o meu pai maltratar ninguém. Maltratar a mulher como o teu pai fazia não pode ter perdão.

- Marta, Celeste, eu estive a conversar com o Senhor Doutor e há maneiras de resolver a questão do dinheiro. Para início de conversa, tens de pedir o divórcio.

- Divórcio! Meu Deus!

- Mas a mãe já está separada do pai!

- Perante a lei ainda são marido e mulher.

- A mãe vai pedir o divórcio? A avó diz que é pecado.

- Olha, por causa dessas conversas é que eu vivi tantos anos debaixo das patas de teu pai. Eu vou falar com o Senhor Doutor e é claro que vou pedir o divórcio. Meu Deus! Alguma vez pensei que era capaz de divorciar-me!

- Agora é que as pessoas vão chamar aqueles nomes.

- Marta, tu tens de ser forte e não dar importância ao que esse povo diz. Estuda, ajuda a avó, que a mãe vai resolver a nossa vida, de modo que em breve possas estar ao pé de mim.

- Ah! Eu não vejo a hora de estar ao pé da mãe todos os dias. A avó está sempre a ralar comigo, não quer que eu veja os programas de televisão, porque é pecado, proíbe-me de falar ao telefone. Está sempre a arranjar problemas.

- Marta, a avó é tua amiga e faz o que pode. Já te esqueceste de quando fugias de casa e ias com a avó? Tens de compreender que ela não gosta de certas coisas na Televisão, acha que certos programas são indecentes. Quanto ao telefone, a avó tem pouco dinheiro e não deves exagerar. Eu sei que ficas ao telefone com as tuas amigas e isso custa caro.

- Mas, também, assim eu não tenho liberdade nenhuma.

- Tem paciência. Já vivemos muito pior e havemos de melhorar a nossa vida. Sabes que não podes vir morar para esta casa que já está cheia como um ovo. Temos de lutar mais um bocadinho até conseguirmos um lugar para morarmos as duas.

- D. Celeste, o Senhor Daniel só assina o divórcio sob condições.

- Quais condições?

- A D. Celeste perdoa a pena, não recebe dinheiro nenhum e o Senhor Daniel assina o documento para o divórcio.

- Isso é muito fácil. Eu já estou separada dele e ainda vou pagar para me separar?

- Mas ainda estão casados perante a lei.

- Bom, o meu advogado vai tratar do assunto com o Daniel. Se ele aceitar as minhas propostas, tudo bem. Se não, nada feito. Não há divórcio, mas eu quero o dinheiro que o Senhor Doutor Juiz mandou ele me pagar.

- A senhora sabe que o meu cliente não tem esse dinheiro.

- Eu sei lá! Ele guardava dinheiro no banco e nunca me disse o que lá tinha. Eu nem sequer tinha o direito de receber as cartas! Agora, se não tem dinheiro, que invente. Tenho passado tantas necessidades, mas ele não se preocupou. Agora, o meu advogado vai falar com ele.

Isto é difícil de enfrentar. Levei-o a tribunal, fiquei contente por ganhar a causa e ele perder, mas agora está-me custando pensar que ele pode bater com os ossos na cadeia. Contudo, tenho de ser forte e exigir o que tenho direito. Se ele me der a casa já fico feliz. Posso ter a minha filha ao pé de mim e deixar de fazer peso à Ana, apesar de saber que vou ter saudades. Vivemos apertadas nesta casinha, mas foi aqui que eu encontrei alguma liberdade, encontrei amizade e um rumo para a minha vida. Esta casa tem sido o nosso lugar para viver, conversar, trabalhar e aprender. Aqui eu comecei a compreender melhor a vida e o valor da união. Nós, as três, vamos pensando, falando e procurando quem nos ajude. E a Ana é a nossa abelha-mestra. Reparou que eu tinha

muitas dúvidas, foi logo falar com o senhor doutor, aquele santo homem que está sempre pronto a nos ajudar, que encontra sempre um remédio para as nossas dificuldades e as nossas tristezas. Mais uma vez ele vai enfrentar o Daniel e sei que vai conseguir negociar com ele. Queira Deus e queira os Anjos e queira a Virgem Maria.

- Marta, como vai o Curso? Arte e Design! É lindo, não é? Eu também estudei Arte.

- A D. Natacha é uma artista. Eu gosto do curso, mas tem coisas difíceis. O pior é a geometria. Eu às vezes perco-me naqueles riscos todos, mas tenho de conseguir.

- Claro que vais conseguir. Quando tiveres dificuldade, fala comigo. Pode ser que eu possa ajudar-te de alguma maneira.

- Muito obrigada. Gosto muito deste vestido da Pelaginha. Eu gostava de desenhar vestidos e bordados.

- Estuda, trabalha bastante, vai desenhando o que te vier à cabeça e quem sabe consegues realizar esse teu sonho?

- Acha que alguma vez vou ser capaz?

- Desde que te empenhes bastante no trabalho, hás-de chegar lá. Mas precisas estudar muito, conhecer artistas e os seus trabalhos e as técnicas que se pode utilizar. É essa a tua missão. Não se alcança o mérito sem trabalho e talento. O talento nasce conosco, mas o mérito vem da vontade, do esforço, do trabalho. Nada nos vem parar às mãos se não fizermos nada por merecer.

- Eu não tenho muitas dúvidas quanto ao curso que escolhi, contudo, acho que devia começar a trabalhar. Já estou farta de viver com a minha avó. Ela já está velha, embirra com tudo, não me compreende. Eu sou jovem, não posso viver como uma freira.

Essa revolta tem a ver com o facto de estares separada da tua mãe, mas precisas ter paciência. A tua mãe não morreu, está aqui, a batalhar pela vossa vida, pela vossa liberdade, pelos vossos direitos. Não é fácil ultrapassar estas etapas, precisas compreender. Ou tu querias voltar para a vida que tinhas antes?

-Que horror! Aturar bebedeiras, pancadarias, vidros partidos, loiça quebrada... Ao sábado e ao domingo era sempre assim!

- Para alcançares uma vida melhor foi preciso ficares com a tua avó. Se estivesse aqui, o teu pai poderia vir buscar-te. Ainda és menor.

Com ele eu não vou. Era só o que me faltava! Mais vale atirar-me para dentro do ribeiro.

- Não digas coisas dessas. O teu pai nunca foi buscar-te à casa da tua avó e não vai fazer isso agora. O advogado da tua mãe vai negociar com ele e vai conseguir que ele assinhe para que fiques a viver com a tua mãe.

- Mas a mãe diz que eu não posso dormir aqui, porque a casa é muito pequena para nós todas.

- É verdade. Porém, se o teu pai pagar à tua mãe como o tribunal mandou vão ter dinheiro e podem alugar uma casa.

- Quem me dera!

- Espera mais um pouco e verás que a tua mãe vai encontrar um bom rumo para a vossa vida. Está custando muito, mas a vida é assim mesmo. Sofremos um pedaço para conseguir realizar os nossos desejos.

- A D. Natacha também está sofrendo muito?

- É. A minha vida não é famosa, mas poderia ser pior. Apesar de tudo, encontrei amigas maravilhosas, tenho um tecto para me abrigar, a mim e à Pelaginha.

- Tem uma menina linda, faz trabalhos maravilhosos...

- Vês, é preciso olhar para o lado bom da vida.
- Onde está a minha linda? Pelaginha, é o André. Então, ainda gostas de mim?
- Gosta, pois, é a tua namorada.
- Quando é que ela vai para a escola?
- Ainda vai demorar um pouco. Tem de crescer mais, andar com os seus pés e poder pegar na mochila de livros e cadernos.
- Mas a irmã do Filipe é pequenina e já vai para a escola!
- Vai para a creche, porque a mãe vai trabalhar. A Pelaginha, por enquanto, fica aqui ao pé da mãe e da Celeste.
- Quando ela crescer mais um bocadinho eu levo-a pela mão para a escola.
- Está bem.
  
- Senhor Daniel, vamos lá discutir as propostas a ver se chegamos a um acordo.
- O meu advogado disse que era para assinar o divórcio, mas eu quero saber as condições.
- Pois claro, assim é que se fala. Neste momento, estão casados, os bens são dos dois e o senhor tem custos a pagar no tribunal e uma indemnização à sua mulher.
- Eu sei que devo pagar ao tribunal, mas não vou pagar à minha mulher, porque eu não tenho dinheiro para tanto.
- Não tem, então vai cumprir a pena. Ou paga em dinheiro ou paga com cadeia.
- Eu não quero ir para a cadeia. Já tenho uma pessoa que me compra um pedaço de terra.
- E dá dinheiro suficiente para pagar a pena?
- Não chega, mas o meu advogado disse que posso pagar em prestações.
- De toda a maneira a terra é dos dois. Se vender a terra, metade do valor é para a sua mulher. E se chegarmos a um acordo na divisão dos bens? O senhor fica a saber o que é seu e vende o que quiser.
- É verdade. No entanto, se for pago em prestações, basta que arranje o dinheiro para a primeira prestação.
- Mas tem de pagar à D. Celeste.
- E qual é a proposta que o Senhor Doutor tem?
- Esta proposta não é minha, mas sim da D. Celeste. O senhor assina o divórcio e passa a casa para o nome dela. As terras ficam em seu nome e o senhor Daniel faz o que quiser com elas.
- Ah! Mas e onde vou morar? E a casa vale mais que a terra, Eu assim fico desgraçado!
- Vamos lá pensar um pouco. Metade dos bens já são da sua mulher e se dividirem ao meio, cada um fica com a sua parte e o senhor tem de pagar a indemnização à D. Celeste, como o tribunal mandou. De que serve o senhor ficar com os bens e depois vendê-los para pagar à sua mulher e ao tribunal? E é se o dinheiro chegar.
- Estou desgraçado, A terra não dá para pagar ao tribunal e a casa é para eu morar.
- Pois é. A D. Celeste também não tem casa e está a viver de empréstimo.
- Ela é que saiu de casa e foi morar com aquelas vadias. Foi a puta da Ana que lhe meteu aquelas loucuras na cabeça.
- Olhe lá como é que fala. Não pode ofender assim as pessoas.
- Eu tenho as minhas razões. Desde que ela se meteu naquela casa é que a minha vida destrambelhou. E agora quer tirar-me a casa! Esta agora!
- Bom, se quer assim, arranje dinheiro para pagar ao tribunal.

- Mas eu preciso vender terra para receber dinheiro e a Celeste tem de assinar.
- Ou o senhor assina o divórcio e a divisão dos bens como já lhe expliquei, ou nada feito.
- Isto é que é uma encrenca do diabo! Anda aqui um homem a trabalhar, a ganhar dinheiro para fazer uma casinha e agora é para dar à mulher e vai viver debaixo da ponte?!
- Realmente não é fácil, mas o juiz decidiu, está decidido. Ou paga, ou vai para a cadeia.
- Eu vou falar com o meu advogado e depois vê-se.
  
- O Senhor Doutor tem de me salvar. A minha mulher quer roubar-me.
- Eu já falei com o advogado dela.
- Então já sabe o que eles me querem fazer. Querem pôr-me na rua! E onde é que eu vou morar?
- A situação é difícil, mas o advogado dela é muito esperto e está firme nesta proposta. Parece que o senhor Daniel não pode fazer nada para o contrariar.
- Mas que desgraça a minha! Fico sem casa e sem terra, sem nada, no caminho de concelho.
- É verdade. Mas vamos lá pensar bem. O Senhor Daniel assina o divórcio e a divisão dos bens. Fica ela com a casa e o senhor com as terras. Em troca, ela assina um documento como o senhor não tem mais nada a lhe pagar.
- E ainda tenho de pagar a multa ao tribunal. Nunca mais me vejo livre de contas para pagar.
- Se pagar em prestações, torna-se mais fácil e é melhor que ser preso. Quatro anos de cadeia é muito tempo.
- Arreda Satanás! Para a cadeia eu não vou.
- Então, tem de ser razoável. Vamos amanhã ao escritório, assinam os dois os documentos e fica tudo resolvido. Depois, já pode vender parte do que é seu para ajudar a pagar ao tribunal.
- Bom, perdidos a velas, perdidos a remos. Já que não há mais nada a fazer, que seja.
- Até amanhã. Estamos conversados.
  
- Celeste, então? Como é que foi?
- Está tudo assinado. Sou uma mulher divorciada.
- Estás livre, Celeste! És uma mulher livre!
- Eu estou com medo do que ele possa fazer.
- Celeste, não vais agora começar a tremelicar. Tens de ser forte e pensar que o Daniel nunca mais se mete contigo, porque agora sabe o quanto dói ser julgado em tribunal. Achas que ele agora se vai meter noutra?
- Ana, eu sei que és uma mulher corajosa, sei que me ajudaste bastante, e sem ti nunca tinha conseguido libertar-me do Daniel. Mas eu não sou como tu, de vez em quando ainda sinto medo e também sinto pena do Daniel.
- Ó Celeste, não vais agora voltar tudo para trás! Pensa no que já sofreste, no que já venceste e que ainda vais conseguir mais!
- Assim é que se fala. Eu também me sinto triste de vez em quando, mas olho para a minha filha e sei que se ando de cabeça erguida, com a minha vida organizada, foi graças a esta união que a gente fez.
- Viva a nossa UNIÃO!

- Então vocês ainda não pensaram que eu agora vou para a minha casa? Por um lado, é bom viver com a minha filha, que está desejosa de vir para a minha beira. E também deixo vocês mais à vontade. No entanto, vou ter saudades desta casinha, desta nova família que a gente construiu.

- Até parece que vais para a Sibéria!

- Onde é isso de Sibéria?

- É na Rússia. Quando alguém parte para longe, dizemos que vai para a Sibéria, que é um lugar distante e muito frio.

- Credo Avé Maria Sagrada!

- A tua casa é mesmo ali adiante! E podes sempre vir aqui, bordar ao pé da Natacha, ajudar a cuidar da menina. Entre nós não vai mudar nada. Havemos de ser sempre amigas e unidas.

- Ana, eu vou dizer uma coisa, mas não é para te ofenderes. Se não estiverem de acordo, ficamos amigas à mesma. Eu agora tenho uma casa grande, com três quartos e sala e a Natacha poderia morar lá comigo.

- Agora querem deixar-me sozinha?!

- Não é bem assim. Tu tens o teu filho, vais trabalhar todos os dias, a Natacha fica aqui sozinha e eu só na minha casa durante o dia, porque a minha filha vai pra escola. Não acham que era melhor a Natacha ficar na minha casa?

- O que é que achas, Natacha?

- Bom, eu só tenho a agradecer a vocês as duas, que pensam sempre em mim e na minha filha.

- Eu não quero que a Pelaginha se vá embora. Se a Natacha for para a casa da Celeste deixa aqui a Pelaginha, que é a minha namorada.

- André, tu vais para a escola e a Pelágia não pode ficar aqui sozinha.

- Então, ela vai para a escola comigo.

- Quando ela for maior, também vai para a escola, mas por enquanto tem de estar ao lado da mãe. Se a Natacha e a Pelágia forem para a casa da Celeste, nós vamos lá todos os dias vê-la.

- É. Quando vieres da escola, entras na nossa casa, brincas com a menina e ficas um bocado connosco.

- Eu não quero que ela vá para outra casa.

- É tão pertinho! Quando vieres da escola, entras na nossa casa e ficas lá até a tua mãe voltar para casa. Vamos ver-nos todos os dias.

- Claro! Em vez de vires para casa sozinho, ficas com a Natacha, a Pelaginha e a Celeste, fazes os trabalhos da escola e à noite vens comigo para a nossa casa.

Eu faço-me forte à frente delas e do meu filho, mas vou sentir a falta das minhas amigas. A gente construiu uma união, uma família, ajudámo-nos, ganhámos amizade e agora temos de nos separar. É bom e é doloroso ao mesmo tempo. Enfim, vou ficar novamente para este lado, sozinha com o meu filho, a lutar contra este mundo cão. Mas o que se há-de fazer? Quando uma pessoa pensa que está bem, logo aparecem os problemas e as tristezas. Será que vou passar a vida inteira a resolver problemas, sempre com o coração na mão, a ver quando cai uma nova desgraça na minha cabeça? Acalma-te, Ana, que isto não é nenhuma desgraça. Mas dói muito. Ah! Se dói!

- Então, Ana, as suas amigas já mudaram de casa?

- Ah! Senhora Professora, nem me fale nisso. Eu já ando a chorar pelos cantos às escondidas.

- Mas então? Está triste, porquê?



- Ora, a gente acostumou-se todas, chegava a casa à noite, tinha gente em casa, geralmente tinha o jantar feito, o André chegava da escola e elas tomavam conta dele... Está me custando muito esta separação.

- Então o André agora fica sozinho depois da escola?

- Não senhora. Está combinado que ele sai da escola e vai para a casa da Celeste.

- Então, essa parte está resolvida.

- Eu sei, mas está me custando muito viver sozinha.

- Sim, eu compreendo. Porém, talvez ajude pensar nas lutas que travaram juntas e nas vitórias alcançadas. Se as suas amigas vão sair da sua casa é porque a Celeste ganhou a causa contra o marido, e ficou com a casa só para ela e a filha. Foi uma grande conquista. Ficaram para trás anos de maus tratos e sofrimento.

- Lá isso é verdade! A Celeste hoje é uma mulher que se libertou daquele malfeitor.

- Natacha, a Pelaginha é como eu, também não tem pai.

- Não é assim, André. A Pelágia tem pai e o André também.

- A minha mãe diz que eu não tenho pai. Não é verdade, mãe?

- O teu pai morreu.

- Está no cemitério?

- Está num cemitério longe daqui.

- E o pai da Pelaginha onde está?

- Está em Lisboa.

- Em Lisboa?! E não vem ver a filha?

- Há-de vir. Não sei é quando.

- E agora está na hora de o André ir para a caminha. Amanhã é preciso levantar-se cedo e ir para a escola.

- Está bem. Boa noite e até amanhã.

- Ó Ana, vais ter de contar ao André quem o pai dele.

- Eu sei, só que ainda não chegou a hora.

- Esse assunto ainda te dói muito, mas connosco podes desabafar, fazia-te bem.

- Ó Celeste, tu deves estar lembrada de eu andar por aí numa desgraçada, entregue às bocas do mundo. Só eu sei o que sofri.

- E nunca disseste a ninguém quem é o pai da criança.

- Aqui, na freguesia, só minha madrinha é que sabia. Foi a única pessoa que me ajudou, além do senhor doutor e da senhora professora. Que Deus dê o céu a minha madrinha, coitada, que também lá se foi, e me deixou sozinha, sem ninguém de família para me ajudar.

Depois da morte de minha mãe e de meu pai, eu fui trabalhar para uma casa no Funchal como empregada doméstica. Eu era uma ignorante, só conhecia as pessoas da família e as do sítio. Além de umas coisas que aprendi na escola, não sabia nada da vida. Ouvia os palavrões, os trejeitos, e nem sequer sabia o significado de muita coisa. Entretanto conheci a brutalidade do Agostinho que me deixou de rastos.

Quando cheguei àquela casa, conheci aquele menino bonito, bem posto, perfumado, bem vestido...Só de olhar para ele parecia que subia às nuvens. Ao princípio, ele nem olhava para mim. Depois, começou a me deitar uns olhares que me toldavam o miolo.

Como eu dormia num quatinho separado, no quintal, ele começou a me aparecer por lá, quando eu ia para me deitar e foi se chegando, afagando, fazendo elogios e eu não consegui resistir. Implorava que não me engravidasse, ele dizia que

tomava cuidado, mas às vezes não se preocupava com isso, e quando me dei conta estava grávida.

Um dia desmaiei, a patroa e a filha levaram-me ao médico, souberam que eu estava grávida e puseram-me na rua, à noite, como se fosse um cão danado. Quando eu disse que o menino era o pai, elas ainda ficaram mais furiosas.

Cheguei a casa de minha madrinha a meio da noite, contei-lhe o que tinha acontecido, ela tentou consolar-me e apoiou-me como pôde. Ela ainda procurou uma abortadeira, mas como a gravidez já estava um bocado adiantada, não se pôde fazer nada. Minha madrinha foi piorando, foi para o hospital e morreu em pouco tempo.

Foi nessa altura que vim para esta casa, grávida, caí nas bocas do mundo, não aguentei a pressão e fui bater à Casa de Saúde de Doentes Mentais. Foi lá que o meu filho nasceu. Quando ouvi o meu menino chorar, senti um baque no coração, agarrei-me a ele como se fosse a minha salvação. Apesar de tudo, eu tinha um filho pequenino ao meu lado que precisava de mim e eu dele. O meu filho tirou-me das trevas e restituiu-me a vida. Foram estas as palavras que os médicos e enfermeiras me disseram.

Quando melhorei um bocadinho, voltei para casa, comecei a procurar trabalho e consegui empregar-me na casa da senhora professora e do senhor doutor. Eles foram a minha salvação. Deixaram-me levar o bebé comigo, depois procuraram uma creche para ele, mas era preciso registá-lo. O senhor doutor queria que eu desse o nome do pai para o registo, mas eu não queria, porque essa gente podia tirar-me o meu filho.

Passou-se algum tempo e o senhor doutor contactou os meus antigos patrões e disse-lhes que o filho tinha de assumir a paternidade da criança, como manda a lei. Eles ficaram furiosos, meteram um advogado e ofereceram-me dinheiro para o Raúl não figurar no registo da criança. Eu disse logo que aceitava o dinheiro, que me fazia falta e não quis ver mais ninguém daquela gente. Com o dinheiro que recebi, melhorei algumas coisas na casa, comprei máquina de lavar, uma televisão nova, pus telefone e guardei um bocadinho para as necessidades.

- Ó Ana, eu compreendo perfeitamente as tuas razões, mas se ele for registado como filho desse tal Raúl, torna-se herdeiro dele e, para começar, é obrigado a contribuir com a pensão de alimentos.

- E se eles me roubam o meu filho? Mais vale só que mal acompanhada.

- Mas um dia ele vai saber quem é o pai!

- Quando ele for maior, eu conto-lhe. Mas só quando ele tiver idade de escolher com quem quer ficar, porque eu sei que ele vai querer ficar comigo. O senhor doutor já me explicou tudo. Mas ainda vai demorar um tempo.

- Entretanto, estamos juntas, unidas e vamos ajudar-nos umas às outras. Ninguém nos vencerá!

## NINGUÉM É DONO DE NINGUÉM

E o autocarro que não chega! Já são quase sete horas e tenho o jantar para fazer.

Passam carros, autocarros, peões, tudo numa roda viva.

- Será que o autocarro 42 já passou?

- Ainda não. Eu também estou à espera.

- Geralmente vou com o meu marido, mas como ele não está...

Há anos que deveria ter feito o exame de condução, mas é preciso tempo e paciência. E como o António conduz, é mais prático. Só que agora fazia-me jeito saber pegar no carro. Contudo, como o carro é dele, não sei o que ele acharia se eu andasse com o carro. Ah! Lá vem o autocarro! Até que enfim!

Este carro sobe devagar, pára e arranca, por mais que eu me segure ao varão, cada vez que o carro arranca ou muda de velocidade, sou projectada para as traseiras! Nunca mais chego a casa hoje. E o jantar para fazer, a loiça... Sente-se exausta. Todo o dia a vender selos, pôr carimbos, pesar cartas, atender pessoas. Um dia inteiro a fazer os mesmos gestos, ver gente que sai, gente que entra e traz cartas, pacotes, caras agradáveis e desagradáveis, bem dispostas e mal dispostas. A Isaura costuma dizer que as caras são todas iguais, mas não é verdade. Há caras de todos os feitios e até há caras de cu. Hoje venho farta de ver gente.

Ah! Sempre chegámos! Agora vou ver a minha gente. Será que estão todos em casa?

- Mãe!

- Sou eu, filho. Onde está a Isabel?

- Não sei. Ela saiu depois do almoço e ainda não voltou.

- O quê? À quinta-feira ela não tem aulas à tarde. E o Carlos? Também não está?

- O Carlos saiu há bocado. Disse que ia treinar.

- Também foi treinar à quinta-feira! E tu? Já fizeste os trabalhos da escola?

- Já fiz a cópia.

- E o resto?

- Falta fazer as contas.

- Ó vida! O jantar para fazer, o Luisinho que não sabe fazer as contas, os outros dois pela cidade abaixo, o marido em Lisboa cuidando da carreira dele e aqui a escrava é que cuida da vida de casa logo manhã, trabalha o dia inteiro e volta à noite para continuar a cuidar da casa, da comida e dos filhos. Para que se nasce mulher? Casar, ter filhos, trabalhar em casa e no emprego... Os homens não são assim. Filhos, só os fazem pelo prazer e alguns até os fazem para controlarem a mulher. Depois é ela que os pare, amamenta, lava, veste e continua a ocupar-se deles pela vida fora. Se eu sabia o que sei hoje...

- Ó Luís, anda cá! Ajuda a mãe.

- A fazer o quê?
- Apanha isto aqui e põe tudo no lixo.
- Ah! Mas eu sou alguma mulher?
- E porque é que as mulheres é que hão-de fazer tudo? Daqui em diante, toda a gente vai trabalhar em casa. Eu não posso fazer tudo sozinha.
- Amanhã vem a Beatriz e limpa isso tudo.
- A Beatriz vai cozinhar, encerar e passar a ferro.
- E varrer o quintal.
- Isso não. A partir de hoje, cada um de vocês varre o quintal um dia.
- O Carlos também vai varrer?
- Pois claro. Isto de ser a escrava a fazer tudo vai acabar. Para começar, vai pôr a mesa para o jantar.
- Pois, os outros caminham e eu é que tenho de fazer tudo. Sei lá pôr a mesa.
- Põe a toalha que está aí nessa gaveta e a mãe vai dizendo o que deves pôr em cima.
- Isabel!
- Sim, mãe.
- Onde é que vens a esta hora?
- Estive a estudar na casa da Luisa.
- Devem ter estudado bastante! Oh! Se estudaram! Escuta, eu disse que varresses o quintal e... afinal...
- Amanhã a Beatriz varre.
- Nem pensar. Amanhã, quando a menina chegar da escola, varre o quintal, que já deveria ter feito isso hoje. Depois, puxa lustro no quarto e põe tudo no seu lugar. E o Carlos tem de fazer o mesmo no quarto dos rapazes.
- Então isso não é trabalho da Beatriz?
- Não, minha menina. A Beatriz tem outros trabalhos para fazer, caso contrário, tenho de passar o fim de semana a trabalhar.
- Carlos, ainda bem que chegaste. Escuta o que a mãe está a dizer. Amanhã tens de dar lustro no chão e arrumar o vosso quarto.
- Porquê? A Beatriz não vem?
- Deve vir, mas há trabalho para todos. Daqui em diante, todos nós vamos trabalhar em casa.
- Ih! Agora vai tratar-me como se eu fosse mulher?!
- Olha, machista basta o teu pai. Só me falta que os filhos também sejam machistas e me tratem como empregada doméstica. Ou como escrava.

Jantar, lavar a loiça, arrumar a cozinha, destinar o trabalho para a mulher a dias, ajudar o Luisinho a fazer as contas. Nunca acabam as tarefas.

O dia começa com o som do despertador. Depois, é acordar os filhos, preparar o pequeno almoço, as correrias para um lado e para outro, correr para o autocarro... Agora, com o marido em Lisboa, tenho de ir de autocarro, geralmente de pé, chego ao trabalho já estafada.

Os homens é que têm vida boa! Só pensam em si, no seu trabalho, lêem o jornal nas calmas, vão ao clube, conversam com os amigos... Eu é que tenho de pensar na casa, nos filhos e no marido. Quem há-de ocupar-se da roupa dele neste momento, das refeições, do quarto? Mas ele agora pode viver sem os meus cuidados, a zelar pela sua carreira, curso profissional, lançado na Firma. Eu também podia estar melhor no meu trabalho se tivesse feito aquele curso que me foi proposto. Mas como é que eu podia? Quem tomava conta dos filhos e da casa à noite? Se eu fosse livre como um homem já não estava a vender selos e a pôr carimbos o dia inteiro.

- Ó filha, há coisas piores. Tu tens a tua casa, os teus filhos, o teu emprego, um marido que ganha bem... O que queres mais?

Coitada da minha mãe! Não é capaz de ver mais nada. O que será que eu quero? Porque estou aqui tão amarga, azeda mesmo, quando já devia estar habituada? Há dezasseis anos que me casei, há dezasseis anos que cuido do marido, há quinze anos que comecei a criar filhos e há dezoito que vendo selos e ponho carimbos. Porque será que ainda não me habituei a esta vida? Eu até julgava que estava tudo bem, mas não está. Quando o António chegar, não sei como vai ser, mas não pode continuar como foi sempre. Algo terá de mudar.

- Ora viva, Marília! Até que enfim que te decidiste sair de casa! Quando me telefonaste, nem queria acreditar que quisesses vir ao café!

- Eu achei que deveria sair, fazer qualquer coisa, desabafar. Já não aguento mais. Casa e trabalho, filhos e canseiras. Problemas por todos os lados...

- O que é que se passa, Marília? Algum problema com o António? Zangaram-se?

- O António não está na Madeira. Há dois meses que está em Lisboa, num estágio.

- Então é isso. Estás sozinha e aborrecida.

- É isso e mais.

- Que mais?

- Durante estes dois meses tenho pensado muito e cheguei à conclusão que estou farta desta vida. Só vejo trabalho pela frente, sempre a mesma coisa todos os dias... Já não aguento mais.

- Eu acho que te prendeste demasiado à casa e nunca mais fizeste nada diferente, algo que te realize, que te ajude a sair da rotina. Pensa em qualquer coisa interessante, motivante, que te prenda as atenções e te ajude a viver a vida.

- Acho tudo uma pasmeira e não vejo nada que possa ser motivante para mim.

- Há tanta coisa, Marília! É só abrir os olhos com vontade de encontrar um ponto de interesse.

- Nem sequer sei se estou com vontade de me interessar por alguma coisa.

- Não te deixes levar pelo desânimo. Isso é a pior coisa que pode acontecer. Faz qualquer coisa diferente. Olha, lembrei-me agora que vamos ter um plenário sindical e tu poderias participar, discutir os problemas do trabalho, informar-te, saber o ponto da situação do sector.

- Ah! Vou à noite para o sindicato e quem toma conta da casa? Depois, o António não ia gostar. Imagina! Ele em Lisboa e eu à noite em reuniões!

- Bom, quanto aos teus filhos, já não são assim tão criancinhas! O Carlos já tem 15 anos e a Isabel doze. Bem podem esperar uma hora ou duas por ti. Agora, em relação ao teu marido, nunca deverias permitir que ele te controlasse dessa maneira.
- Tu é que tens sorte com o teu marido.
- Também não é bem assim. Quando eu comecei a participar na vida sindical não foi pacífico. O Jorge fez tudo o que pôde para me amarrar, mas eu não baixei a cabeça. Brigámos muitas vezes, ele ameaçou-me e até tentou engravidar-me e engravidei mesmo.
- Mas como foi isso?
- Olha, eu estava a descansar da pílula, não tinha protecção e ele pôs um preservativo falso, de propósito.
- E depois?
- Depois? Quem manda no meu corpo sou eu. Eu decidi que não teria mais filhos e pronto.
- Tens alguma razão especial para não queres mais filhos?
- A gravidez do meu filho foi muito penosa e o parto difícilíssimo. Mais tarde, o Jorge começou a falar que queria uma menina, mas a ele não custaria nada. Eu é que não quero repetir a dose. Ele até compreendeu as minhas razões, mas depois achou que se eu engravidasse seria uma maneira de me bloquear.
- Mas não achas que seria um desejo legítimo ele querer uma menina?
- Para começar, é uma estupidez querer menino ou menina, uma vez que não podemos determinar o sexo da criança. Em segundo lugar, um filho tem de ser desejado, pelo pai e sobretudo pela mãe, uma vez que ela é a responsável pela gravidez, pelo parto e ainda pela criação do filho ou filha, como é hábito. Por fim, eu nunca poderia aceitar que o meu marido utilizasse essa via para conseguir os seus fins. Seria descer muito baixo. Um filho ou filha não pode ser um meio para atingir um outro fim e uma gravidez não pode ser imposta. De toda a maneira, eu já tenho um filho e não podia criar outro com as responsabilidades que assumi no sindicato.
- E como é que fazes com a criança quando tens reuniões fora do horário de trabalho?
- Fica com o pai ou com a minha mãe.
- Ah! O meu marido não aceitaria ficar em casa para tomar conta dos filhos.
- Não fica porque tu nunca lhe exigiste. Afinal, ele é pai ou não? E ser pai não implica responsabilidades? O Jorge também argumentava que não sabia cuidar de crianças, que não tinha vocação para ama, mas foi aprendendo.
- Pois. Se eu tivesse um marido desses tinha feito aquele curso de Administração, o que me tinha ajudado muito na minha vida profissional.
- Foi uma pena que não tivesses lutado por isso. Tu tinhas muita vontade, fazias gosto nisso, até porque nunca gostaste muito do atendimento público. Agora andas a recriminar-te e a responsabilizar o teu marido. Quando se quer uma coisa, temos de lutar para conseguir.
- Tens toda a razão. Agora, para cúmulo, vejo o marido a fazer estágios, cursos de actualização, a subir na empresa e eu é que aguento com a casa e os filhos e vou ficando para trás no meu emprego.

- Tens de pensar bem em tudo isso e discutir com o António, de forma aberta e frontal. Caso contrário, um dia explodes de forma incontrolável.
- Vou pensar. Agora tenho de ir que se faz tarde.
- Não te esqueças do plenário sindical. Aparece!
- Também vou pensar nisso. Adeus.
  
- Vocês não foram ao plenário do nosso sindicato! Olhem que foi muito importante.
- Estão a ver? A Marília agora anda muito entusiasmada com o sindicato!
- Eu não costumava ir às reuniões do sindicato, mas desta vez fui. E gostei. E vejo que é muito importante a nossa participação, defender os nossos direitos, caso contrário, metem-nos na mó de baixo.
- Bom, qualquer dia elegemos-te delegada sindical e vais lá representar-nos.
- Olha que os delegados sindicais não podem fazer tudo.
- Ora, como é que eu vou a reuniões à noite? Vais tu que não tens o marido por perto.
- Eu também já pensei assim, mas estou começando a pensar que devo ir às reuniões. E se as reuniões não fossem tão tarde, talvez as mulheres pudessem participar mais.
  
- A que horas descas, Marília?
- Eu entro às nove, como sempre.
- Mas eu tenho de ir mais cedo para poder arrumar o carro.
- Então, vai. Eu vou de autocarro, como fiz nos últimos seis meses.
- O que é que se passa? Antes descias sempre comigo e hoje respondes-me dessa maneira! Que aconteceu enquanto estive fora?
- Olha, aprendi a andar de autocarro.
- E também aprendeste a responder-me mal.
- Eu respondi bem. Tu podes ir cedo porque não tens nada para fazer em casa, mas eu tenho outras responsabilidades.
- Mau, mau! Vais começar a rezar a ladainha logo de manhã? Vou embora antes que se entorne o caldo.
- Olha, à noite vou chegar mais tarde. Tenho uma reunião no sindicato.
- O quê? Isto agora é assim? Eu não digo que aconteceu muita coisa enquanto eu estive fora!
- Decerto querias que o mundo parasse à tua espera! À espera que tu voltasses!
- Vais explicar-me bem isso de ires para reuniões! À noite!
- Tu nunca foste a reuniões à noite?
- Eu? Mas... eu...
- Vá! Diz que és homem, que tens mais direitos que eu.
- Pois claro. Afinal, o que andaste a fazer nas minhas costas?
- Fiz nas tuas costas, porque não estavas cá.
- Não estava e tu aproveitaste logo a situação.
- E tu não aproveitaste o teu estágio?
- Isso é diferente.
- Pois, mas quando apareceu a hipótese de eu fazer aquele curso de Administração, tu opuseste-te!

- Claro! Tens os filhos para cuidar.
- Tenho os filhos e o marido, não é? Pois tu hoje vais cuidar de ti e dos filhos que também tens obrigação.
- Estou farto desta patacoada e vou cuidar da minha vida. À noite ajustamos as contas.

Estou bem arranjado. Foi só virar as costas e pronto. Ficou sem controlo, de rédea solta e agora vem com estas teorias. Quem lhe teria enfiado aquelas ideias na cabeça?! Mas eu vou pôr cobro a isto tudo. Ah! Se vou!

Já são quase dez horas, o António deve estar furioso. Afinal, não é assim tão tarde! Deixa lá ver o que ele me vai dizer. Ou antes, o que vai fazer.

- Mãe, estamos todos à sua espera!
- Eu disse que vinha mais tarde. Já jantaram?
- Não. O pai mandou esperar.
- Mas tu sabias aquecer e pôr na mesa. Está tudo feito.
- Eu disse que ninguém jantava sem tu chegares. Pensas que isto aqui é a casa da mãe Joana? É? Não há regras? Não há hora da refeição?
- Olha lá, António, tu nunca chegaste a casa depois das nove da noite? Responde!
- Queres que eu me compare a uma vadia como tu?
- Vadia!?
- Vadia, sim!
- Pois, quando tu andas com os teus amigos, vais ao futebol ou a outro lugar qualquer, é uma coisa normal, tens aqui a escrava a tomar conta dos filhos e da casa. Mas sendo eu a chegar a casa mais tarde, mesmo tendo ir defender os meus direitos profissionais, já é considerado vadiagem.
- Cala-te que ainda te quebro a cara!
- Ó pai, o que é isso?
- Mãe, mãe, não chore. O pai já está mais calmo. Já passou. Vamos jantar.
- A sopa já está quente. Venha, pai.

Mas o pai saiu. Estava demasiado exaltado para se sentar à mesa com a família. Tinha a cabeça à roda, cheia de pensamentos tão díspares quanto confusos.

Como é que pode acontecer isto a uma pessoa! A Marília sempre foi uma boa mulher. Saía do trabalho, vinha para casa, tinha sempre tudo feito a horas, acompanhava os filhos... Agora anda em reuniões, tenta desafiar-me... Estou perdido. Como é que posso viver assim? Como é que posso estar descansado sem ter a certeza que ela está no trabalho ou em casa? Ai a minha vida! Isto já começou quando ela quis fazer aquele curso. Eu não deixei e ela ficou sempre a remoer naquilo. Mas isso já tem mais de dois anos. E agora é que lhe subiu aquela loucura à cabeça. Quem lhe teria enfiado aquelas ideias na cabeça? Sindicalistas! Comunistas! Tudo uma praga!

Marília andou o dia todo preocupada. Desde a véspera que o marido não lhe fala. Chegou a casa muito tarde e deitou-se sem dizer nada. De manhã, saiu cedo, sempre calado e de má cara.



Se há-de brigar e dizer asneiras, é melhor que esteja calado. Há-de passar-lhe, espero. Eu é que não vou recuar. Já chega de baixar a cabeça a tudo. Chamar-me vadia só porque fui a uma reunião! Ouvir uma coisa destas na minha cara, depois de passar dezasseis anos a servi-lo, como se fosse o meu patrão! É. Há homens que se acham patrões em casa, mesmo que sejam escravos no trabalho. Para se sentirem homens completos têm de ser patrões em algum lugar, ou em todo o lugar, se puderem. É isso. O meu marido julga-se meu patrão. Ou meu dono!

- António, vais sair sábado à noite?

- Porquê?

- Era bom que ficasses em casa com os pequenos ou saíesses com eles. A Isaura convidou-me para os anos dela.

- E não podes levar os filhos?

- Vamos jantar a um restaurante. É só um grupinho de amigas.

- O quê? Vais só para um restaurante?! E de noite?! Que pouca vergonha é esta?

- Eu não vou só. Somos cinco mulheres.

- Pois. Vais para a vadiagem com quatro mulheres e o asno fica aqui em casa com os filhos! Mas tu pensas que caio nessa? Ficar à espera que tu me enfiés o barrete! Bem enfeitado, claro!

- Se não quiseses ficar em casa com os filhos deixa-os sós. Isso é da tua responsabilidade.

- Pois. O Carlos já tem chegado tarde a casa, a Isabel caminha de vez em quando, sem dizer para onde, tudo devido aos maus exemplos que tu lhes dás!

- Olha lá, eu poucas vezes saio à noite e tem sido só ultimamente. Agora tu, sempre lhes destes esse exemplo de caminhar só sem dizer para onde.

A conversa aqueceu e acabou em pancadaria. Marília pagou caro, no corpo e na alma, por ter levantado a voz e querer seguir a sua vontade. Os filhos gritaram, intervieram e também apanharam na cara e no corpo. Dali em diante, nada seria como dantes, nada seria pacífico naquela casa. A vida daquela família estava completamente alterada.

Marília teimou e foi jantar com as amigas. Quando voltou, a porta estava trancada por dentro. Bateu, chamou, implorou, mas o marido não deixou os filhos abrirem a porta. Era a guerra declarada.

- Ainda sou o homem da casa ou não? O que é que se passa? A minha mulher à noite pelos restaurantes como uma puta qualquer! Não tenho jeito para corno! Vai com as outras! E com os outros! Passa o resto da noite por lá! Vais aprender com quantos paus se faz uma canoa!

Marília tomou os vizinhos como testemunhas e foi pedir abrigo aos pais. No dia seguinte, voltou para casa, mas passou a viver em clima de guerra. Voltou a haver cenas de agressão e, como ela não podia enfrentar o marido fisicamente, refugiava-se na casa dos pais de vez em quando.

Seguiram-se meses de confusão, de lutas, de sofrimento, até que um dia o António resolveu sair de casa. Pensou que ia encontrar a mulher ideal, mansinha, obediente, como a Marília de outros tempos.

Marília também se sentiu aliviada. Acabaram-se as discussões, a vida tornara-se mais calma, pacífica, apesar da monotonia e da solidão.

- Mãe, o pai foi à escola falar comigo.
- Sim? E que te disse ele?
- Perguntou pelo Carlos, pelo Luís, pela mãe...
- Mais nada?
- Se eu precisava de alguma coisa...
- Pois é. Mas a mensalidade ainda não chegou. Ele sabe que tem obrigação de contribuir com dinheiro para as despesas dos filhos. Hoje já é dia dez e nada. Ainda não entrou nada este mês. Vai amolando só para me aborrecer.
- A mãe pode telefonar-lhe.
- Mas será que ele não sabe das suas obrigações?!
- Talvez se esquecesse.
- Não comeces a desculpar o teu pai que é trabalho perdido.
- Coitado do pai. Está muito triste.
- Que se alegre.
- Se o pai arranjar outra, a mãe vai ter um desgosto.
- Olha lá, tiraste o dia para me dar cabo do juízo?
- Acabou-se. Não digo mais nada.

Esta minha filha ainda não se convenceu que o pai não pode viver mais connosco e o António sabe disso. Por isso tenta apelar para os sentimentos da filha para me atingir. Pensa que já esqueci o que ele me disse e as pancadas que me deu.

Incapaz de encarar a sua vida familiar alterada, incapaz de aceitar a mulher com outro modo de encarar a vida, António vivia na casa da mãe, mas sempre com medo de ver a sua honra masculina manchada. Ao princípio, pensou que seria mais fácil refazer a sua vida com outro casamento, com outra mulher que aceitasse as suas regras. Mulheres não faltavam. Mas a que ele procurava, uma como a Marília de antigamente, essa mulher não existia. Passaram diversas mulheres na sua vida: por dinheiro, por aventura, por acaso, mas nenhuma lhe preenchia o vazio. E chegou a nostalgia do “Lar Doce Lar”, do tempo que voltava para casa e encontrava tranquilidade, carinho, conforto.

Pensava nos filhos, que precisavam do pai, mas o Carlos afastava-se dele e só a Isabel se mostrava sempre muito carinhosa.

Amanhã vou ver os meus filhos e ninguém me vai mandar embora. Ainda somos casados.

Mas António teve pouca sorte. À sua chegada, o filho mais velho bateu com a porta e saiu. Marília, apanhada de surpresa, arranjou um pretexto qualquer e foi dar uma volta. (Pôs-se na casa da vizinha a espiar) António saiu cabisbaixo e desiludido, pois tinha pensado na reconciliação.

- Mãe, só faltam oito dias para o seu aniversário!

- É verdade! Os anos da mãe!
- Faz-se uma festa? Sim, mãe?
- Festa? Para quê?
- Ora! São os seus anos, mãe!
- Nesse dia vamos jantar a casa da avó. Eu vou trabalhar e não tenho tempo para festas. Mas a avó já se ofereceu para fazer o jantar.
- E compramos um bolo!
- Vamos festejar os anos da mãe!

Este era o seu primeiro aniversário depois da separação. No ano anterior, com as desavenças existentes em casa, foi um pandemónio. Os pequenos compraram o bolo, convidaram os avós maternos, mas não chegaram a festejar coisa nenhuma. Começou a discussão do costume, os ânimos exaltaram-se, os pais dela saíram aflitos, o homem berrou, o filho mais velho bateu com a porta do quarto e pôs música em altos gritos e, por fim, o pai foi passar a noite fora e ela ficou em casa a chorar com a filha e o filho mais novo. Este ano, embora houvesse pouca alegria, havia sossego e estavam longe das desavenças. E foi bom a mãe tê-los convidado. Jantariam lá, longe das recordações do ano anterior.

António andou à procura de um presente. Comprou um perfume caro e foi bater à porta da sua antiga casa.

São dez horas, não podem estar todos a dormir! Será que foram jantar ao restaurante? A Marília anda sempre a se queixar da falta de dinheiro e afinal pode ir jantar fora com a família. E sempre a me denegrir perante os filhos: “O teu pai não sabe das suas obrigações. Para mim não é preciso, ganho o meu dinheiro, mas ele sabe que tem filhos. Se não for eu a pensar em vocês...” As mulheres têm cá uma língua! É isso que irrita.

- Está lá! Marília? Sou eu. Está tudo bem? E os miúdos? Olha, diz-lhes que vou passar por aí amanhã e quero vê-los. Há muito tempo que não falo com o Carlos... Espera, gostava que também estivesse em casa. Passei por aí no dia dos teus anos e não estava ninguém em casa.

António estava ansioso por rever a família. Chegou, de presente na mão, todo risonho e a filha recebeu-o de riso aberto e olhos felizes. O Luisinho também se mostrou radiante, carinhoso, de cabeça encostada ao pai, como que a pedir carícias perdidas. O Carlos estava reservado e receoso. Andara mal nos estudos, reprovava no ano anterior e por certo que o pai iria admoestá-lo.

Contudo, o pai tinha outros planos. Estava com o pensamento fixo na mulher, na recuperação do casamento, do lar perdido, que lhe fazia tanta falta. Marília manteve-se fria, distante, impenetrável. Ele esperou pela tal conversa séria que não aconteceu. O ambiente não fora propício. E o António saiu de braços descaídos e coração vazio.

Mas não desistiu. Conseguiu um encontro com Marília fora de casa, mas tiveram uma discussão desagradável, agressiva, com recriminações de parte a parte. Os ânimos aqueceram e os ressentimentos saltaram, fluíram, transbordaram. As palavras azedas, recalçadas durante longos meses, agrediram a cara e o coração de cada um. Ambos

desabafaram, ambos sofreram e ambos se sentiram desagradados dos seus sofrimentos, uma vez que conseguiram dizer um ao outro aquilo que sentiam e lhes pesava no fundo do coração. Ambos choraram, cada um em sua cama, sentindo o vazio e a solidão e ambos se desejaram nos braços um do outro. E continuavam separados. Há uma hora certa para tudo.

- Alô, António? Bom dia! Feliz aniversário! Claro que me lembrei do teu aniversário. Poderias vir cá a casa e almoçavas com os pequenos. Eles haviam de gostar. Ótimo! Até amanhã.

Afinal, ela lembrou-se do meu aniversário! Desta vez não vou entrar em discussões. Ela pareceu-me carinhosa, atraente! Ih! Onde o meu pensamento já vai! Acalma-te, António e porta-te bem, à altura das circunstâncias.

Bom, parece que o António não tinha nada combinado para o seu dia de anos. Vou fazer um almoço a preceito, como ele gosta. Faço o bolo hoje, ponho-lhe uma boa cobertura, bem enfeitadinho... A Isabel e o Luís estão entusiasmados, pois sempre sonharam com a reconciliação. O Carlos mostrou-se reservado com a ideia do almoço e não sei como vai reagir. Será que esta iniciativa é mesmo uma coisa boa? O que me havia de dar! Divagações, sonhos... ou será que vai acabar num pesadelo?

Mas não foi sonho nem pesadelo. Foi um acontecimento real, simples, sincero. Ambos chegaram à conclusão que estavam melhor ao lado um do outro, porque ainda se amavam, apesar dos receios dela, não fosse o homem querer novamente reprimi-la. Mas aceitou a reconciliação, porque estava cansada de solidão e das recriminações de muita gente, sobretudo dos familiares.

- Então, Marília, como vai o teu novo casamento?

- É um casamento novo sobre o velho.

- Vocês também já não são novos. Mas, diz-me lá, o António já não te aborrece com aquelas ideias de mulher em casa, de rédea curta?

- Às vezes ainda tenta dizer umas coisas, só que eu respondo logo: Se quiseres estar comigo, é assim. Caso contrário, arranjas outra. E parece-me que a experiência com as outras não foi muito boa.

- Então, ele está mudado?

- Não se pode dizer que esteja mudado, mas está mais tolerante. Até já aceita que os rapazes trabalhem em casa sem lhes chamar maricas!

- Isso significa que lutaste e conseguiste o que querias.

- Não sei se era só isto que eu queria, mas, apesar de tudo, consegui libertar a minha consciência, assumir com dignidade a minha existência e desvincular-me dos complexos de inferioridade e de frustração.

## O LUME AO PÉ DA ESTOPA PEGA

O dia estava frio e enevoadado. Nuvens pesadas e escuras ameaçavam chuva e trovoada. Isabel e Eduardo sentaram-se no sobrado do palheiro, abrigados do frio e da brisa cortante, bem como dos olhares indiscretos que por ali passassem porque, se os vissem, logo fariam conversas e intrigas malignas. Namorar, acariciar-se, amar, eram pecados mortais.

Perguntei ao Padre Cura  
Qual é o maior pecado  
Padre Cura respondeu  
É amar e ser amado

Mas o amor existe, o amor é belo, o amor nasce no interior de cada um, assim como a atracção pelo sexo oposto. “O lume ao pé da estopa pega”.

Isabel e Eduardo conversam, amam-se, são felizes e infelizes ao mesmo tempo.

- A minha carta de chamada vem a caminho. Minha mãe falou com minha tia e ela diz que meu tio está a tratar disso.

- Não me fales numa coisa dessas. Agora vais me deixar? Nunca pensei que fosse tão depressa. Que vida vai ser a minha?

- Não é preciso ficares assim. Eu vou agora e depois mando-te buscar. Vai ser bom para nós dois. Lá ganha-se bem, em pouco tempo arranjo-me para te mandar buscar. Vai ser a maneira de a gente ser ver livre desta vida desgraçada. Não vais mais tratar das vacas nem andar com cargas às costas.

- Se um dia me vejo livre desta vida nem olho para trás!

- Nem eu! Vou para a Venezuela como os outros, para ganhar dinheiro. Viste o Manuel da Ribeira da Lapa? Andava aí num desgraçado, todo arremendado, pela serra fora, com uma saca de capucho à cabeça e uma podoa à cintura e vê como ele chegou aí o ano passado, todo cadete, até tem dentes de ouro!

- E a mulher? Agora tem um cordão de tantas voltas e uns pendurilhos enormes nas orelhas! Ao domingo, quando vai à missa,, parece uma princesa!

- Mas durante a semana anda lá a cuidar das vacas e da terra como antes. Tu vais deixar isso tudo. Vais para a Venezuela, só para cuidar de mim e dos nossos filhos quando nascerem.

Filhos! Falar em filhos e ela sente um aperto no coração. E se fica grávida? Prenhe, como o Povo diz. Ele diz-lhe que não, não há perigo, com cuidado tudo se faz. (Cuidado significava coito interrompido) Ela acreditava, calava-se, mas, de vez em quando, lá vinha a dúvida: “Se eu fico para parir, meu pai mata-me.”

O tempo passa e os encontros no palheiro vão acontecendo.

Quando eu comecei a amar  
Foi numa segunda-feira  
Fui amando e fui gostando  
Amei a semana inteira

Até que um dia chega a carta de chamada. Ele começa a tratar dos papéis e em breve vai embarcar. Isabel insiste para que Eduardo vá pedi-la ao pai, mas ele desculpa-se, tem de ir à Vila tirar certidões, no dia seguinte vai para o Funchal, tem de levantar-se cedo, fica para outro dia, para a semana, até que chega a hora da verdade.

- Olha, estou com pressa. Talvez embarque já amanhã. Vai chegar o Ascânia e talvez possa embarcar nele. Vou levantar-me cedo amanhã e ainda tenho de despedir-me dos meus padrinhos. Não chores. Logo que eu chegue lá escrevo-te e escrevo também a teu pai. Depois, não há-de demorar muito. Logo que eu tenha dinheiro suficiente, casamos por procuração e vais ter comigo.

Isabel fica consternada e sai do palheiro lavada em lágrimas, com as roupas e os cabelos em desalinho, sentindo já a falta daqueles encontros, daqueles momentos de prazer e de ternura. Pior ainda era aquele vazio, aquela incerteza, aquela dúvida sobre a vida de princesa na Venezuela.

- Onde é que vens desse feitio? Toda desgrenhada e os olhos inchados de chorar? Quem for a ver andaste com aquele filho da puta.

- Não digas isso do meu Eduardo.

- Ah! O meu Eduardo! O gatinho do maneta! 'Inda te vais dar mal com ele. Vais ver. Vá, põe o lenço na cabeça para tapar essa granha. Esse povo mesmo não gosta de falar mal dos outros!

- E tu? Também não estás aí a falar mal dos outros? Tens mas é inveja.

- Está calada e vamos trabalhar. Se o pai chega aí e pergunta o que é que se andou a fazer... Já se podia ter cavado um bocado terra!

Os dias passam, semanas, e a carta do Eduardo não chega. Isabel vai ao correio todos os dias, já pediu à senhora que, se chegar carta para ela, lha guarde para não desaparecer. Mas a carta demora e as suspeitas de gravidez acentuam-se. Já tem uma semana de atraso e começa a sentir enjoos. Como é que vai ser? Se alguém desconfia, que vida é a minha? Meu pai mata-me e minha mãe morre de vergonha, porque esse povo vai começar a falar. Vão chamar-me todos os nomes! Se o Eduardo escrever... Olha, conto-lhe o que se passa a ver se vou ter com ele o mais depressa possível. Logo que eu me case, já meu pai não me vai maltratar. E mesmo que o povo fale, olha, sou uma mulher casada, não sou a primeira a ficar para ter criança antes de casar. Conheço tantas por aí.

Mas a desejada carta não chega, talvez ande perdida, às vezes acontece ir bater a outro lugar e depois volta ao lugar certo. Deve ser isso, pensa Isabel. O meu Eduardo escreveu de certeza. Eu sei que já veio carta para casa dele há duas semanas. A senhora do

correio contou-me. A minha deve andar perdida, só pode ser isso. O pior é este mal estar, o estômago embrulhado, vômitos, já não sei como esconder...

- Isabel, o que é isso? Eu sei que estás doente, que não puxas a enxada como antes. Diz lá o que é que tens antes que o pai te deite a mão em cima. A mãe ontem disse-me que estavas mal disposta, que ela sabe que às vezes uma mulher não se sente bem, mas isto não pode ser conversa para todos os dias. Estás pra parir, não é?

- Eu não tenho a certeza, mas está tudo atrasado e ando com o estômago embrulhado... Ontem vomitei a ceia toda e de noite senti uma fraqueza desgraçada. E a carta do Eduardo que não chega! Já não sei o que hei-de pensar.

- Esse Eduardo nunca me convenceu, aquele gatinho pintado, gato de merda. Mas eu vou procurar saber alguma coisa. Amanhã vou trabalhar para a fazenda do Antoninho e a irmã dele também vai. Pode ser que se consiga saber alguma coisa do que ele escreveu para casa.

- Faz isso, minha irmã, pra ver se eu tenho notícias do Eduardo.

No dia seguinte, a cavar e a tirar regos, com uma chuvinha miúda a cair, o pessoal lá vai plantando as sementes do Antoninho. Chega a hora de comer, sentam-se à volta do cesto e lá vão descascando as batatas e molhando na gordura da carne de porco, que é pouca, mas sempre cabe um bocadinho a cada um.

-Ó José, então sempre vais para a Venezuela?

- Estou à espera de carta de chamada. Meu primo prometeu mandar-ma, mas ainda não chegou. Teu irmão é que teve sorte! O que é que o Eduardo diz da Venezuela? Como é que ele se vai dando por lá?

- Olha, ontem chegou mais uma carta e ele diz que já está a trabalhar no negócio de meu tio. Ele agora não sai de lá. O casamento dele com minha prima já está arranjado. Se não fosse para casar com a filha ele não lhe mandava a carta de chamada! Ele mandou-lhe a carta e emprestou-lhe o dinheiro da passagem, mas é para ele casar com a filha, com a Aninhas. Se não, achas ele ia ajudar meu irmão! Aquele não mete prego sem estopa.

“Isto é que é uma encrenca! Que rica notícia vou levar a minha irmã! E como é que se vai resolver a situação dela? O que faz acreditar numa praga daquelas, gato pintado da peste, sempre com aquele sorriso amarelo... Grande filho da puta! Desgraçou minha irmã para o resto da vida.”

- Maria, soubeste alguma coisa do Eduardo?

- Logo mais a gente fala, no quarto. Agora não, que vão desconfiar.

Deram comida às vacas, aos porcos e às galinhas. Depois cearam, rezaram o terço e eram horas de dormir. Maria e Isabel esperam um pouco, é preciso ter a certeza que os pais adormeceram. Entretanto, conversam em voz baixa:

- Agora diz-me o que é que soubeste. O Eduardo o que é que disse na carta dos pais dele?

- Olha, o Eduardo já escreveu duas cartas aos pais dele e não vale a pena esperares por notícias daquele filho da peste. Podes tirar o cavalinho da chuva que ele não te vai escrever. Ele agora está muito bem, a trabalhar no negócio do tio, porque vai casar com a filha dele, a priminha da Vila. Foi tudo combinado antes de ele embarcar. O tio

mandou-lhe a carta de chamada, emprestou-lhe o dinheiro para a passagem e deu-lhe emprego no negócio que tem lá, porque vai ser genro dele, vai casar com a mosca morta da Aninhas.

- Ai a minha desgraça! Aquele bicho mau roubou-me o noivo, o meu Eduardo! Aquela sonsa com cara de enjoada! E agora? Que vida vai ser a minha? Estou neste estado e ele a ganhar dinheiro para aquela amarelaça, brancaça, filha do diabo!

- O principal responsável é ele. Já sabia o que tinha feito e foi comprometer-se com outra! Tudo por dinheiro! Pela Venezuela! E a ti? Quem é que te ajuda? Quem é que te vai valer?

- Estou desgraçada! O que é que hei-de fazer da minha vida?

- O pior é o que está aí, dentro da barriga! Também tinhas de abrir-lhe as pernas à carreira! Os homens cá não perdem nada! Vês? Está lá, bem de vida, com tudo pago. Não vai parir. Tu é que estás nesse estado...

- Eu vou me entregar ao diabo. Bebo veneno que tem lá em baixo para os ratos e pronto. Acabou-se tudo.

- Estás louca!

- É melhor isso que passar vergonhas, ser maltratada e ficar com um filho para criar. Eu mato-me e pronto. Acabou-se!

- Fala baixo que ainda te ouvem. Vamos pensar como deve ser. Amanhã vou falar com a Ti Augusta do Cabeço. Dizem que ela faz desmanchos... Pode ser que ela te desmanche isso. Quanto tempo tens de atraso?

- Já vai em quatro semanas.

- Vê lá se não dás a perceber, que ninguém desconfie, que eu vou falar com a Ti Augusta. Alguma coisa se há-de fazer.

Isabel lá se acalmou, tentou dormir, porque no dia seguinte tinha de continuar a cavar, roçar e carregar como sempre. Ninguém podia desconfiar do estado em que estava.

- Ó Ti Augusta, está em casa?

- Entra, Maria, ainda estou a comer. Fui tirar o leite à vaca, dei-lhe de comer e então vim cuidar de mim. Mas então, o que te trouxe aqui, logo de manhã?

- Ó Ti Augusta, eu venho aqui numa aflição, até tenho vergonha de dizer, mas... A Ti Augusta ainda faz desmanchos?

-O que é isso, rapariga, como é que tu fizeste uma coisa dessas se eu nunca te vi com rapaz nenhum?

- Não sou eu, Ti Augusta, é outra pessoa que me pediu para ver se lhe podia valer.

- Olha, eu jurei que nunca mais me metia numa alhada dessas. Tu não fazes ideia o que é isso! Quando dá certo, tudo bem. Mas e quando dá para o torto?!

- Ó Ti Augusta, era um bem que a mecê fazia àquela triste. Como é que ela vai aparecer aí, de barriga no ar, à frente de toda a gente? Já viu o falatório!

- Mas o marido dela está para fora?

- Ela não tem marido. A mecê está a ver a desgraçada, na boca dessas bilhardeiras, os rapazes a fazerem chacota dela, o pai a maltratá-la. Ela não aguenta. Diz que se vai matar.

- Mas tu estás a falar de quem?



- De minha irmã, Ti Augusta.
- A Isabel? Coitada! Teu pai dá cabo dela!
- Então eu não sei!
- Mas quem foi o peste que lhe fez isso?
- Foi o gato pintado, o filho do maneta. Desgraçado! Apanhava-a lá em cima, levava-a para dentro do palheiro e pronto. Fez o que fez com minha irmã e depois arranjou o casamento com a prima da Vila. O pai dela mandou-lhe a carta de chamada e lá foi ele para a Venezuela.
- E ela ficou aí com um filho na barriga! Aquilo é que é um bicho mau!
- Está a ver, Ti Augusta, a nossa aflição. Até agora ninguém soube de nada, mas isto não se pode esconder para sempre. Meu pai já anda a resmungar que a Isabel está ficando uma calaceira, minha mãe já fez perguntas, mas a gente escondeu tudo até agora. Veja lá se pode valer à desgraçada de minha irmã.
- Vocês têm dinheiro? Se têm dinheiro, podem ir ao Funchal.
- Dinheiro, então a mecê não vê a nossa vida? Eu comprei há dias uns sapatos, gastei quase tudo o que tinha e tenho a receber uns diazinhos que dei fora. Mas eu juro que junto tudo o que eu puder para lhe pagar. E minha irmã também. Entre as duas, a gente arranja dinheiro para lhe pagar.
- Não é para mim. É para ela pagar a uma pessoa que eu conheço na cidade.
- Ó Ti Augusta, mesmo que a gente tivesse dinheiro, como é que se ia para a cidade? O que é que se dizia a meu pai?
- Eu sei o que é isso. Aqui há anos, chegou-me aqui uma para eu fazer-lhe o serviço, o marido estava fora e se ela aparecesse de barriga no ar ia ser uma desgraça. Ora, eu tinha tido uma encrenca danada com outra que ia morrendo ali ao lado e não quis meter-me nisso. Mas disse-lhe onde ela devia ir, no Funchal, com uma pessoa que faz desmanchos quase todos os dias.
- E ela não arranja encrencas?
- Quando as coisas não dão certo vão para o hospital, os médicos tratam e, se morrerem, ninguém vai para a cadeia. O que é que se há-de fazer? Mas, como eu ia a dizer, expliquei-lhe onde ela devia ir, mas o pior era sair daqui para o Funchal. O que ia ela dizer à família e aos vizinhos? Tinha de haver uma razão. Sabes o que ela fez? Passou a cara numa moita de silvado, um estrepe arranhou-lhe um olho, e lá foi ela a correr para o médico da vista e ao mesmo tempo fez o desmancho com a mulher que eu lhe indiquei.
- Veja ao que uma mulher se sujeita! Minha irmã também se sujeita a qualquer coisa, mas, para ir a esses lugares é preciso muito dinheiro e a gente não tem.
- Pois é. Sem dinheiro, o que é que se pode fazer? Eu já estou a ver que desta não me livro. Mas olha que eu não fazia nada disto por mais ninguém! Só porque é a tua irmã e eu estou com pena dela, de ti e sobretudo de tua mãe. Coitada da Luisa! Já tem aturado tanta coisa nesta vida, porque teu pai não é nada macio! Mas primeiro vou contar-te o que passou por mim há anos. Já vai para sete ou oito anos. Lembras-te da Maria que morava ali, naquele palheiro?
- Inda me lembro, Ti Augusta. Uma que tinha um rancho de pequenos. A gente chamava-lhe a Maria do Cocó.

- Ela já tinha nove filhos: oito machos e uma pequena. Pois aquela triste andava aí numa amargura, trabalhava para este e para aquele, davam-lhe um comerinho para eles não morrerem de fome. O marido bebia, andava com outras, era uma desgraça. Às vezes, passava semanas sem vir a casa. Ele ganhava, mas ela não via a cor do dinheiro. Um dia, disseram-lhe que ele estava a dormir na casa de uma que eu bem sei quem é. Ela foi lá de manhã cedo espiar e viu-o sair para o trabalho. Mais tarde, ela esperou a fulana e deu-lhe uma pancadaria. Mas não servia de nada. Ora, quando ela se viu outra vez para ter, veio comigo, a chorar, e pediu-me por tudo para eu desmanchar. Um dia à noite, ela deitou os pequenos a dormir e a gente foi para a cozinha, eu pego numa agulha de croché, e fui andando até romper o saco das águas.

- Ah! Mãe! Até me arrepio toda!

- Pois. Isto é uma coisa reles como o diabo. Ela começou a deitar aquilo tudo para fora, foi sangrando e depois? Era uma sangria desgraçada, uma coisa feia. Eu disse pra mim: o bicho mau hoje pegou comigo. Se ela morre aqui que vida é a minha? E aqueles filhinhos todos, quem é que ia olhar por eles? Olha, peguei-me com Deus, e disse que ela rezasse ao santo da sua devoção, porque vale sempre a pena. Eu não queria assustá-la, mas vi a morte ali, à nossa beira. Depois lembrei-me que já tinha ouvido falar em amarrar um braço ou uma perna para fazer estancar o sangue.. Amarrei-lhe uma perna, depois amarrei-lhe também um braço, e a coisa começou a amainar. Só de madrugada é que me pareceu que ela estaria a salvamento. Fui ao palheiro, tirei leite à vaca, fervei e fui lhe dando aos bocadinhos para ela arribar daquela. Ela esteve ali quinze dias sem poder levantar a cabeça, amarela, porque tinha perdido muito sangue. Depois, lá foi arrebitando, mas o susto ficou. Desde esse dia nunca mais fiz desmanchos a ninguém. Nunca mais quis encrencas na minha vida. Mas agora chegas-me tu com mais essa e eu não sei o que hei-de dizer.

- Ó Ti Augusta, minha irmã é nova, tem saúde, talvez aguente. Vamos tentar?

- Olha, vamos fazer assim. Tu levas umas folhas disto, é cevadilha. Vai-se fazer isto no sábado. Ela que beba chá disto na sexta e no sábado. No sábado à noite, vocês deixam teu pai adormecer e depois vêm para aqui. Convém que tua mãe saiba. Tens de falar com tua mãe para ela estar preparada. Ela vai ter de dizer a teu pai que a Isabel está doente, que há uma coisa reles qualquer, que apanhou um ar mau, que lhe fizeram mal, que é preciso benzer... Eu depois faço o resto.

- Ó mãe, à noite vai fazer um chá que a Ti Augusta me deu para a Isabel.

- Mas para que é esse chá? O que é que ela tem?

- Sabe, ela anda com dores de cabeça, fraca...

- Eu já reparei que ela anda amarela, mas quando eu pergunto ela diz que não é nada.

- Ela estava com medo de falar por causa do pai...

- Que desgraça é essa que vai para aí?

- Eu ontem falei com a Ti Augusta, ela deu-me estas folhas para fazer um chá a ver se desmancha o mal feito.

- Ai a minha vida! Teu pai mata a ela e mata-me a mim.

- Mas que culpa teve a mãe?

- Ora tu não sabes como é? Não cuidei das filhas, deixei-as à reveria, não presto para nada e as filhas também não...

- Mas o pai não vai saber de nada. Ela começa a tomar hoje o chá, sem o pai ver, toma amanhã mais duas vezes e à noite vai-se para a casa da Ti Augusta, depois de o pai adormecer.

- Só me faltava mais isto! Aquela desgraçada havia de ir atrás daquele ordinário! Aquele safado! Diabos o levem pela Venezuela dentro que ele nunca mais volte a ver a família dele. Eu só soube disso há pouco e avisei aquela maluca. “Mas então uma rapariga já não pode gostar de um rapaz? E logo aquele, que em breve ia levá-la para a Venezuela...”

- Mãe, tenha paciência. A gente vai fazer isto em segredo, não é preciso o pai saber, nem essas bilhardeiras. Eu já combinei tudo com a Ti Augusta.

Isabel bebeu o chá no quarto, para o pai não reparar e deixaram-se dormir. Entretanto, começa a gemer com dores de barriga. A irmã foi buscar mais uma chávena de chá, pois talvez lhe fizesse bem. Mas as dores aumentaram. Isabel contorcia-se na cama, apetecia-lhe gritar e a irmã tapava-lhe a boca. Depois decidiram caminhar para a casa da Ti Augusta. Maria levou a irmã, quase de rastos, pelo cabeçaço acima. A dado momento, já não conseguia arrastá-la, deixou-a no chão e foi chamar a abortadeira. Sai a Ti Augusta em fralda de camisa, as duas arrastam Isabel e metem-na porta adentro. Quando a Ti Augusta acendeu o candeeiro é que viu a cara de Isabel. Estava lívida como um cadáver.

- E agora? Vocês deram-lhe muito chá, aquilo mata o que está dentro, mas também mata a mãe!

- Jesus, Maria, José! Que vida é a nossa? Minha irmã vai morrer!

- Espera, vou dar-lhe clara de ovo a ver se ela vomita.

Ti Augusta passou parte da noite a dar-lhe beberagens para ela vomitar tudo o que tinha no estômago e Isabel lá foi vomitando, respirando fundo, retomando um pouco de cor. De madrugada, antes de o pai acordar, levaram Isabel para casa, deitaram-na na cama e ela lá ficou, prostrada, mais morta que viva.

De manhã, foi preciso contar uma história ao pai, que ela tinha apanhado um ar mau, tinha vomitado, estava com dores de barriga e que a Ti Augusta viria benzê-la e dar-lhe uns chás.

O pai lá se foi a resmungar, mas, de momento, estava meio resolvido. Maria foi cuidar das vacas e a mãe ficou a olhar pela filha, ao lado da Ti Augusta. Entretanto, aconteceu o previsto. Começou a hemorragia, o organismo expulsou o que lá estava a mais, o mal foi desmanchado.

Isabel e a irmã deram muitos dias fora para pagarem à abortadeira, apesar de ela não estabelecer preço nenhum.

- É assim. A mecê salvou a vida de minha irmã e ajudou a gente. O que eu e minha irmã pudemos juntar é para a mecê comprar um vestido e uns sapatos para a Festa.

E ainda faltava pagar a promessa à Senhora do Amparo. E lá foi Isabel, descalça, durante uma hora, e quando avistou a capela ajoelhou-se e fez o resto do caminho de joelhos. Pegou-se com Nossa Senhora e ela salvou-a daquela aflição. Não tinha dinheiro

para dar à santa, mas sacrificou-se, ficou com os joelhos a sangrar para agradecer a graça concedida.

## QUE VOLTA DAR A ESTA VIDA?!

- Ai que eu vou matar aquela cabra! Entrego-me à cadeia, mas pelo menos dou cabo dela!
- Tem juízo, rapariga! Pensa nos teus filhos!
- Os meus filhos! Coitadinhos dos meus filhos! Como é que os vou criar? Não me dizes?
- Então o pai não há-de dar alguma coisa para vocês comerem!? Pelo menos para os filhos...
- Eu sei lá? O que será agora a nossa vida? Mas eu mato aquele putão! Mato! Ladra de maridos, destruidora da nossa felicidade. A gente era tão feliz!

A Cecília está inconsolável. É verdade que o marido sempre arranjou uns amores fora de casa, de vez em quando, mas nada de muito sério. Pelo menos ela nunca achou muita gravidade nessas escapadelas.

- Ah! Todos os homens são assim! Gostam de mulheres! Se fosse maricas era pior.

A irmã ainda tentou chamá-la à razão, dizendo que não era correcto, que um homem casado deve respeitar a mulher, mas Cecília fechava-se no seu casulo, ou seja, nos argumentos que o homem arranjava para lhe tapar a boca.

De toda a maneira, de que serviria levantar a voz? Era sempre o marido quem impunha as regras da casa. Quando se conheceram, há dez anos, ela trabalhava num Centro Comercial. O Fernando impôs logo:

- Quando casarmos, deixas o emprego. Não vou ter uma mulher para andar aqui a mostrar-se a esta gente toda.

- Mas tem aí mulheres casadas.

- Isso é porque não têm marido que valha um tostão furado. Eu ganho o suficiente para nós dois e tu ficas em casa a cuidar da vida. Não é para eu chegar a casa e tu me dizes que estás cansada, que o jantar está para fazer, que não tenho camisas passadas...Mulheres querem-se em casa, quietinhas.

E assim foi. Cozinhar, cuidar da casa, da roupa, e ainda sobrava um bocadinho para ver novelas, falar com a vizinha... Mas isto foram alguns meses. Até que chegou o primeiro filho, e o segundo, e o terceiro. Com vinte e oito anos já tem três filhos e não quatro porque abortou à quarta gravidez. Agora toma a pílula, às escondidas do marido, que acha que uma mulher casada é com um filho ao colo e outro na barriga, para não ter tempo de “pôr os cornos ao marido”. Mas ele, Fernando, frequenta casas de prostituição, “de alterne”, como está na moda, namora de vez em quando, porque é homem.

A irmã, por vezes reaviva-lhe a memória:

- Tu nunca devias ter deixado o emprego. Assim ele sabe que pode fazer de ti o que quiser, uma vez que és completamente dependente do dinheiro dele.

- Ah! O dinheiro que eu ganhava naquela loja não dava para nada.

- Pois, ainda eras uma principiante! Se continuasses lá talvez já estivesses melhor.

Subirias de categoria ou mudavas de actividade, por exemplo. Assim é que não tens nada.

- Como é que eu podia trabalhar? Quem é que fazia a vida de casa e cuidava das crianças?

- Fazias como as outras. Levam os filhos para a creche e põem os maridos a colaborar na vida de casa.

- Quando nós casámos já foi com a condição de eu ficar em casa. O Fernando gosta de comer bem, de ter as roupas bem arranjadas, a casa arrumada... E para mim também é melhor assim. Vejo as outras levantarem-se de madrugada, saírem a correr com os filhos e à noite, depois de um dia de trabalho, ainda vêm cuidar do jantar e dos filhos. Eu, pelo menos, faço a vida mais descansada.

- Está bem. O teu marido tem uma criada para todo o serviço e se um dia te deixar a um canto, o que é que vais fazer da tua vida?

- Está calada que não sabes o que é a vida de casada.

- Mas lá essa vida não quero para mim. Pensas que eu caso com um homem que me imponha essas condições?

- Por isso ainda não te casaste.

- Antes assim. Ou a tua vida é melhor que a minha? Estás sempre a dizer que eu é que estou bem, que posso gozar a vida... Então é que a minha vida é melhor que a tua!

- Quando te casares vais ver como é que é.

- Mas eu não sou obrigada a casar! Eu quero casar, mas é se me fizer conta. Não há-de ser só para cuidar do marido.

- Tu sabes lá o que dizes! Andas sempre a correr para o emprego, hora certa para todo o lado, para ganhares uma miséria. Olha, a mim não me falta nada.

Ao fim do terceiro ano de casados, Cecília já tinha duas filhas. Entretanto, o marido andava de amores com uma estrangeira, passava noites fora e o dinheiro escasseava. Cecília afligia-se, amargurava-se, mas sempre em silêncio. Perante os familiares e conhecidos, desculpava o marido ou fingia que estava tudo bem entre eles. Encheu-se de brios, fez sacrifícios enormes para se vestir bem e apresentar-se de forma atraente e, ao fim de algum tempo, o marido voltou ao que era dantes, pois trazia o dinheiro necessário para casa.

- Ah! Vocês falam, mas não têm um marido como o meu. Não falta com nada em casa, temos carro (que ela apenas usufruía de vez em quando), uma casa boa... Tomara essas más línguas terem aquilo que eu tenho.

Pensava ela que o marido voltara pelos seus lindos olhos ou pelo seu aspecto mais cuidado, mas enganava-se. O romance dele acabou quando a estrangeira voltou para a sua terra.

É claro que Cecília, apesar de gostar da vida que tinha e acreditar que estava bem assim, roía-se de inveja da irmã e das outras que se vestiam com o seu dinheiro, compravam o que queriam, iam a diversos lugares. Ela dependia do marido para tudo, e até para dar um passeio era lá quando o homem estivesse bem disposto, ou se não tivesse mais nada de interessante para fazer que passear com a família.

Entretanto, voltou a engravidar, e assim nasceu o menino que tardava. Foi uma alegria, mas engravidou quase de seguida, embora essa gravidez não chegasse ao fim. Abortou sem saber porquê. O médico falou em crise de nervos, mas ela não acreditou. “Tinha de ser. O que se há-de fazer?” Mas Cecília pôs-se a pensar que tinha de tomar precauções, pois não podia engravidar novamente. Já tinha três filhos e a última gravidez já tinha corrido mal. Mesmo contra a vontade do marido foi ao planeamento familiar e começou a tomar a pílula. O marido ainda estranhou que ela não tivesse engravidado novamente, mas, entretido com novos amores, não se preocupou muito com o assunto.

Mas chegou o momento em que Cecília teve de enfrentar o marido e pedir-lhe contas da sua nova vida.

- Isto assim não pode continuar. Esta semana só dormiste duas vezes em casa!
- Afinal, já não sou livre ou quê? O que é que queres? Sou teu escravo?
- Além do mais, o dinheiro que deixaste para a semana não deu para nada. Quando tu trazias parte das compras, era outra coisa...
- Dinheiro! Compras! As mulheres não pensam noutra coisa! Só querem dinheiro. O dinheiro que aqui o macho ganha, morto de trabalhar. Sabes lá o que um homem passa para receber um ordenado no fim do mês!
- Sim, e eu aqui, com três crianças e a vida de casa, não é trabalho?
- Sabes lá o que é trabalho! Ficas aí, descansadinha, só à espera que o dinheiro chegue para gatares. É só gastar!
- Mas como é que queres que eu faça? Com três crianças e nós os dois...
- As mulheres são todas iguais. Não fazem nada e passam a vida a reclamar.
- Ah! Eu não faço nada! Mas tu chegas a casa tens a comidinha pronta, roupa lavada e passada, os filhos bem tratados.
- Isso é lá trabalho! Só reclamações, exigências, só pensas em gastar. Não sabes o que custa ganhar o dinheiro. Se soubesses, aprendias a economizar.
- Mas queres que eu economize mais? Como?

Ele virou as costas e bateu com a porta violentamente. Cecília não entendia nada. Agora atirava-lhe à cara tanta coisa, quando foi ele que sempre impôs aquelas regras? Não fora ele que a fizera deixar o emprego e dedicar-se apenas à casa, ao marido e aos filhos? E agora queria que ela também ganhasse dinheiro? Teria de procurar emprego? E que emprego? Onde? Virgem Maria, o que estaria a acontecer?

Hoje ficou a saber o que o marido quer. Pegou nas suas coisas e foi viver com outra. Cecília entrou em pânico, pois nunca pensou que isto lhe viesse a acontecer. Estava desprevenida, desprotegida, sem dinheiro, sem profissão, sem meios para sobreviver. Que fazer? Arranjar outro homem que a sustente ou pensar em ganhar a vida com o seu trabalho? E que trabalho?

- Ah! Mas a culpa foi daquela cabra, aquela puta! Mas eu vou matá-la...

## MATILDE

Estou? Ah! Como estás, Rita? Olha, acabei de chegar a casa e tenho de cuidar da vida. Daqui a pouco chegam todos aí e querem jantar, e querem tomar banho e querem roupa lavada e engomada... Querem tudo. Sabes como é. Está bem, depois falamos com mais tempo. Pronto. Até amanhã.

Ela decerto imagina que não tenho mais nada para fazer. Que vida! Vem uma pessoa cansada, com um saco de compras, depois de um dia de trabalho, o jantar para fazer, roupa para lavar, outra para passar a ferro, pensar no almoço de amanhã... E ainda vem a Rita falar-me de perfumes, e cremes, e champôs, e amaciadores... Irra!

- Mãe, já chegou?
- Eu já. E tu? Por que razão vens tão tarde?
- Porquê? Não dá tempo?
- Para ti dá sempre tempo. É só chegar a casa e perguntar se a escrava aqui já pôs tudo pronto.
- Ó mãe, eu tive um dia de aulas, estou cansada e já vai começar a chatear?
- Seria bom que pensasses que eu também trabalhei o dia inteiro, saí do trabalho mais tarde do que tu saíste da escola, fiz compras e já comecei a fazer o jantar.
- Então para que serve uma mãe?

Esta juventude está insuportável. Esta só pensa nos namoricos, o Jorge sai de casa para a escola, carrega os livros para baixo e para cima, com os auscultadores nos ouvidos, sem responsabilidade nenhuma. O mais certo é que vai reprovar mais uma vez. Que vida!

- Mãe!
- Diz, filha.
- Onde está a minha camisa branca?
- Está para passar a ferro.
- E agora? O que é que eu visto?
- Mas vais sair agora?
- Vou sair com uns amigos.
- Isto agora é assim? Ainda há pouco chegaste e vais sair outra vez? E quando é que estudas?
- Ah! Hoje não tenho nada para estudar.
- Esta gente não pensa em nada. Só querem andar de rédea solta e depois, no fim do ano, chegam a casa com um chumbo e ainda reclamam dos professores.
- Deixe-se de sermões e passe-me a camisa que quero caminhar.
- O quê? Vê lá como falas comigo! Tu não cuidas da tua vida devidamente, não ajudas nas tarefas da casa e ainda me vens com exigências?! Mas o que é que a menina pensa? Que está num hotel de cinco estrelas?



- Não sei para que é esse barulho todo. Se for para o Jorge, vai depressa fazer tudo ao menino.

- Está calada que tu não tens nada que mandar no que eu faço ou deixo de fazer. Pega no ferro e trabalha se queres ter a camisa engomada para vestires.

Pum!

Bateu a porta com estrondo e lá foi. Malcriada! Sem respeito nenhum pela mãe. Aprendeu com o pai que bate a porta, grita, berra, que até parece um irracional. Ah! Matilde! Matilde! Se não te pões a pau, a filha e o filho também vão começar a te pôr os pés em cima!

Ah! Lá vem a Clarinha. Por enquanto tem tido boas notas, vai aos treinos depois da escola e vem direitinha para casa. É mais responsável que a irmã e o irmão. Vamos a ver se pelo menos esta aproveita e faz um curso. Com tanta dificuldade em arranjar trabalho, em conseguir uma profissão que valha a pena e lá anda a minha Natália a brincar aos namoricos, em vez de pensar nas aulas de amanhã. Pelo menos a Clarinha é estudiosa e responsável, para minha consolação.

- Mãe, o jantar já está pronto?

- Já, filhinha. Põe a mesa enquanto eu acabo de engomar estas calças.

- E a Natália? Ela não faz nada?

- Tua irmã saiu há bocado.

- Pois. A Natália vai namorar, o Jorge anda com a malta dele, o pai ainda não chegou, mas eu já tenho fome e não vou ficar à espera deles.

- Está bem, filha, vamos jantar as duas.

A manhã está fresca, caiu um orvalho durante a noite, o chão está escorregadio e a brisa bate na cara com sabor a manhã de Outono. E lá vou eu a correr apanhar a camioneta. Aquele bandalho lá está, a curar a noite e a bebedeira. Entra no trabalho mais tarde, mas bem podia levar-me de carro para o escritório. Comprámos o carro, ele não podia contribuir com dinheiro para casa porque tinha as prestações a pagar, aqui a escrava é que foi aguentando com as despesas, mas agora o carro é só para ele. “Fui eu que o comprei, com o meu dinheiro, o que é que tu queres? Motorista às ordens?” Vejo casais que saem de casa os dois, vão e voltam juntos, pais que vão pôr os filhos à escola, mas na minha casa é cada um para seu lado. Tenho de pagar transportes, fazer as compras e pagá-las, e ele só vem meter os pés debaixo da mesa, comer, dormir e vestir-se de lavado. Tem serviço completo: mesa, cama e roupa lavada. Ah! Matilde! Em que vida estás metida!

- Ó Matilde! Estava a ver que não chegavas!

- Desculpa. À última hora o chefe ainda veio com uma carta para fazer e enviar...

- Actualmente é tudo à pressa, tudo rapidinho que estão sempre atrasados.

- É verdade! Quanto mais telefones, telemóveis, internet, mais pressa em fazer tudo para não chegar atrasado. Mas o que se há-de fazer?

- Mudando de assunto, vou mostrar-te o novo catálogo. Olha que os preços são razoáveis.

São pinturas, cremes, bases, máscaras, amaciadores, enfim, um mundo de beleza, de frescura, de atracção, de sensações e emoções. Há produtos para relaxar, para se tornar atraente, para ser mulher sensual, fatal, é um nunca mais acabar de formas milagreas para a mulher moderna. Só fica velha quem quer, dizem alguns. Qualquer dia vai haver remédio para evitar a menopausa e, com jeitinho, até para vencer a morte. Quem sabe?

- Ó Rita, eu não devia gastar dinheiro nestas coisas.
- Ainda agora começou o mês e já estás a reclamar?!
- Pois é. Tenho duas filhas e um filho para alimentar, vestir, educar...
- Ah! Não te armes em pelintra. Pagas no fim do mês.
- Mas estas vendas dão resultado? Ganhas alguma coisa com isto?
- É o que eu consegui arranjar depois de ficar desempregada.
- Estás desempregada?
- Pois. Acabou o contrato e rua com ela.
- Não sabia que estavas no desemprego! E os teus filhos?
- Olha, a Ana está como estagiária com um salário miserável, apesar de ser licenciada. O Pedro trabalha no Call center, mas não tem contrato, qualquer dia fica sem nada. Já viste a nossa situação?
- É muito grave! Uma família inteira nesta precariedade!

O Natal está à porta e aquele homem não me ajuda em nada. Já que não paga contas, pelo menos deveria ajudar-me a levar as compras, mas nem isso. O Jorge hoje tem de ir comigo para ajudar-me.

- Mãe, já engomou as minhas calças?
- Para quê?
- Para vestir. Ora!
- Não penses que vais passear. Já basta o teu pai que não pára em casa.
- Mas pensa que vou ficar aqui o domingo inteiro? O que é que estás a pensar?
- Cuidado como falas comigo. Muito cuidadinho. Ouviste? O menino vai ao supermercado para me ajudar a trazer as compras. E a Natália também. Ou será que vocês querem que o Dia de Natal seja igual aos outros dias?
- Ó mãe, eu não posso de maneira nenhuma. Combinei com o Luis para fazermos umas coisas esta tarde, O Jorge que vá. Ele também deve fazer alguma coisa.
- Estás a falar de mim? Nem pensar! Tu vais namorar e eu vou servir de criado das meninas. Era só o que faltava!
- Sorte desgraçada! Já não basta ter um marido daqueles, mas também ter um filho e uma filha que vão pelo mesmo caminho. Vida miserável!
- Não chore, mãe. Eu vou consigo.
- Tu precisas estudar.
- Deixe lá, mãe. Eu estudo à noite e amanhã. Terça-feira é a última ficha antes do Natal Depois, já posso ajudá-la. Mas eles que não pensem que vou fazer-lhes o trabalhinho todo. A mãe vai distribuir o trabalho de casa durante as férias e cada um faz a parte que lhe couber. As limpezas da casa, divididas por três, não é nada difícil. Eu cuido da sala e eles que cuidem dos quartos. Se não fizerem, fica como está. A mãe não deve ser criada

da Natália nem do Jorge. Basta ter de fazer tudo para o pai que não se interessa por nós e só pensa no seu bem estar.

Este vento molhado faz arrepiar até aos ossos. Nem sequer nos dias de chuva se aquele estupor me dá uma boleia. Vida desgraçada! Trabalhar em casa, trabalhar no escritório e voltar para o trabalho da casa. Que triste sina!

- Bom dia, Matilde. Quer uma boleiazinha?

- Faz jeito, sim senhor, mas não gosto de incomodar. Ah! Não me custa nada e sempre tenho o prazer da sua companhia logo de manhã.

- Deixe-se de brincadeiras. Se a sua mulher o ouvisse...

- A minha mulher não é para aqui chamada. Vamos tomar um cafezinho?

- Não é má ideia. Saí de casa a correr e nem sequer tomei o pequeno-almoço.

- Aqui está mais quentinho que lá fora. E este cheirinho a café excita-nos o paladar.

- Um cafezinho logo de manhã é uma bênção de Deus.

- Deixe lá Deus sossegado. Então e os filhos?

- As filhas já foram para a escola e o rapaz ficou a dormir. Só vai na parte da tarde.

- Eles vão bem nos estudos?

- Nem por isso, Sr. Rodrigues. A mais nova é estudiosa e responsável, mas a outra filha e o filho só me causam preocupações. Veja lá que a Natália, com 17 anos, ainda não fez o 9º ano e o Jorge, com 15 anos, ainda está a repetir o 7º.

- Este ensino agora não vale nada, não é como no nosso tempo. Os professores não ensinam nada, não se preocupam com os alunos e só querem receber o ordenado no fim do mês. E nós, os pais, gastamos uma fortuna com o ensino deles. O meu filho lá anda, na universidade, mas é ensino privado, o que me custa um rio de dinheiro. Até chegar à universidade nunca reprovou e agora anda lá a marcar passo, com uma quantidade de cadeiras atrasadas. Diz que não levou bases de matemática. Eu não entendo nada! A minha filha anda num colégio, também me custa um dinheirão, mas eu prefiro assim. As freiras cuidam dela, recebeu os sacramentos todos lá e só sai quando for para a universidade.

- Eu também gostava de dar um curso superior às minhas filhas e ao meu filho, mas, por este andar, não me parece que eles cheguem lá. Talvez a Clarinha, que é estudiosa, mas não sei se vou ter meios para isso.

- Também não é preciso que toda a gente seja doutor. Então quem há-de fazer os outros trabalhos? A Matilde não andou na universidade e é uma ótima funcionária! Deixe que lhe diga que eu mais admiro na empresa.

- Credo, Sr. Rodrigues, quem ouvir isso...

- Foi só a Matilde que ouviu, mais ninguém.

- Tenho de ir embora. Não gosto de chegar atrasada. – Não se preocupe. Se chegar acompanhada do chefe, os problemas estão todos resolvidos.

- Eu vou andando.

Até onde é que essa protecção do chefe me pode levar? A cena está a mudar e eu não sei até onde isto pode chegar. O outro chefe andou aí a arrastar a asa e elas andaram aí a

brigar umas com as outras. Eu mantive-me fora dessas disputas, até porque não sou mulher de andar aí a bater língua. Contudo, é verdade que uma conseguiu uma boa promoção e outra uma boa colocação na outra empresa, só “pelos seus lindos olhos”. Esta vida não está nada fácil e honestidade, solidariedade, educação, respeito são princípios muito bonitos mas, na prática, parece que já não valem nada.

Ele parece que gosta de mim e eu talvez aprenda a gostar dele, mesmo com aquele ar de parvalhão e aquela cara de bolacha. Portanto, devo pôr-me a bem, porque se ele embirra com alguém, ai Minha Nossa Senhora! É cada descompustura! Comigo ele ainda não pegou, mas também, se não for eu, quem é que há-de corrigir os trabalhos que ele escreve? Não sei como é que um indivíduo chega a chefe sem saber escrever!

- Matilde, vai ao gabinete do chefe.

- O Sr. Rodrigues chamou?

- Entre e feche a porta.

- Temos esta correspondência para preparar e enviar. A Matilde escreve tudo e traz para eu assinar. Ah! Procure o dossier desta empresa porque preciso estudar melhor as propostas deles e apresentar um relatório para a gerência.

- Esse processo está aí na estante.

- Está bem, mas a Matilde procura-o que eu não estou aqui para isso.

- As cartas estão prontas, Sr. Rodrigues.

- Sente-se aí e tome nota das minhas ideias sobre estas propostas e depois vai redigir o parecer que tenho de entregar à gerência.

- Mas eu já tenho outro trabalho para hoje.

- Deixe lá o resto e agora concentre-se no que eu vou dizer. Eu preciso deste parecer pronto até amanhã ao meio dia. Sei que é uma funcionária competente e há-de ter a sua recompensa. As promoções têm de ser para quem merece.

É o que eu digo. O gajo não sabe escrever uma linha, empurra-me com este monte de palavreado, e eu é que tenho de pôr isto de pé, de modo que se possa ler e compreender o que ele quer. E depois acena-me com a treta das promoções, que são apenas para os que merecem. E como é que ele chegou a chefe? Bom, como isso não é nada comigo, vou meter mãos à obra e mostrar do que sou capaz.

- Susana, estás a ver o panorama? Repara no tempo que a Matilde passa no gabinete do chefe.

- Caluda! Não vá alguém ouvir.

- Eu cá não tenho rabos de palha.

- Chamou, Sr. Rodrigues?

- Olha, quero que deixes o pessoal sair e espera por mim. Tenho uma proposta para esta noite.

- Esta noite?! Mas eu tenho filhos à minha espera e não posso abandonar a casa assim.

- Deixa-te de coisas! Vai trabalhar e mais tarde a gente combina melhor.

Isto está a ficar apertado. Como é que vou sair novamente esta noite? Que desculpa é que vou arranjar? Pelo menos, tenho de ir a casa preparar alguma coisa para o jantar.

- Vamos embora, Matilde.
- Ah! Mas eu tenho de ir a casa preparar o jantar para os meus filhos.
- Afinal, os teus filhos ainda são bebés?
- Tenha paciência. Uma mãe não pode abandonar os filhos assim.
- Mas vens ou não vens?
- Olhe, eu compro comida pronta e vou pôr a casa para o jantar e vamos a seguir. Está bem assim?
- Está bem. Vamos lá que se faz tarde.

Ai a minha vida! É o chefe de um lado, os filhos do outro, o marido... O que é que lhe vou dizer? Pode ser que ele chegue mais tarde do que eu, mas... e se chegar primeiro? Não posso dizer novamente que uma colega fez anos. Salta logo à vista. Mas tenho de arranjar uma desculpa.

- Ah! Já estava a ver que não chegava!
- Porquê?
- Eu quero jantar. Tenho hora marcada com o Luís.
- Ah sim? A menina vai passear novamente?
- Vou, pois. Ultimamente a mãe também tem saído à noite, portanto, não pode falar.
- Ora vamos lá ver! A minha filha agora arranjou um pretexto para tirar a desforra. Pois fica sabendo que hoje também vou sair. Não são só vocês que têm direito de passear e se divertir. Eu também tenho direito de viver a minha vida.
- E o nosso jantar?
- Olha, trouxe isto. Façam uma salada e arranjem-se.
- E se o pai chegar o que é que a gente diz?
- Digam-lhe que não sei a que horas volto. Mas volto.

- Matilde, o meu jantar! Matilde!
- O que é pai? A mãe ainda não veio.
- O quê? Aquela cabra ainda não chegou? Mas onde se meteu aquela puta? E o que andará a fazer?
- Não fale assim, pai. Chegou agora e já está a reclamar!
- Olha, Clarinha, tu és muito esperta, como a puta da tua mãe, mas eu também não sou burro. Eu sei que ela anda a pôr-me os cornos e eu vou descobrir como. Ah! Ela vai dizer-me com quem anda...
- Vou dizer o quê? Já uma pessoa não pode chegar um pouco mais tarde?!
- Não venhas com conversa fiada que comigo isso não pega. Diz-me já com quem é que andaste até agora?
- Homessa! E tu dizes-me com quem andaste?
- Eu venho do trabalho, sua cabra.
- Pois se trabalhas não parece. Nem sequer trazes dinheiro para casa!

- Ah sua bandalha! Tu queres dinheiro, é? É esse o dinheiro que tu precisas. E deixa de refilar que ainda levas mais. E agora diz-me com quem andaste até agora. Vá! Desembucha!

- Eu estive a fazer um trabalho com pressa. O computador avariou, faltou rede e só à noite é que se pôde trabalhar. O que é que tu queres? Devias agradecer a Deus e a mim também por eu trabalhar e aguentar as despesas desta casa. Porque à espera do teu dinheiro morríamos de fome.

- Deixa lá que eu vou tirar isso a limpo. Não perdes por esperar.

O Sr. Rodrigues já anda a desviar-se, parece que já tem outro ponto de interesse. Eu já devia saber que não se pode confiar num traste como aquele. São todos uns estupores, bandidos... Isto é que é uma vida madrasta! Do marido já não esperava nada, a não ser uns murros no focinho. E do chefe? Será que sai a tal promoção?

Olhe, este fim de semana estou muito ocupada. A Clarinha faz a profissão de fé e vou fazer um almoço para a família toda. Os meus pais e os meus sogros vão almoçar na minha casa.

- Essa tua família dá-te muito trabalho.

- Ora, temos os nossos compromissos familiares.

- Está bem, cuida lá da tua família.

- Olhe, e já falou com a gerência?

- Falei o quê?

- Da promoção.

- Ah! Eu já falei, mas parece que o momento não é o melhor. Há problemas na empresa, a concorrência tem dado cabo dos nossos planos e não podemos aumentar as despesas.

- É sempre assim. O pessoal é que tem de ter paciência.

- Não reclames que não estás assim tão mal.

- Mas já estava a contar com isso. A vida está tão cara...

- Sabes que mais, põe o teu marido a pagar as contas. Não sejas estúpida. Onde é que já se viu um marido a viver às custas da mulher!

- Eu sei disso, mas como é que vou obrigá-lo?

- Isso é lá contigo. Pensa.

Estou pensando, estou. Você prometeu-me uma boa promoção e agora já vem com as desculpas do costume: dificuldades da empresa, problemas competitivos... Já parece um patrão a falar. Ele só é chefe para mandar e nem sequer sabe escrever nada que se possa ler e no fim do mês tem um super ordenado, anda com carro da empresa, senhas para gasolina e outras benesses que nós nem conseguimos adivinhar. Entretanto, levou-me à certa com promessas e palavras doces. E o que é que eu ganhei? Dei mau exemplo às minhas filhas e ainda levei uns murros nas trombas da mão do meu marido. Está bonito, sim senhor. “Quem se fia em sapato de defunto, toda a vida anda descalço”. Aprende, Matilde, que a ignorância nunca ajudou ninguém.

- Ó sua cabra, isto é jantar que me ponhas na mesa? Depois de um dia de trabalho ainda me pões esta mixórdia para o jantar? Porcaria!

- E dá graças a Deus por teres um prato de sopa na mesa. Não trazes dinheiro, gastas tudo o que ganhas por fora e depois queres um prato de bifes todos os dias?
- Sua desgraçada! Ainda me respondes dessa maneira?! Tu hoje vais ver...
- Se tu deres também vais levar.
- O quê? Estás a ameaçar-me?
- Estou. Se te chegas para mim, levas com isto na cabeça.
- Ó mãe, isso é pesado. Pode matá-lo!
- Quem vai à guerra, dá e leva. Chega!
- Tu não me provokes! Olha que eu arrebento-te.
- Já te avisei. Afasta-te e não me faças mal.

- Sim, é da polícia? Por favor, venham aqui depressa. Os meus pais estão a brigar, estão a ameaçar-se um ao outro e pode acabar em desgraça.

Pum! Pum! Pum!

- É a polícia! Abram a porta.
- Entre, senhor polícia.
- O que se passa aqui?
- É a minha mulher que me quer partir a cabeça com a frigideira.
- Eu peguei na frigideira para me defender. O meu marido não gostou do jantar, jogou tudo aí no chão e queria bater-me.
- O que é que o senhor tem a dizer?
- Eu não lhe bati. Ela é que está exaltada, não sabe o que diz.
- E quem jogou o prato e a comida ao chão?
- Foi sem querer.
- Mas o senhor já bebeu demais.
- Ele está bêbado e quer maltratar-me. Levem-no daqui, por favor.
- A senhora quer que leve o seu marido para a esquadra?
- É isso mesmo. Para que quero um traste destes aqui? Não colabora nas despesas e ainda me maltrata. Não estou mais disposta a sustentá-lo e ainda ter de aturar as bebedeiras e os maus tratos.
- Mas esta casa é minha, fui eu que a comprei e agora vou para o olho da rua?
- Quem paga as prestações ao banco sou eu. Posso prová-lo.
- Bom, o Tribunal é que vai decidir tudo isso. Agora vai acompanhar-nos.

## A PROMESSA

Como isto está tudo diferente! Ruas, casas novas, tudo limpo, enfeitado...A quantidade de flores de papel aqui por cima! Está tudo muito bonito! É uma beleza! Antigamente não tinha tanta coisa. Era carne para as espetadas, as bebidas, os rebuçados e as bonecas de massa. Agora tem tantas gulodices que nunca mais acaba!

Bom, mas eu vou logo pagar a promessa e pedir perdão por estes anos todos que não vim aqui. A Igreja está toda enfeitada, a preceito, tudo muito bonito.

Ó Meu Senhor São Pedro, estou aqui de joelhos, nem ousou levantar a cabeça porque eu sei que pequei. Há mais de vinte anos que vim aqui pedir que me amparasse na viagem para a Venezuela e me ajudasse naquela nova vida. Eu sei que prometi que logo que pagasse a passagem a meu tio, o primeiro dinheiro que ganhasse a seguir seria para vir à Madeira buscar a minha Arminda. E antes de embarcarmos os dois viria aqui com ela pagar a promessa e pedir a sua protecção.

Mas o tempo foi passando, passando, ano após ano... Mas eu não me esqueci das promessas. Eu prometi à minha Arminda que ia pagar o que lhe fiquei devendo e ainda não cumpri. E prometi voltar aqui para agradecer ao Senhor São Pedro e pagar a minha promessa se o Senhor me protegesse e só agora é que cheguei. Eu sei que não mereço perdão, mas creio que me vai perdoar. E vai ajudar-me a encontrar a minha Arminda. Ela não pode ter morrido. Tem de estar nalgum lugar e eu hei-de encontrá-la, com a ajuda do Senhor São Pedro. E antes de voltar com ela para a Venezuela hei-de voltar aqui com ela pagar a promessa, pedir perdão mais uma vez e a vossa bênção.

Por hoje chega de festa. Já paguei a promessa, já comi e bebi e vou embora antes que fique bêbado. Não quero andar por aí de canto a canto, como vejo tantos. Vão bebendo poncha, que é o que mais vejo esta gente emborcar. Poncha! Poncha! Já provei e chega. Vou para casa descansar e amanhã é outro dia.

Isto aqui, com o mar à vista, dá para um homem descansar e pensar que um dia saí da Madeira num barco, por aí adentro. Quando o barco se afastou da terra deu-me uma tristeza no meu coração. Pensei na minha Arminda e também na minha família. Minha mãe ficou em casa, lavada em lágrimas, meu pai a fazer-se forte, mas também chorou. Minhas irmãs, coitadinhas, agarravam-se a mim: “Manuel, não te esqueças da gente, escreve, manda notícias. Olha, não te esqueças do meu relógio! Tu prometeste. Manda um dinheirinho para se passar a Festa. Vai ser uma tristeza, tu lá longe, mas manda alguma coisa para comprar um vestido, ou uns sapatos.” “Está bem, não é preciso chorar que eu não me vou esquecer de nada.”

Esquecer, não esqueci, mas como é que eu podia mandar dinheiro?

Quando eu cheguei à Venezuela é que vi como elas mordem. Trabalhava de noite na padaria de meu tio, de dia ia vender pão, dormia um bocadinho, voltava a amassar pão... Foi uma vida do diabo! Meu tio não me dava um tostão porque eu estava a dever a passagem. Eu só conseguia alguns trocos na venda do pão, mas sem meu tio saber. Andava derreado, arrenegado, até para escrever as cartas à minha Arminda era com muito custo.



Bom, mas agora vou gozar esta calma, ouvindo o barulho do mar... Eu nunca aprendi a nadar porque tenho medo do mar. A nossa casa é lá em cima e meu pai não deixava a gente vir cá para baixo. Era preciso trabalhar e o mar é perigoso. Mas sempre que eu passava por aqui, sentava-me um bocadinho em cima das pedras para sentir este cheiro a maresia e olhar para o mar sem fim. É um bom lugar para descansar.

Ah! Esta casa está uma porcaria, fechada há anos, sem ninguém que tome conta disto. Vou falar com a vizinha Teresa, talvez ela me indique alguém que queira fazer aqui uma limpeza, que eu não estou com pachorra.

- Ó vizinha! Está aí dentro?

- Ah! É o nosso venezuelano! Então como estás te dando por estas bandas?

- Ora, ainda agora cheguei.

- Tá bem! Ainda te lembras das nossas festas. Se viesses uns dias mais cedo, tinhas apanhado a Festa do Senhor. Eu é que já não me arrasto para andar nas festas.

- Já não caminha de casa?

- Só vou ao Centro de Saúde, com a minha filha ou a minha neta e às vezes o meu neto dá-me uma voltinha de carro. Custa-me muito a andar. Dói-me muito as cadeiras, os joelhos, os rijetes, o senhor doutor diz que eu devo andar aos bocadinhos, mesmo devagarinho, mas eu não posso. Fico em casa, vejo televisão, falo com alguém que passe por aí. É a vida de uma velha.

- Eu hei-de sentar-me ao seu pé e a vizinha vai me contar como foi a vida da minha família depois que eu saí daqui. Andei muito tempo fora e estou desejoso de saber o que aconteceu durante estes anos todos. Eu falei com minha irmã Maria, em Caracas, mas ela ficou espantada de me ver, entrou em choque, não fez outra coisa se não chorar. Fiquei a saber que meu pai e minha mãe já morreram, que Felisbela está na África do Sul e mais nada. Depois ainda lhe telefonei, antes de vir, ela disse que a vizinha tinha a chave da nossa casa e olhe, meti-me no avião e aqui estou eu. Mas hoje queria pedir-lhe outra coisa. Será que conhece alguém por aqui que queira fazer uma limpeza na nesta casa?

- Eu posso falar à minha filha e à minha neta para elas te darem uma ajuda.

- Ó vizinha, a sua família tem outras coisas para fazer. Eu queria uma pessoa que precise de ganhar. Eu pago o que for preciso. Não é de graça.

- Eu vou falar com Conceição e vamos tratar disso.

- Está bem. Eu vou dar uma volta e mais tarde bato-lhe à porta. Olhe, quando quiser dar uma voltinha de carro é só dizer. O carro está à sua disposição.

- Muito obrigada, meu filho. Deus te abençoe.

Isto aqui era a venda do Senhor Agostinho, mas agora é um luxo, com café, bolos, bebidas...Bebidas sempre houve aqui. As mulheres compravam massa, sal, açúcar, na venda e no lado do terno os homens bebiam vinho e aguardente de borra de vinho. Era proibido fazer aguardente de vinho, mas as pessoas faziam. Quem tinha pipas de vinho, aproveitava a borra e fazia aguardente, não era nada roubado. Mas quando chegavam os fiscais, cobravam multas e levavam a aguardente que apanhavam. Era uma lei do diabo.

Diziam que era por causa da aguardente de cana, só eles é que tinham o direito de fazer aguardente e o povo pobre não podia aproveitar o que era seu.

Outros tempos que já não voltam mais. Aquele dia que eu estive aqui, num dia de Festa, quando eu conheci a minha Arminda, esse dia também não volta mais. Ela chegou aqui, mais um bando de raparigas, contentes, porque era festa.

Ah! A minha Arminda estava tão bonita! Chegou um grupo com um acordeão e começaram a tocar, a cantar e armaram ali um baile. A Arminda e outras raparigas entraram no baile e eu ali, naquele canto do terreiro, a apreciar. Parece que ainda estou a ver a minha Arminda a bailar, leve como uma borboleta, alegre como um passarinho. Eu não tirava os olhos dela, mas ela não olhava para mim. E eu com o coração aos pulos.

Mais à tardinha, o povo começou a correr para as suas casas e a Arminda mais o seu grupo também caminhou. Eu estava desejando de meter fala com ela, mas a mãe e as outras pessoas estavam ao lado e eu não podia chegar por perto. Fui caminhando um bocado atrás, sempre seguindo o rasto.

Já ia ficando escurinho, mas eu vi bem por onde é que ela e a família entraram. Bom, agora já sei que ela mora ali, pensei eu.

Passaram alguns dias, até que eu inventei que tinha de ir à Vila, deixei meu pai na terra e caminhei. Quando cheguei ao pé da casa dela, estavam a bordar no terreiro, a Arminda, a mãe e a irmã.

- Nosso Senhor nos dê boa tarde!

- Boa tarde, meu rapaz, então anda à procura de alguém?

- Ando sim senhora! Mas acho que já encontrei.

- Mas a mecê não mora aqui no sítio? Eu nunca o vi por aqui!

- Não senhora, eu moro mais lá em cima.

- Mas então?

Eu olhava para a minha Arminda, ela olhava de lado para mim, mas naquela hora não deu para eu dizer o que estava já na ponta da língua.

- Olhe, se a mecê me dá licença, eu mais à noite passo por aqui e a gente fala mais à vontade dentro de casa.

As duas irmãs olharam para mim, vermelhas como perinhos da Ponta do Pargo.

- Está bem, mas diga-me sequer o seu nome.

- O meu nome é Manuel, Manuel de Freitas, como meu pai.

- Tá bem.

- Até logo, mais à tardinha.

Olhei bem para a minha Arminda e fechei-lhe o olho. Ela olhou para o bordado, a tesoura caíu ao chão, abaixou-se e deixei de vê-la. Já estava na volta do caminho. Trazia o coração a bater, o peito cheio e as pernas bambas. Estava feliz. A mãe dela deu licença para eu voltar lá à noite, sinal que me aceitou bem. A minha amada também me aceitou bem. Eu vi nos olhos dela que ficou contente, gostou de mim. Ah! Pernas para que te quero! Desci o caminho todo até à Vila, bebi um copo, só um, não queria chegar à casa dela como um bêbado qualquer. Eu nunca fui bêbado, nem aqui nem na Venezuela.

Pum!Pum!Pum!

- Já vai! Então, sempre voltou à nossa casa? Isto é casa de gente pobre, onde mora uma mulher viúva com as suas filhas, mas é uma casa de respeito.

- Sim senhora! Eu também nunca faltei ao respeito a ninguém.

- Tá certo. Mas então diga lá ao que vem.

- Olhe, isto não é fácil de dizer, mas... é assim. Eu estou aqui para pedir a mão da sua filha em casamento. A mecê não me conhece, mas eu sou uma pessoa de bem, trabalhador e gosto da sua filha. Eu nunca falei com ela, mas penso que a gente se vai dar bem.

- Bom, eu estou gostando dos seus modos. Veio até aqui falar directamente comigo, não se pôs por aí com coisas às escondidas, que eu não quero as minhas filhas mal faladas. O meu marido deixou-me já há dois anos, mas antes de ir ter com Deus, pediu-me: “Tu cuida bem das nossas filhas!”. Ele deixou-me esta casinha e mais uns bocadinhos de terra e as nossas filhas, é tudo o que eu tenho no mundo. E eu prometi ao meu marido, à beira da cama donde ele não se levantou mais, que ia olhar pelas nossas filhas com todas as forças da minha alma. E é isso que tenho feito. A gente vai à missa juntas, vai trabalhar e vem para casa cuidar da vida e bordar para se ter um dinheirinho. E veja lá se não está a mangar comigo.

- Eu estou a falar a sério. Não ando aqui à caçoada. É para casar mesmo.

- Mas o Manuel ainda não me disse com qual delas quer casar. É com a Arminda ou com a Leonor?

- Eu não sei o nome, mas... é aquela.

- É a mim que ele quer. Eu já o tinha visto na venda do senhor Agostinho, no dia da Festa.

- Ah! É a Arminda que o Manuel quer? Tá bem. Então tu, minha sonsa, já andavas também com o olho nele?

- Eu nunca falei com ele. Vi-o lá no terreiro da venda, nesse dia e vi-o há bocado ali fora. Pelo jeito que ele olhou para mim, eu vi que ele me queria.

- Tá bem. A gente ainda não se conhece, eu dou licença que o Manuel venha cá, ao domingo à noite, sem ninguém saber. Depois, conforme as coisas correrem, eu digo se dou licença ou não de vocês entrarem para casar.

- Muito obrigado. Não sabe a alegria que me dá. Eu vim por aí acima com o coração a bater, mas agora já estou bem. No domingo eu venho aqui.

- Venha à noite! Sem ninguém ver! Esse povo bem gosta de falar da vida dos outros.

- Deixe lá, mãe, deixe o povo falar. O que é que isso interessa.

Quando eu ouvi a minha Arminda falar assim, fiquei tão feliz! Era o mesmo que ela dissesse que gostava de mim, que queria casar comigo e o meu coração parecia uma borboleta dentro do peito.

Comecei a passar lá aos domingos à noite, mas depois já ia pela tarde, conversávamos, mas a mãe sempre por perto. Eu queria abraçá-la, beijá-la, mas como é que eu podia? Mesmo que fosse à missa com elas, não dava para muito. A gente ficava um bocadinho para trás, falávamos a sós, no meio da rua, com toda a gente a ver... Mas foram os meses mais felizes da minha vida! Só de estar ao pé dela já ficava com o peito cheio. E ela também sentia o mesmo. Olhava-me com aqueles olhos ternos, lindos, dizia que

gostava de mim, estava feliz e só me pedia que eu nunca lhe faltasse. E faltei. Tenho esse remorso guardado há tantos anos! É um peso que trago na consciência.

Bom, hoje vou rezar a Nossa Senhora de Fátima e pedir-lhe que me ajude a encontrar a minha Arminda.

“Oh Minha Nossa Senhora, eu estou aqui porque acredito nas graças que Nossa Senhora tem feito. Sei que não mereço, mas eu venho pedir a vossa ajuda. Nossa Senhora de Fátima, que disseste aos pastorinhos que vieste ao nosso país para ajudar os portugueses, eu vos peço esta graça numa hora de aflição. Eu vim da Venezuela, já sabia que os meus pais tinham morrido, que as minhas irmãs casaram e embarcaram, falei com Maria em Caracas que me contou tudo isso e estou aqui à procura da minha Arminda. Eu não sei o que lhe aconteceu, se está doente ou com saúde, onde é que ela vive e ando numa grande aflição. Já passei na casa dela, não mora lá ninguém, a casa está ao abandono, com telhas partidas, janelas e portas a se desmanchar e eu não sei o que hei-de fazer. Eu prometo aqui, de joelhos, que quando a encontrar, venho aqui rezar e agradecer mais esta graça que eu espero que Nossa Senhora me vai conceder.”

- Ó vizinha! Está aí?

- Diz lá, Manuel. Então a limpeza da casa, está tudo a teu gosto?

- Está tudo bem, Conceição. As raparigas trabalharam bastante e deixaram tudo direitinho. Claro que isto é uma casa velha, com móveis velhos, não pode ficar grande coisa, mas ao menos está limpinho.

- Vais ficar muito tempo por aqui?

- Penso que não. Logo que eu resolva umas coisas, vou embora outra vez.

- Dizem que a Venezuela está muito mal e tu vais voltar?

- Olha, o que eu tenho está lá, o que é que hei-de fazer? E vou ficar aqui a viver do quê? As terras de meu pai devem estar cheias de silvas, faias e outro matagal.

- Ah sim! Há anos que ninguém mete lá uma enxada. Também não vale a pena trabalhar muito, sobretudo nas terras longe do caminho. Se não chega carro ao pé da terra, é melhor deixar ao abandono.

- Pois é. Olha, mas eu gostaria de conversar com tua mãe, será que pode ser?

- Entra, senta-te aqui que eu vou chamar minha mãe.

- Mãe, o Manuel está aqui e quer falar consigo.

- Então, vizinha, está bem de ontem para cá?

- Ah! Esta noite tive tantas dores nesta perna, o coração também não está bom, começou a bater forte... Ah! É tomar remédios, remédios...

- A mãe nem sempre toma os remédios, diz que é muita coisa, que não é preciso tomar tantas pastilhas e, se calhar, não tomou o remédio para a tensão e depois passou mal.

- A vizinha não pode fazer essas coisas. Se o médico manda tomar os remédios é porque é preciso.

- Mas tu não fazes ideia a quantidade de pastilhas que ele me manda tomar!

- Tem de ter paciência e fazer o que médico manda. E a Conceição também se preocupa consigo.

- Pois, agora tenho de obedecer aos médicos, à filha, à neta, ao neto. E é que os outros filhos não estão por perto, se não também se iam pôr a mandar em mim.

- A vizinha diz isso, mas bem gostaria que eles estivessem todos aqui, ao seu pé.

- É verdade, meu filho. Mas foi um vai para a Venezuela, outro para a Inglaterra e fica aqui a velha. Não estou ao abandono porque Conceição não quis ir para a África do Sul com o marido. Se ela tivesse ido, quem é que olhava por mim? Ficava aí como tua mãe, que chegou ao tempo de não ter ninguém.

- Como é que foi isso? Conte-me.

- Olha, a Felisbela casou há muitos anos e foi para a África do Sul com o marido. Nunca mais veio aqui. Dizem que tem lá filhos, que o marido já morreu e ela continua por lá. Teu pai é que envelheceu depressa. Tu embarcaste, não havia mais nenhum homem na família, as raparigas trabalhavam bastante, mas a Felisbela embarcou, só ficou a Maria. Tu não escrevias, ninguém sabia de ti, teu pai e tua mãe não sabiam o que pensar.

- Eu faço uma ideia.

- Não fazes, não. Não fazes a ideia o que a tua família sofreu, sobretudo quando a tua tia veio pedir satisfações a teu pai. Que tu tinhas abandonado o tio, tinhas fugido e não pagaste a passagem.

- Não foi assim. Eu trabalhei muito tempo para o meu tio, nunca via um tostão na mão e ele nunca quis fazer contas. Eu queria saber quanto ganhava por mês e fazia-se as contas para ver se a dívida já estava paga ou quanto é que faltava pagar. Mas ele nunca me deu orelhas. Fugia ao assunto e mandava-me trabalhar. Eu parecia um burro de carga, trabalhava de noite a fazer o pão, de dia ia vender e já estava farto daquela vida.

- Mas ao menos escrevias, dizias alguma coisa aos teus pais, para eles não andarem aí agoniados.

- Eu sei. Mas eu chegava a casa cansado, farto de trabalhar, daí a bocado era preciso fazer mais pão, vender mais pão. Era uma vida desgraçada.

- Mas quando desapareceste de lá por que é que não escreveste?

- Se eu escrevesse, a família de meu tio ia querer saber onde é que eu estava e ele ia atrás de mim. Era capaz de me matar. Nos primeiros tempos, eu tive de ficar calado como um rato para ninguém saber onde é que eu estava.

- E à tua noiva? Por que é que não lhe escreveste?

- Nem me fale nisso. Eu sei que não devia ter feito o que fiz à Arminda. Mas fale-me lá de meu pai. Conte-me.

Teu pai começou aí a cismar, quase não falava com ninguém, e as doenças foram aparecendo e ele quase já não trabalhava. Tratava um gadinho, plantava alguma coisa, mas era quase a Maria e a mãe que olhavam por tudo, que ele já fazia pouco. Ia ao doutor quando piorava, mas depois já não queria voltar lá, não queria tomar os remédios e foi se deixando abater.

- E minha mãe?

- Tua mãe também se afligia muito, andava num sofrimento, mas falava com a filha, vinha a nossa casa, conversava-se, ela chorava porque não sabia de ti, mas sempre desabafava, ficava mais aliviada. Teu pai é que tinha tudo lá para dentro, tudo assolapado e foi se mortificando.

Entretanto, chegou aí o Antoninho, o filho do Lanzeira, e quis casar com Maria. Ora, ela também queria se amparar e fez ela bem, porque os pais não duram sempre. Ela casou e ficou aí uns tempos, mas depois também foi para a Venezuela. Ela sofreu muito, chorou como uma criança para se apartar do pai e da mãe, mas a vida é assim. Os dois que se casam é para viverem juntos. Não é, rapaz?

- Tá certo, vizinha.

- Ora, o teu pai já não andava nada bem e morreu em pouco tempo. Aí a tua mãe ficou de cabeça perdida. “Criei Duas filhas e um filho e agora não tenho ninguém para me amparar na velhice.” E foi enfraquecendo, enfraquecendo, era a gente que olhava por ela, mas é como tu sabes, tua mãe só pensava nas filhas e também pensava em ti, não sabia se eras morto ou vivo. Não chores, meu filho. Olha, depois a tua irmã Maria veio para cá e cuidou de tua mãe durante oito meses. Foi o tempo que tua mãe ainda viveu. E a seguir a Maria foi embora para o pé do marido, que é o lugar dela. Também já não tinha nada para fazer aqui.

- Ó vizinha, eu agora vou enfiar-me em casa a remoer isto tudo. Tenho a cabeça cheia, parece que está a inchar.

- Conceição, faz um chazinho para o Manuel que ele está muito triste, agoniado. Olha, erva cidreira de caninha. Toma um chazinho antes de ires para casa.

- É isso, Manuel, tomas um chá com mel de abelhas e um comprimido para dormir e esquecer as tristezas. Tristezas não pagam dívidas.

- Muito obrigado. Obrigado pelas informações, obrigado pela amizade, e muito, muito obrigado por terem olhado por minha mãe.

- Não chores, meu filho. A gente fez por ela o que ela também fazia por nós ou por qualquer vizinho. A nossa família e a tua era como se fôssemos todos irmãos. Que Deus os tenha e que peçam por nós, para quando chegar a nossa hora sermos bem recebidos lá em cima. Porque lá da morte ninguém se livra.

- Boa noite, vizinha. Boa noite, Conceição.

- Boa noite e até amanhã.

Eu devia saber que estas coisas iam acontecer. Se eu tivesse escrito à Arminda e ela viesse em segredo falar com meu pai e minha mãe, pelo menos eles ficavam a saber que eu estava vivo. Mas eu vivi aterrado, com medo de meu tio. Eu sei do que ele era capaz! Meu tio gostava era de ver o trabalho feito e ...pagar? O dinheiro era só para ele guardar e mandar para a Madeira, para comprar terrenos, fazer uma casa grande, cheia de luxo, mostrar que era rico, mas pelos vistos está tudo aí, não chegou a gozar nada. Não sei bem como foi, mas também já não interessa. Amanhã vou perguntar pela Arminda. Talvez a vizinha ou a Conceição saibam alguma coisa que me ajude a descobri-la. Amanhã é outro dia.

Ora, o sol já vai alto. Custou-me tanto a adormecer e depois deixei-me dormir até esta hora. Vou aqui abaixo comer. Antigamente a gente dizia que ia comer a matina. Não sei se ainda se diz a matina ou como é. Depois destes anos todos, muita coisa tem mudado e há palavras que eu oiço por aí que já não sei o que quer dizer.

- Ó vizinha! Está aí dentro?

Pum! Pum! Pum!

Parece que não está ninguém. Está tudo fechado. Mas a vizinha nunca sai de casa. Será que aconteceu alguma coisa?

Hoje vou procurar notícias da minha Arminda. Alguém há-de saber alguma coisa. Ela não pode ter morrido. Não! Isso não!

Ora, da maneira que isto está, vê-se que não mora ninguém por aqui há muito tempo. Tem erva e mato nisto tudo, a casa está muito velha, qualquer dia abate-se. Onde será que anda a minha Arminda? Será que embarcou? Talvez casasse e foi embora com outro. E Jesus que me dá uma raiva só de pensar que ela pode ter ido com outro. Mas também não é nada demais. Coitadinha, ficou aí ao abandono. Mas se ela casou com outro eu não sei o que faço de mim. Ah não!

- Boa tarde!

- Boa tarde! Anda à procura de alguma coisa?

- Eu ando à procura de uma pessoa.

- Ah! Eu pensei que queria comprar essa casa velha.

- Não. Olhe, conhecia as pessoas que moravam aqui?

- Conheci a vizinha... e a filha mais velha, a Arminda.

- Conheceu a Arminda? E sabe onde é que ela está agora?

- Eu não a vejo há muitos anos. Desde que a mãe morreu ela foi embora daqui.

- Mas foi embora para onde?

- Mas quer saber dela para quê?

- Sabe, a gente andava para casar, mas eu fui para a Venezuela...

- Ah! Então o senhor é o tal que deixou a Arminda aí e nunca mais fez caso dela?

- Sabe, aconteceu tanta coisa na minha vida... mas eu não me esqueci dela... As pessoas dizem mal de mim?

- Olhe, eu não me lembro de nada disso, mas sempre ouvi dizer que a Arminda tinha uma paixão por um rapaz que foi para a Venezuela e nunca mais veio para casarem.

- E sabe onde é que ela está?

- Isso eu não sei. Mas eu posso falar com minha mãe, talvez ela saiba alguma coisa. Já tem muito tempo que não oiço minha mãe falar da Arminda.

- Fale com sua mãe e veja se descobre alguma coisa. Olhe, era um bem que me fazia. Pelo menos que eu encontre a minha Arminda e lhe explique tudo, para ela ficar a saber que eu sempre pensei nela e se não a vim buscar foi porque não pude.

- E será que ela vai acreditar nisso? Se fosse eu não queria ouvir desculpas esfarrapadas.

- Não diga isso que até me corta o coração.

- Mas não tem de se aborrecer com o que eu digo que eu não sou a Arminda. Se ela falar consigo vai dizer o que lhe apetecer. Se ela tinha uma paixão pelo senhor, como as pessoas dizem, talvez lhe perdoe.

- Tenho a certeza que me vai perdoar. Eu quero é encontrá-la. Fale com sua mãe e outro dia eu passo por aqui falar consigo. Mas diga-me onde é que mora que eu volto outro dia saber o que descobriu.

- A casa de minha mãe é aquela, mas ela hoje não está em casa. Foi à Vila. Outro dia passe aí e fale com ela, porque eu não estou sempre aqui. Só venho às vezes. Trabalho no Funchal e tenho lá a minha casa.

- Tá bem. Um dia destes eu passo aqui para falar com sua mãe.

Ora ainda bem que eu encontrei esta rapariga. É uma pessoa bem falada, vive na cidade e conheceu a minha Arminda. A mãe dela deve saber da Arminda. De certeza que sabe. Ah! Minha Nossa Senhora de Fátima! Parece que se acendeu uma luzinha. Graças a Deus e a Nossa Senhora.

Pum!Pum!Pum!

- Então, Manuel, como é que estás?

- Eu hoje estou melhor que ontem.

- Mas então?

- Olha, passei pela casa da Arminda, onde ela morava com a mãe e a irmã, mas está tudo ao abandono. E de repente apareceu uma rapariga bonita, fina, diz que mora na cidade e disse-me que conheceu a minha Arminda, que toda a gente dizia que ela tinha uma paixão por um rapaz que foi para a Venezuela, só pode ser por mim.

- E onde é que ela está?

- Ela também não sabe, mas prometeu que ia falar com a mãe que talvez saiba alguma coisa para me dizer. Eu amanhã vou passar por lá e falar com a tal senhora, a mãe dela.

- Ah! Por isso estás assim, animado.

- Olha, quando eu ouvi aquelas palavras, que é uma rapariga que fala bem, de coração aberto, e quando ela falou da minha Arminda, que ela tinha uma paixão por mim, o coração parecia que saltava para fora.

- Estou a ver isso.

- Conceição, é a primeira vez que alguém me fala da Arminda, depois de tantos anos.

- Minha mãe não te falou dela?

- Ah! A vizinha começou a falar de meu pai e minha mãe, eu comecei a ficar agoniado, o corpo a tremer... Olha, mas eu gostava de falar mais um bocadinho com tua mãe. Pode ser?

- Mãe, venha até aqui que o Manuel quer falar consigo. Senta-te. Eu vou fazer o comer e tu comes aqui com a gente. Quem faz para dois, faz para três.

- Muito obrigado, Conceição.

- Ó Manuel, só tu para me tirares da minha cama.

- A vizinha também não pode passar a vida na cama. Tem de andar, falar com alguém...

- Eu hoje já andei bastante. Fui à Vila ao senhor doutor e cheguei muito cansada.

- Ah! Por isso eu bati à porta e ninguém me atendeu. Mas como é que foi para a Vila?

- Fui no carro do meu neto, o Roberto. Tu ainda não conheces o meu neto. É a beleza de um rapaz. Já tem a casa dele, a sua mulher.

- Ah! Já é casado?

- Cá nada! Esta juventude tem cada uma. Estão a morar na mesma casa e não se casaram! Onde é que já se viu uma coisa destas! Eu tenho um desgosto.

- Deixe lá, mãe, que eles estão bem. Dizem que vão fazer uma experiência e depois decidem se casam ou não.

- Tu já viste isto, Manuel?

- Olhe, não sei. Antes não era assim. A gente gostava de uma rapariga era para casar.



- Sim, Manuel, mas tu também não casaste. Ou será que casaste na Venezuela?
  - Eu não sou casado, Conceição. Eu sei que não sou santo, fiz muitas asneiras por lá, mas casar, não casei.
  - Pois é, meu filho, este mundo está mudado.
  - E a sua neta?
  - Ah! Essa casou. Mora na Vila. Fez-se uma festa de casamento que foi uma beleza. A família do noivo também ajudou, são pessoas de posses e ela está bem casada. Quando ela vier aqui vais conhecê-la. É uma bela duma rapariga.
  - E bisnetos? Ainda não há?
  - Esta juventude não pensa como antes. A gente casava, tinha filhos, mas eles agora não pensam assim. Têm outras coisas para fazer.
  - Deixe lá, mãe. Quando eles quiserem hão-de ter filhos. Qual é a pressa?
  - Mas diz lá, meu filho, queres perguntar mais alguma coisa da tua família?
  - Olhe, eu hoje gostava que me falasse da minha Arminda.
  - Lá isso eu não sei. A última vez que a vi foi no enterro de tua mãe. Ela foi à igreja e ao cemitério, chorou muito e depois nunca mais apareceu por aqui.
  - Mas e quando eu embarquei, ela vinha aqui falar com meu pai e minha mãe, saber de mim.
- Nesse tempo ela vinha, sim. Falava com tua mãe, contava o que tu dizias nas cartas, gostava de saber o que dizias nas cartas de teu pai, mas depois tu deixaste de escrever e foi a desgraça.
- Ela deixou de vir a nossa casa?
  - Ao princípio, ela vinha todos os domingos, tua mãe dizia que ela chorava muito, choravam as duas e depois foi deixando de vir, só de tempos a tempos e deixou de aparecer. Tua mãe dizia que ela tinha perdido a esperança.
  - Pois. Eu imagino.
  - Não imaginas, não. A rapariga não sabia o que pensar, às vezes achava que tinhas casado com outra, às vezes pensava que tinhas morrido.
  - Cruz, credo!
  - E então quando ela soube que tu tinhas desaparecido da casa de teu tio? Aquilo foi uma desgraça que caiu em cima da tua família e da Arminda. Até aí, eles sabiam que tu estavas com o teu tio, mas depois desapareceste. E onde é que tu estavas? Nem morto nem vivo, estes anos todos.
  - Eu já disse à vizinha que não podia dizer a ninguém onde é que estava para meu tio não ir atrás de mim.
  - Mas que diabo é que aconteceu? Eu conheci teu tio e sei que ele não era nada macio, mas também não era nenhum diabo!
  - A vizinha não faz ideia como as pessoas ficam quando só pensam em dinheiro. Ele só queria ganhar, comprar muitas coisas aqui, mostrar que era rico e tudo o resto não interessava para ele. Eu já lhe disse que nunca recebi um tostão da mão dele.
  - Mas tu devias-lhe a passagem.
  - Pois sim, mas trabalhei quase dois anos para ele! E a dívida nunca estava paga? Pelo menos fizesse contas comigo, como eu queria fazer com ele. Um dia, desapareci. Não ia trabalhar a vida inteira à conta da passagem. Ele também pediu dinheiro emprestado

para embarcar e sabia como era. Trabalhou, pagou e pronto. Mas comigo ele queria fazer diferente, achava que eu era escravo dele.

- Credo, rapaz! Nunca se ouviu falar uma coisa dessas! Quem pede dinheiro emprestado, trabalha e paga.

- Pois é. A vizinha já me entendeu. Eu não podia ficar amarrado a vida inteira.

- Mas devias ter escrito à Arminda.

- Pois devia. Olhe, deixei passar o tempo e depois, quando lhe escrevi, ela nunca me respondeu.

- Ah sim? Mas então porquê?

- Isso eu não sei. Ontem, quando falei com uma rapariga ao pé da antiga casa dela, fiquei a saber que a Arminda saiu de lá quando a mãe dela morreu. Talvez por isso ela não recebesse as minhas cartas.

- Então ela deixou a casa da mãe?

- Quando a mãe morreu, a Arminda ficou sozinha e foi embora.

- Mas foi para onde?

- Quem é que sabe?

- Amanhã vou passar por lá, vou bater à porta de uma vizinha dela, a mãe da rapariga que falou comigo, a ver se ela sabe da Arminda. Estou com fé que ela há-de saber.

- Então e a rapariga que falou contigo não sabe nada.

- Ela devia ser muito nova nesse tempo.

- Mas não percas a fé. Fala lá com a vizinha dela e ouve bem o que ela te disser. Até pode ser que elas não queiram dizer tudo o que sabem. Escuta bem, que às vezes, pelo bulir dos beiços, conhece-se quem tem dores de dentes.

- A vizinha sabe muito, é uma mestra.

- Olha, já aprendi muito nesta vida. Sabes, tu deixaste de escrever, foi como se tivesses abandonado a Arminda, elas viram-na a sofrer, devem ter-te uma reina. Tu foste um malandro que deixaste a rapariga aí e não fizeste mais caso dela. Prometeste casar com ela e não cumpriste a tua promessa.

- Isso é verdade! Eu já pedi perdão ao Senhor São Pedro e a Nossa Senhora de Fátima, já fui agradecer por ter falado com uma pessoa que conheceu a Arminda e hei-de voltar mais vezes à capela e rezar para conseguir encontrá-la.

- Fazes bem, meu filho, reza muito, apegate com Nossa Senhora que ela vai te ajudar. Há remédio para tudo nesta vida, só para a morte é que não.

- Não me fale em morte que eu fico doente. Só de pensar que a minha Arminda pode ter morrido!

- Não morreu, não. Ela deve ser pela tua idade, ainda não morreu.

- Sei lá, vizinha.

- Agora vamos comer e amanhã é outro dia.

- Obrigada, Conceição. Tu e tua mãe são a minha única família. Não tenho mais ninguém aqui.

Pum! Pum! Pum!

- Já vai.

- Bom dia, senhora.

- Bom dia. Precisa de alguma coisa?
  - Olhe, eu falei ontem com uma rapariga nova, bonita, e ela disse que a mãe mora aqui.
  - Ah! Então é o venezuelano que anda à procura da Arminda?
  - Sim, senhora. Eu vim da Venezuela à procura da Arminda.
  - Então agora lembrou-se dela? Depois de estes anos todos?
  - Eu sei que toda a gente deve estar reinando comigo...
  - E o que é que estava à espera? Pensava que era só chegar aqui e pegar no braço da Arminda e vamos embora? Então andou aí, para baixo e para cima com ela, pediu-lhe a mão em casamento, elas acreditaram em si e depois foi para a Venezuela ganhar dinheiro e a pobre ficou aí, abandonada como um cão. Isto é coisa que se faça?
  - A senhora tem razão. Mas também não sabe da minha vida. Eu sei que devia ter feito diferente, mas a minha vida não deu para mais. Ninguém faz ideia o que eu sofri por lá. E quando eu comecei a escrever à Arminda ela não respondeu às minhas cartas.
  - Pois. Ela foi embora daqui quando a mãe morreu.
  - Se me dissesse onde ela está, era um bem que a senhora me fazia e à Arminda também. Eu sei que ela vai gostar de saber que eu estou aqui para lhe pedir perdão.
  - Olhe, mas eu agora já não sei onde ela está e nem sequer sei se ela o quer ver. Ela guardou muita amargura por sua causa.
  - Eu sei. Mas eu quero pedir-lhe perdão e explicar-lhe tudo. Faça um bem a este desgraçado que está aqui cheio de remorsos.
  - Olhe, eu posso falar com minha irmã, que talvez ela saiba alguma coisa.
  - Mas qual é a casa de sua irmã? É aqui perto?
  - Não, a casa dela é um pouco afastada daqui. Eu à noite talvez fale com ela ao telefone e se ela souber alguma coisa depois eu digo-lhe.
  - Muito obrigado, senhora. Nem sei como lhe agradecer. Olhe, eu amanhã passo por aqui para saber o que ela lhe disse.
  - Não. Eu amanhã vou para a casa do meu filho, mas já que está com tanta pressa, vá à Festa de domingo a oito dias.
  - Sim? Mas então porquê?
  - Ela costumava à Festa do Santo Padroeiro todos os anos, mas não sei se irá este ano.
  - Está bem e muito obrigado
- Bem dizia a vizinha, as pessoas sabem mais que aquilo que dizem. Nem sequer quer que eu venha a casa dela. Aquilo de ela dizer que vai a casa do filho cheira-me que não está a falar verdade. Ela não gosta de mim, está reinando comigo.
- Ah! A vizinha hoje está aqui fora! É assim mesmo, sair à rua, ver pessoas, falar....
  - Então o que é que eu hei-de fazer? Conceição foi buscar umas couves acolá acima e eu fiquei aqui. Olha, já falaste com a tal senhora?
  - Eu já falei, mas acho que ela não quer dizer o que sabe.
  - Eu não te disse?
  - Ela diz que não sabe, que vai falar com uma irmã e também me disse que a Arminda costuma ir à Festa de São Pedro. Mas eu não sei se é verdade.
  - Talvez seja verdade, Manuel. Pela festa de São Pedro, ela costumava ir com tua mãe para rezarem por ti. A vizinha tinha muita fé e até tinha feito uma promessa.

- Será? Eu vou à Festa e talvez encontre a minha Arminda!  
- Agora ficaste mais animado.  
- No domingo eu vou à Festa , sento-me por lá a observar cada pessoa que entre na igreja. Estou com fé que a Arminda há-de aparecer por lá.

- Ah! Vou me pôr aqui, ao pé da pia da água benta, para ver bem quem vai entrando.

A Festa está bonita, a igreja cheia, muita gente na rua, mas e a Arminda?

Ó Senhor São Pedro, perdoa-me o mal que fiz à minha Arminda e ajuda-me a encontrá-la. Deus Nosso Senhor me perdoe os meus pecados e nos dê vida e saúde, a mim e à minha Arminda. Pai Nosso, que estás no céu...

A procissão está a sair e vou olhar bem para as mulheres todas. Mas... o que é aquilo? Parece que uma senhora caiu ao chão! O que terá acontecido? Com esta gente toda, como é que eu posso ver o que se passa?

- Sabe o que está acontecer?

- Foi uma senhora que desmaiou, mas parece que está a melhorar. Olhe, estão a metê-la num carro. Deve estar calor dentro da Igreja...

- Mas ela já estava aqui fora, no adro.

- Já devia estar mal disposta e deu-lhe um fanico. Mas já passou.

- Então, Manuel. Não descobriste nada?

- Ah! Conceição, já estou a ficar desanimado.

- Mas o que é isso? Não podes perder a fé. Não é nada fácil encontrar uma pessoa no meio desta gente toda?

- Será que já não conheço a minha Arminda?

- Quem sabe? Já se passaram tantos anos! E as pessoas mudam. Eu também não a vejo há anos, se calhar já não a conheço. Mas não podes desistir.

Ó Meu Senhor São Pedro, perdoa-me os meus pecados. Aqui fica o dinheiro da minha promessa e ajuda-me a encontrar a minha Arminda. Quando eu a encontrar, vou pagar o que lhe devo e a gente vem aqui, os dois, agradecer com um círio da nossa altura e um dinheirinho bom para a Festa e para a Igreja.

- Manuel, tenho um recado para ti.

- Diz, lá, Conceição.

- Esteve aí um rapaz a bater à porta. Como eu sabia que tinhas caminhado, perguntei o que era que ele queria. Era para te dar um recado. Eu disse que podia deixar o recado comigo, que todos os dias te vejo e que podia confiar.

- E então? Qual é o recado?

- Afinal, é só um número de telefone.

- Um número de telefone?

- Sim. Olha, é para tu ligares para este número, durante o dia, que têm uma notícia importante para te dar.

- Ah mãe! Ó minha Nossa Senhora de Fátima!

- Não entres em delírio. Nem sequer sabes que notícia é essa!

- O meu coração diz-me que vou ter notícias da minha Arminda. Ai que eu esta noite não durmo. Apetecia-me pegar no carro e caminhar.
- Tem calma, Manuel. Para onde vais todo desvairado?
- Estou desvairado, Conceição!
- Anda um bocadinho à nossa casa, faço-te um chá, conversa-se um bocado e amanhã telefonas para esse número.
- Logo de manhã vou telefonar. Posso telefonar da tua casa?
- Então não podes. Mas agora não. Ele disse que era durante o dia. Espera até amanhã.
- Ai que eu não vejo o dia amanhecer.
  
- Conceição, estás aí?
- Então, Manuel, já andas aí alerta, a esta hora?
- Eu estou nervoso e só me apetece telefonar.
- Tem calma. Não vais telefonar a esta hora. Quem sabe se vais acordar alguém? Senta-te aí e toma um cafezinho mais eu. Está na hora da matina.
- Quero lá saber de comer. Estou desejando de saber as novidades.
- É. Para vir alguém a tua casa trazer um número de telefone é porque te querem dizer alguma coisa de importante.
- E quem será essa pessoa?
- É um rapaz bem apessoado, nem novo nem velho, mas eu não o conheço. E ele também não me conhece. Bateu na tua porta para falar contigo.
- É um grande mistério.
- Mas uma coisa é certa, se ele veio à tua procura é porque sabe que chegaste de fora e que estás a morar na casa de teu pai. Está bem informado.
- Deve ter sido a mulher que mora ao pé da casa da Arminda. De certeza que ela falou com a Arminda e contou que eu ando à procura dela.
- Tens razão. Essa mulher sabe o que se passa e, se não te disse, deve ter alguma razão. Talvez a Arminda não quisesse falar contigo.
- Mas agora decerto que já quer, já mudou de opinião. Será? Eu vou telefonar já a ver o que dá.
- Sim? Olhe, diga-me donde é que fala. É do Lar de Idosos? Sim, mas onde é. Eu gostava de falar com a Arminda. Está bem. Muito obrigado.
- Conceição, uma senhora do Lar disse que a minha Arminda chega às nove! Eu vou já para lá! Tu sabes onde é?
- Sei, Manuel. Eu vou contigo. Mãe, eu vou dar uma volta com o Manuel. Até logo.
  
- Bom dia, eu telefonei há bocado para aqui e uma senhora disse-me que a Arminda chegava às nove. Será que eu podia falar com ela?
- Como é que o Senhor se chama?
- Sou o Manuel, Manuel de Freitas. A Arminda sabe quem é.
- Espere um bocadinho.
- Então é o senhor que quer falar com a Arminda?
- Sim, senhora.
- Então o senhor, depois de tantos anos embarcado quer falar com ela?

- Olhe, eu vim de propósito falar com a Arminda e explicar-lhe tudo.
- Entre e espere ali, naquela salinha.
- Muito obrigado.
- Bom dia! Então agora é que te lembraste de mim? Estás a conhecer-me?
- Perdoa-me, Arminda! Eu nem sequer sei como é que te vou dizer o que estou a sentir. Olha que eu nunca te esqueci.
- E achas que eu vou acreditar nisso? Há vinte e cinco anos que me deixaste ao pé de minha mãe e de minha irmã, desonrada, e só agora é que apareces? Então eu merecia uma coisa destas?
- Não merecias, não. Eu estou aqui para te pedir perdão. Eu vou explicar tudo o que me aconteceu e porque é que eu deixei de te escrever.
- Tu não mereces perdão. Foste um canalha!
- Eu sei que não mereço perdão. Já pedi perdão a Nosso Senhor, ao Senhor São Pedro e a Nossa Senhora. Eu sei que estou perdoado pelo céu, sei porque Nosso Senhor me concedeu a graça de te encontrar e se tu me ouvires também me vais perdoar.
- Olha, eu já sabia que tinhas ido à nossa casa à minha procura e decidi que não te queria ver. Pedi à vizinha que não dissesse onde é que eu estava para não ter de te ouvir, mas quando eu te vi na Igreja, no dia da Festa, olha, até me deu uma cegueira e caí ao chão.
- Ah! Foste tu que desmaiaste à saída da procissão?
- Fui eu, sim. Eu olhei bem para a tua cara e tu olhaste para mim e não me conheceste. Deu-me uma aflição e não me segurei.
- Desculpa, Arminda, mas eu só me lembrava de ti mais nova...
- E agora já sou uma velha, não é assim?
- Tu és sempre linda e és a minha Arminda que eu guardei sempre no meu coração.
- Eu imagino que tu só pensavas em mim, nunca olhaste para outra mulher?
- Arminda, eu não sou um santo, o que eu fiz não se deve fazer, mas eu andei de cabeça perdida, e quando comecei a escrever-te tu não respondias às minhas cartas e nessa altura eu não podia vir para cá.
- Ah! E agora já podes?
- Eu vim para te levar comigo.
- Pára lá com os bois que eu ainda não disse que te perdoava. Por hoje ficamos por aqui que eu tenho de trabalhar.
- Arminda, diz-me a que horas sais daqui que eu venho buscar-te e a gente conversa mais um bocadinho. Eu ainda não te expliquei quase nada.
- Hoje não. Eu vou pensar no que tu me disseste e amanhã... Olha, telefona e eu digo se podes vir ou não.
- Está bem, Arminda. Mas agora que te encontrei não me vires as costas. Até amanhã. Pensa em mim que eu vou passar o dia e a noite a pensar em ti.
  
- Então, Manuel? A Arminda o que é que te disse? Ela perdoou-te?
- Não sei. Mas eu não vou deixar ela me fugir. Ah! Não! Amanhã vou telefonar, como ela me disse, mas antes disso eu vou observar bem, ver para onde é que ela vai, onde mora...

- Tem cuidado. Se ela disse para telefonares amanhã, não faças muita força, respeita a vontade dela.
- Eu vou te pôr a casa e volto para aqui. Não sei a que horas ela acaba o trabalho, mas eu espero com paciência.
- Ainda há pouco ela entrou ao serviço e tu já vais espiar a saída dela! Toma juízo, homem!
- Eu sei o que tenho a fazer. Eu tenho de rezar a Nossa Senhora e pagar a minha promessa. Depois vou rezar ao Meu Santo. A promessa só posso pagar quando a minha Arminda quiser ir comigo. Eu prometi que íamos os dois, eu e a minha Arminda, cada um com um círio da nossa altura, agradecer e meter um dinheiro na caixa das promessas. Mas eu não sei onde hei-de comprar os círios. Tu sabes?
- Vais à igreja falar com o Senhor Vigário. Eu acho que é a igreja que vende essas coisas. Mas tu ainda não sabes se a Arminda te perdoa!
- Eu sei que ela vai me perdoar. Eu vi nos olhos dela. Ela disse tanta coisa, brigou comigo, mas foi para aliviar o coração. Ela vai perdoar-me, a gente vai se casar e depois vai-se para a Venezuela.
- Oxalá que dê tudo certo como tu queres.
  
- Ó meu Senhor São Pedro, eu pedi tanto para encontrar a Arminda e o meu santo concedeu-me essa graça. Foi aqui, no adro desta Igreja, que o Senhor Ihe tocou no coração e ela me olhou, cheia de amor por mim. Eu agradeço de todo o coração esta graça e, se ela me aceitar como eu espero, a gente vai casar nesta Igreja e o meu santo vai nos abençoar para o resto da nossa vida. Que Deus Nosso Senhor nos proteja e nos ajude na nossa vida que vai começar daqui para lá. Pai Nosso...
  
- Então, Arminda, como passaste de ontem para hoje?
- Passei bem. E tu?
- Ah! Eu quase não dormi a pensar em ti!
- Imaginem! A pensar nesta velha!
- Não digas isso, Arminda. Eu também já não sou novo, mas ainda temos mais uns aninhos para viver juntos. A partir de agora não vamos mais separar-nos.
- Espera aí, a gente ainda não casou.
- Está certo, mas vamos casar. É só tratar dos papéis. Se quiseres, podes deixar já o trabalho e podes vir para a minha casa.
- Não venhas com essa esperteza toda. Não! Agora, só quando a gente casar.
- Está bem, é como tu quiseres.
- Já lá vão vinte e cinco anos que me levaste na conversa mole, fomos para o palheiro, não havia problema, logo, logo, vinhas casar comigo...
- Eu sei.
- Ah! Pois! Eu nessa hora disse-te: Manuel, eu agora estou desonrada, não posso casar com mais ninguém. Ficas-me devendo a minha honra. E tu o que disseste?
- Eu sei o que te prometi e agora estou aqui para pagar o que te devo.
- E se eu tivesse morrido? Vinha puxar-te pelas canelas.
- Mas não morreste, estás aqui e eu vou dar-te uma boa vida, com amor e alegria.

- Juras?
- Juro de todo o coração. Mas logo que tu possas, talvez no domingo, vamos os dois à Igreja, com um círio da nossa altura, pagar a promessa que eu fiz, logo que cheguei à Madeira. Já comprei os círios e estão lá na sacristia à nossa espera.
- Estou contente, Manuel. A gente fez as pazes e Nosso Senhor vai ajudar-me a curar esta amargura que eu ainda guardo no coração. Acho que agora estamos em paz.
  
- Mãe, veja como eles vão bonitos, o Manuel e a Arminda.
- Conceição, ainda bem que eu vivi para ver estes dois felizes, com um círio mão...
- Estão muito bonitos.
- Esta gente está a fazer fotografias.
- São pessoas amigas, que sabiam da história dela e a ajudaram a vencer a vida este tempo todo.
- Só tenho pena que a mãe dele não esteja aqui com a gente para apagar as mágoas.
- As mágoas já passaram e agora é tempo de festejar. Eles vão lindos e felizes.



## AO AMOR

Este lugar é muito especial. Gente fina, bem apresentada, bem educada, com ar importante, todos muito senhores dos seus gestos, dos seus gostos, dos seus fatos finos. Gosto de sentar-me neste lugar que Ferreira de Castro chamou a Esquina do Mundo.

Em tempos idos, eram sobretudo os turistas que aqui se sentavam. Vindos dos paquetes que ancoravam ao largo, saltavam no cais, subiam a Avenida de Zarco e sentavam-se nesta Esquina, a saborear o café, o chá, o vinho Madeira. É claro que alguns madeirenses também escolhiam este lugar para se sentarem, mas só os mais importantes, os que falavam inglês e francês e tinham negócios na baixa, nas agências de viagens, nas importações e exportações. Enfim, a elite madeirense.

Aquele senhor, de cabelo branco e borboleta ao pescoço, ainda é desses tempos. E todos os dias ali se senta pelas dezassete horas, e ali fica até mais tarde, saboreando o seu Madeira. O empregado já sabe. O mesmo de sempre? Sim, o meu sercial.

E lá está ele, de fato escuro, sempre bem escovado e engomado, colarinho branco e borboleta escura. Olha para o copo, para as árvores, para o espaço. Nunca olha para as pessoas à volta, a não ser que o cumprimentem. Aí ele olha, cumprimenta com um gesto de pessoa educada e torna à mesma postura, alheio ao que se passa por perto, mas com o pensamento em algo distante e sublime ao mesmo tempo. Em que pensa ele? Pensa naquele sentimento muito forte que lhe ocupa a memória e o pensamento.

Se entrássemos nos seus pensamentos, conseguiríamos lobrigar uma história muito antiga, passada num fim de tarde ameno de Primavera. Os jancarandás estavam floridos e espalhavam um manto azul sobre a calçada. Que lindo! Disse ela. É uma maravilha! A senhora também gosta das flores dos jacarandás? Gosto das flores, das árvores, desta avenida, desta cidade, deste lugar. Tudo aqui é belo, tranquilo, romântico, excitante. Deve ser bom viver aqui. É bom, é. Mas às vezes falta-nos mais alguma coisa, mais espaço, talvez. Estamos numa ilha. Eu sei, pude ver a ilha do mar. Quando começámos a avistar a terra. Primeiro algo de muito indefinido, depois os contornos dos picos, as montanhas, o verde da paisagem, as casinhas encravadas nas rochas, nas escarpas. Pensei para mim: Como seria bom viver ali, num daqueles lugares, numa casinha modesta, branquinha, de telhado vermelho e persianas verdes!

Um jardim com árvores e flores, relva verde e uma varanda virada para o mar, toda a noite ouvindo o marulhar das ondas.

O café arrefeceu na chávena e os pensamentos voaram para outras paragens. Outras realidades se sobreponham àquela visão bucólica e romântica, àquele desejo de sossego e paz de alma. Ele esperou pacientemente que ela continuasse, mas ela parou, no tempo e no espaço. E foi ele quem recuperou a conversa interrompida.

Esse seu desejo poderia realizar-se. Desde que queira... Oh! Eu estava sonhando, delirando. Como poderia eu desprender-me e instalar-me aqui! Bem que eu queria, mas... A vida às vezes é muito complicada e impede-nos de realizar os nossos sonhos, os nossos desejos. Foi apenas um devaneio, uma tentativa de fuga à realidade. Mas então, vejo que se encantou com a nossa paisagem, com as nossas belezas. Só falta conhecer um pouco as pessoas. É verdade, as pessoas. Muito importante conhecer as pessoas. Que tal um pouco de vinho Madeira, para nos conhecermos melhor, enquanto conversamos? Está bem.

Vão saboreando aos golinhos, ele sempre com os olhos cravados nela, ela a olhar e a fugir, o calor do sercial a subir às faces. Este vinho é forte! Não gosta? Ah! Se gosto! É muito aromático, doce, vermelho, quente. Sobretudo quente. Vamos fazer um brinde? Um brinde? Vamos brindar? Sim, vamos brindar ao amor, à beleza e à vida simples. Sim. Ao amor, à beleza, à vida simples e à pessoa mais simpática que encontrei na vida. Ele sentiu-se corar, lisonjeado, e continuou a alimentar aquela conversa amorosa e envolvente.

Eu estou a pensar naquela casinha branca que há pouco me descreveu, com um jardim e uma varanda para o mar. Mas creio que lhe falta qualquer coisa. O quê? Umas parreiras de uvas para saborear em Setembro e fazer um vinho destes. Claro, tem de haver uvas para se fazer o vinho, vinho Madeira. Na Madeira produzimos o sercial, o verdelho, o boal, o malvasia. São vinhos de qualidade. A Inglaterra também importa destes vinhos. Sabia? Não. Não sabia.

Aquele sercial selou um encontro e iniciou um belo romance de amor. Amor, sim, fugaz na presença, infinito no tempo. Mas tudo tem os seus limites, até o AMOR.

Estará ele a pensar nesse amor perdido há tantos anos? Quantos? Vinte, vinte e cinco... Por aí. Mas ele continua a pensar numa noite de amor no Hotel Reid's. Ela ao seu lado, romântica, suspirando de amor e de remorso. Como posso estar aqui contigo

se a minha viagem é para encontrar-me com o meu marido, que me espera no fim da linha, ao fim da viagem. Capetwn? Sim, ele deve estar lá, à minha espera. Mas o fim da viagem é Pretória.

Ele sentia aquela ansiedade, aquele tremor de voz e escutava. Era uma história longa, triste e dolorosa. O pai tinha negócios com o marido dela. Um em Londres, outro em Pretória. A dado momento, os negócios começaram a sofrer reveses, entraram em processo de falência. Esses problemas foram bem explicados na altura própria. Mais tarde veio a saber-se que o sócio de Pretória tramou o sócio de Londres, o pai dela, que se viu a braços com os credores e o Tribunal. Ficou miserável e só não foi preso porque entregou a filha em casamento para o seu sócio, o mesmo que o roubou e incriminou. Ela foi forçada a aceitar, para não ver o pai na lama, na cadeia. Fora a salvação do pai.

Deixa o barco partir e ficas cá. Prometo que encontro uma casa branquinha com jardim para vivermos o nosso amor. Não pode ser. Tenho de partir. O dever chama-me. Sei que não amas o teu marido, porque estás aqui comigo. Se o amasses não lhe serias infiel, não aceitavas este amor que despontou rapidamente no nosso peito e cresceu esta noite como uma alcachofra em noite de S. João. O que é isso? Na noite de S. João, de 23 para 24 de Junho, as raparigas arrancam alcachofras, queimam-lhe as folhas e tornam a plantá-las, cada uma com o nome de um rapaz. Logo de manhã, antes de o sol nascer, vão ver qual delas refilou. Aquela que brotar folhas durante a noite indica o nome do rapaz com quem ela há-de casar.

Isso acontece mesmo? Dizem que sim. Eu nunca vi, mas sei que o meu amor por ti nasceu e cresceu no espaço de uma noite e já tem raízes, folhas e flores. Tem tudo o que é preciso para vencer ventos e marés. Não precisas atravessar o oceano para encontrares um homem que não te ama como eu.

Tudo isto é muito bonito. É a coisa mais bela que pode acontecer no mundo. Duas pessoas encontram-se, olham-se, brindam com vinho Madeira, desejam-se, amam-se, vivem uma noite de amor, tão fugaz como uma simples labareda. E agora? Depois de conhecer o amor tenho de deixar-te para encontrar-me com um homem que me comprou. Que história é essa!? A escravatura já acabou. Não acabou em toda a sua extensão. Ainda há seres humanos que compram e vendem pessoas. Pior: matam pessoas e deixam-nas vivas para continuarem a martirizá-las. Foi isso que ele

fez com meu pai e comigo também. E tu vais encontrar-te com um homem desses? Vou. Enquanto meu pai for vivo, tenho de submeter-me.

Que horror! Deve haver alguma maneira de reverter essa situação. Meu pai é advogado, há-de poder salvar o teu e libertar-te desse infame casamento. Não penses nisso. Eu vou partir, vou beber o cálice da amargura, do suplício. Quando eu puder, volto. Voltas? Sim, voltarei, mas não sei quando. No dia que regressar não estarás à minha espera, decerto que não, mas eu voltarei. Volta, que eu estarei sempre à tua espera.

E ela partiu, com a tristeza na face e ele a acenar-lhe do porto, com os cabelos desgrenhados ao vento, o lenço branco a voar e, ao mesmo tempo, a enxugar as lágrimas que lhe corriam pelas faces.

Selaram o seu amor no quarto do hotel com uma garrafa de sercial e ela levou consigo uma igual, para fazer-lhe companhia na viagem e aquecer-lhe a alma em alto mar. Não deixes cair a garrafa ao mar! Não vou perdê-la nunca! É o meu talismã!

E lá partiu ela numa manhã de chuva e nevoeiro, deixando-o envolto na tristeza, na saudade, na espera sem fim. Sim, porque ele queria acreditar nas juras de amor e no regresso dela, mas era tudo muito incerto.

E um dia chegou a carta:

Meu querido amor

Escrevo-te enquanto o barco avança pelo oceano. Vou tentar compor uma mensagem, olhando para a garrafa de sercial aqui ao meu lado, orgulhosamente erguida, a lembrar-me como selámos o nosso amor. É o meu talismã, como já te disse. De vez em quando tomo um golinho, pequenino, para durar muitos dias, até ao fim da viagem. Quando desembarcar no Porto de Capetwn, não me desfaço dela, tenciono levá-la comigo para sentir uma presença tua. “Leva esta garrafa para aquecer-te durante a viagem e pensares um pouco em mim.”- Disseste-me à despedida. É a melhor lembrança que me podias oferecer. Vai acompanhar-me, aquecer-me o coração e recordar os teus afagos.

Amor, esta noite estive no convés, observando o mar salpicado de reflexos das estrelas, esse mar que nos une, através do espaço. Quando estiver em Pretória não poderei ver o mar e a saudade (como se diz em português) vai ser mais intensa e mais dolorosa. Não sei como vou suportá-la. E deve ser por muito tempo.

Estou novamente a olhar para o mar, tentando imaginar-te nessa Ilha, tão bela e sorridente. Imagino-te no Golden, a tomar o teu cálice de Madeira, o teu sercial. Acredito que também pensas em mim. Será verdade? Tem de ser verdade. E eu queria estar aí, contigo, olhando as flores, as árvores, as casinhas brancas...

O sercial já está no fim. Não quero que ele termine antes desta viagem, por isso apenas lhe toco com os lábios de vez em quando, e assim consigo materializar os teus beijos, tão doces e carinhosos, mas que se apagaram tão fugazmente. Só me resta este restinho de sercial, este aroma e este calor com que festejámos o nosso amor.

Amor, acabei de beber o vinho madeira, o pouco que restava, porque já estou avistando terra. Daqui por algumas horas estarei no Porto, onde me espera o meu marido. Não sei como, mas vou tentar meter esta carta no correio. Talvez peça a alguém que o faça por mim, porque o meu marido não pode saber. Quando chegar a casa dele, tentarei escrever-te, se puder.

Adeus, meu amor. Pensa em mim, enquanto saboreias o teu Madeira.

Aquela missiva chegou e alegrou o coração saudoso. Correu os olhos pela carta diversas vezes, saboreou aquela doce melodia, pressentiu o amor em cada letra. Mas como materializar esse amor? O amor requer a presença da pessoa amada. Mas, por enquanto, ainda se delicia naquela carta, onde ainda tenta absorver o perfume dela, apesar do tempo e da distância. Tudo é possível, para os corações que amam.

Entretanto, depois das suas ocupações diárias, passa os fins de tarde no Golden, saboreando o seu Madeira. E espera. Espera por mais notícias. Ela há-de conseguir enviar-me uma mensagem às escondidas. Quando conhecer melhor o lugar e os hábitos do marido, há-de consegui-lo.

Mas os dias passam, as noites são intermináveis e a tão desejada carta nunca chegou.

Ele desconhecia por completo o que se estava a passar. Uma vez chegada àquela terra, ela foi levada pelo marido para uma grande propriedade, onde trabalhavam muitos negros. O marido saía, às vezes passava as noites fora e ela ali ficava, dias e semanas, enfiada numa fazenda, ela que nasceu e cresceu na cidade de Londres. Por vezes, raras vezes, saía com o marido, mas sem a mínima oportunidade de fazer o que tanto desejava: meter uma carta no correio.

Para não endoidecer, pôs-se a percorrer a fazenda, conhecer aquele espaço que era a sua prisão, mas depressa se cansou daqueles passeios. As cartas do pai eram remetidas para o escritório e recebia-as da mão do marido. As suas cartas para Londres eram entregues também ao marido que lhas metia num marco do correio da cidade de Pretória. Estava prisioneira dum marido presente e ausente ao mesmo tempo.

O tempo passava muito triste e muito devagar. Apenas lhe restava aquela garrafa vazia, guardada cuidadosamente. De vez em quando abria-a para sentir aquele aroma doce, que lhe aquecia o coração, e fechava-a rapidamente, para não se esgotar esse prazer, o único que lhe restava e lhe trazia de volta o amor lá longe, no meio do Atlântico.

Para ocupar o tempo, começou por relacionar-se com as empregadas que faziam o serviço doméstico. Saber as suas vidas, os seus problemas, apoiá-las na medida das suas possibilidades. Depois tentou conhecer as outras mulheres dos serviços agrícolas: como viviam, como trabalhavam, o que ganhavam. Assim descobriu que aquela gente também era escrava do marido. Viviam confinados aos limites daquela grande propriedade, com baixos salários, com vidas muito limitadas, sem perspectivas de melhoria, nem para eles nem para os seus filhos.

Como o marido passava muitos dias fora, dispôs-se a ensinar alguns a ler e a escrever. Mas era uma tarefa árdua e pouco produtiva, porque eles pouco sabiam de inglês e os afazeres eram muitos. Aliás, havia um capataz que os vigiava e lhes dava poucas folgas.

E assim passava os dias, os meses e os anos. As cartas do pai eram um pouco lacónicas e ela pressentia que algo não estaria bem, mas era difícil adivinhar. Até que um dia chegou a malfadada notícia. O pai sucumbira à doença que o minava desde que ela partira.

Entrou em desespero, suplicou ao marido que a deixasse voltar a Londres, para ao menos visitar a sepultura do pai. Afinal, sacrificou-se para que o pai vivesse livre e de cabeça erguida, mas ele sucumbiu. E nada mais restava, a não ser aquela doce lembrança, avivada pela garrafa vazia de sercial.

Deixou-se sucumbir pelo desgosto e em breve estaria doente, metida numa cama, numa grande propriedade da África do Sul. Um dia, o marido chegou a casa e

ficou preocupado com a saúde da mulher. Estava muito débil, não reagia ao tratamento e o médico previu um mal interior, problemas sentimentais e psicológicos.

Para animá-la, ele prometeu levá-la a Londres. Essa ideia animou-a, melhorou da doença, mas continuava sorumbática e alheada da vida. Só pensava em voltar.

E o marido decidiu pela viagem. Foram a Londres, mas foi tudo muito rápido, sempre vigiada e logo foi levada para o aeroporto e de lá para a África do Sul. E foi deixando passar o tempo, uma vez que a vida lhe negava a liberdade e o amor.

Entretanto, dá-se o milagre. Fortes movimentações políticas agitam o País. Mandela, o símbolo da resistência e libertação dos negros sul-africanos sai da prisão. Seguem-se dias e meses de luta pela liberdade. A esperança levanta os ânimos e liberta as almas dos medos da prepotência racista.

Seguem-se as eleições e Mandela é eleito. Os humilhados revoltam-se em diversos pontos do país. E naquela grande propriedade, onde ela também se sentia privada de liberdade, deixou de haver negros a trabalhar. O homem perdeu a cabeça, abandonou tudo e voltou com a mulher para a Inglaterra. Não conseguia viver naquela terra onde já não imperava o apartheid. E foi a libertação dela.

Uma vez na Inglaterra, exigiu o divórcio e foi viver a sua vida.

O mesmo de sempre? Sim, o meu sercial. Saboreando o seu Madeira, em pequenos golos, avista uma dama, inglesa, de certeza. Ela olha em volta, procura nas mesas, aproxima-se e chama o empregado: um sercial, se faz favor. Senta-se ao lado dele, de copo na mão: Vamos brindar? Ah! Voltaste?! Voltei, pois, como prometido. Vamos brindar. Ao amor, à beleza e à vida simples. E ao homem mais amoroso e fiel que eu encontrei na vida. Ao AMOR!